

Como Treinar o Seu Dragão

O LIVRO QUE
INSPIROU O FILME



por

Soluço Spantosicus
Strondus III

traduzido do Antigo Norueguês por
CRESSIDA COWELL

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Como Treinar o Seu Dragão

O LIVRO QUE
INSPIROU O FILME



por

Soluço Spantosicus
Strondus III

traduzido do Antigo Norueguês por
CRESSIDA COWELL

intrínseca

Como Treinar o Seu Dragão

~Calouros da Tribo dos Hooligans Cabeludos~



Soluço



BAFOCA DE MALUQUICIO



Perdido



Cabeça quente Júnior



Punho Rápido



Perna-de-peixe



ESPINHA-DE-PORCO



Meleguento

Como Treinar o Seu Dragão



por
Soluço Spantosicus
Strondus III

traduzido do Antigo Norueguês por
CRESSIDA COWELL




Este livro é dedicado ao meu bom amigo Bunyala.
SSS III

Cassida Cowell gostaria de dedicar este livro a seu irmão CASPAR, com amor e admiração.

Copyright do texto e das ilustrações © 2003 Cassida Cowell
Publicado inicialmente na Ge5-Bestinha em 2003.

TÍTULO ORIGINAL

How to Train Your Dragon

TRADUÇÃO

Helôisa Prieto

COFEDORQUE

Mariana Kimoli

REVISÃO

Liciane Corrêa

Maria da Glória Carvalho

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Julio Mosvix

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

ô de casa

Atenção: ...
Qualquer semelhança com algum fato
histórico é a mais completa coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C915c Cowell, Cassida
Como treinar o seu dragão / [texto e ilustração]
Cassida Cowell; tradução de Helôisa Prieto. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2010.

Tradução de: How to Train Your Dragon
Continua com: Como ser um pirata
ISBN 978-85-98078-71-7

I. Literatura infantojuvenil. I. Prieto, Helôisa. II.
Título.

10-0143.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2010]

Tudo os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua dos Otis, 50
22451-050 Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

~ SUMÁRIO ~

Nota do autor.....	9
1. Primeiro, capture o seu dragão.....	10
2. Dentro da creche de dragões.....	22
3. Heróis ou exilados.....	39
4. Como treinar o seu dragão.....	54
5. Um papo com Velho Enrugado.....	69
6. Enquanto isso, no fundo do oceano.....	75
7. Banguela desperta.....	77
8. Treinando o seu dragão do jeito difícil.....	89
9. Medo, vaidade, vingança e piadas imbecis.....	97
10. Quinta-feira, Dia de Thor.....	111
11. Thor está irado.....	135
12. Morte Verde.....	153
13. Quando a gritaria não funciona.....	164
14. O plano diabolicamente astuto.....	174
15. A Batalha Mortal no Promontório da Morte....	185
16. O plano diabolicamente astuto dá errado.....	190
17. Na boca do dragão.....	194
18. A coragem extraordinária de Banguela.....	198
19. Solução, o Útil.....	208
Epílogo do autor Solução Spantosicus Strondus III, último Herói Viking.....	219







←
soluço
Spantosicus
Strondus
Terceiro

Nota do Autor

Os dragões existiam quando eu era menino.

Havia os grandes e austeros dragões celestes, que se aninhavam no alto dos rochedos como se fossem pássaros gigantescos e assustadores. Os dragões pequeninos, marrons, de cauda curta, que perseguiram ratos e camundongos em bandos bem organizados. Os Dragões do Mar, absurdamente imensos, vinte vezes maiores que uma baleia-azul, que matavam só por diversão.

Você precisará acreditar em minhas palavras, pois os dragões estão desaparecendo tão rapidamente que logo estarão extintos.

Ninguém sabe o que está acontecendo. Eles estão voltando aos mares de onde vieram, sem deixar um osso, uma garra, um indício qualquer para que os humanos do futuro possam recordar-se deles.

Então, para que essas criaturas excepcionais não sejam esquecidas, eu lhes contarei a verdadeira história de minha infância.

Eu não fui o tipo de garoto capaz de treinar um dragão apenas com um erguer de sobancelhas. Eu não era um herói nato. Precisei me esforçar muito. Esta é a história de como me tornei herói do jeito mais difícil que existe.

1. PRIMEIRO, CAPTURE O SEU DRAGÃO

Há muito tempo, na selvagem e ventosa Ilha de Berk, um viking pequenino com nome comprido estava de pé na neve.

Soluço Spantosicus Strondus Terceiro, a Grande Esperança e o Herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos, sentia-se levemente enjoado desde que despertara pela manhã.

Dez garotos, incluindo Soluço, esperavam se tornar membros da Tribo após passarem no Programa de Iniciação em Dragões. Eles estavam de pé na pequena praia deserta, no lugar mais vazio da desolada ilha. Caía muita neve.

– **PRESTEM ATENÇÃO!** – gritou Bocão Bonarroto, o soldado encarregado de fazer a Iniciação. – Esta será nossa primeira operação militar, Soluço será o comandante do grupo.

– Ah, o So-luço, não – grunhiram Bafoca de Maluquício e a maioria dos garotos. – Não pode colocá-lo no comando, senhor, ele é um **INÚTIL**.

Soluço Spantosicus Strondus Terceiro, a Grande Esperança e o Herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos, limpou o nariz na manga da roupa, desanimado. Ele afundou um pouco mais na neve.



Bocão Bonarroto,
Idiota encarregado
da Iniciação

– QUALQUER UM seria melhor que Solução – zombou Malvado Melequento. – Até mesmo Perna-de-peixe.

Perna-de-peixe tinha um estrabismo que o deixava quase cego e era alérgico a répteis.

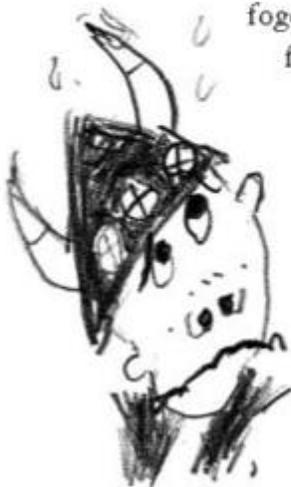
– SILÊNCIO! – rugiu Bocão Bonarroto. – Quem mais abrir a boca vai comer moluscos no almoço nas próximas TRÊS SEMANAS!

O silêncio foi imediato. Moluscos parecem minhoca, ou meleca, e são bem menos saborosos que qualquer um dos dois.

– Solução será o responsável, e isso é uma ordem! – gritou Bocão, que não sabia falar mais baixo.

Ele era um gigante de dois metros com um brilho alucinado no olhar e uma barba que parecia fogos de artifício explodindo. Apesar do frio extremo, usava bermudas e um colete de couro de veado que deixava entrever sua pele vermelho-lagosta e seus enormes músculos. O viking trazia uma tocha flamejante na mão gigantesca.

– Solução será o líder, embora ele seja, eu admito, completamente inútil, porque o garoto é o filho do



CHEFE, e é assim que funciona entre nós, vikings. Onde vocês pensam que estão? Na REPÚBLICA ROMANA? De qualquer modo, esse, hoje, será o menor de seus problemas. Vocês estão aqui para provar sua capacidade de se tornarem Heróis Vikings. Essa é uma antiga tradição da Tribo dos Hooligans.

Vocês precisam... – Bocão fez uma pausa, bem teatral. – PRIMEIRO, CAPTURAR O SEU DRAGÃO!

“Com mil moluscos!”, pensou Solução.

– Nossos dragões são o que nos diferencia! – gritou Bocão. – Humanos treinam gaviões para caçar e cavalos para carregá-los. Apenas os HERÓIS VIKINGS se atrevem a domar as criaturas mais selvagens e perigosas da face da Terra.

Bocão cuspiu na neve com ar solene.

– O Teste de Iniciação em Captura de Dragões tem três etapas. A primeira, e mais perigosa, avalia sua coragem e habilidade de assalto. Se querem entrar na Tribo dos Hooligans, primeiro vocês precisam capturar os seus dragões. E é POR ISSO – prosseguiu Bocão, falando bem alto – que eu os trouxe



ao cenário adequado. Vejam o Rochedo do Dragão Selvagem com os próprios olhos.

Os dez garotos viraram a cabeça para trás.

O rochedo se elevava diante deles, sombrio e sinistro. No verão, mal se podia vê-lo, pois dragões de todos os formatos e tamanhos se empoleiravam por ali, grunhindo, mordendo e produzindo uma cacofonia, com ruídos que se espalhavam por toda a região de Berk.

No inverno, porém, os dragões hibernavam e o rochedo caía no silêncio, com exceção de alguns roncões abafados e lúgubres. Soluço sentia nas sandálias as vibrações sob seus pés.

– Agora – disse Bocão –, vocês repararam naquelas quatro cavernas que ficam na metade do rochedo, agrupadas mais ou menos no formato de uma caveira?



Os meninos concordaram com um aceno de cabeça.

– Dentro da caverna que seria o olho direito da caveira está a creche dos dragõezinhos, onde, **NESTE EXATO MOMENTO**, três mil filhotes de dragão estão hibernando, em suas últimas semanas de inverno.



– OOOOOOOH! – murmuram os meninos, animados.

Soluço engoliu em seco. Ele sabia muito mais sobre dragões que qualquer outra pessoa ali. Desde pequeno era fascinado por essas criaturas. Passara horas observando-as, escondido. (Os observadores de dragões eram considerados nerds, por isso mantinham suas atividades em segredo.) E tudo o que Soluço aprendera sobre dragões lhe dizia que entrar em uma caverna com três mil deles seria loucura.

Mas ninguém parecia muito preocupado com isso.

– Em poucos minutos vou querer que vocês escolham uma dessas cestas e comecem a escalar o rochedo – comandou Bocão. – Depois que tiverem passado pela entrada da caverna, ninguém os ajudará. Sou grande demais para me espremer pelos túneis que levam à creche de dragões. Vocês entrarão na caverna **SILENCIOSAMENTE**. E isso também se aplica a você, Espinha-de-porco, a menos que queira ser a primeira refeição primaveril de três mil dragões famintos. **HÁ! HÁ! HÁ! HÁ!**

Bocão riu muito de sua própria piada, depois continuou:

– Dragões desse porte normalmente são inofensivos aos seres humanos, mas em grande número podem agir como piranhas. Não sobraria nada de ninguém, nem mesmo de um gordinho como você, Espinha-de-porco. Só restariam uma pilha de ossos e seu capacete. **HÁ! HÁ! HÁ! HÁ!** Então... Vocês



caminharão **SILENCIOSAMENTE** pela caverna e cada garoto vai roubar **UM** dragão adormecido. Ergam o dragão da rocha **CUIDADOSAMENTE** e coloquem o bicho dentro de sua cesta. Alguma dúvida até aqui?

Ninguém disse nada.

– Se por acaso alguém despertar o dragão, e é preciso ser **ABSURDAMENTE IDIOTA** para fazer isso, corram a toda a velocidade para a entrada da caverna. Os dragões não gostam de frio, e a neve provavelmente os impedirá de seguir seus rastros.

“Provavelmente?”, pensou Solução. “Ah, claro, *isso* é animador.”

– Sugiro que dediquem algum tempo a escolher o seu dragão. É importante apanhar um bicho que seja do tamanho certo. Ele vai pescar e caçar veados para vocês. Vão escolher o dragão que os conduzirá à batalha futuramente, quando vocês forem mais velhos e tiverem se tornado Guerreiros da Tribo. Além disso, vocês querem um animal impressionante, então, grosseiramente, a regra é: peguem o maior dragão que couber na cesta. Não demorem **MUITO** tempo lá dentro...

“Demorar???” , pensou Solução. “Dentro de uma caverna com três mil **DRAGÕES** adormecidos?”

– Não preciso lhes dizer – prosseguiu Bocão, animado – que se for para voltar *sem* dragão nem vale a pena chegar até aqui. Todos os que **FALHAREM** nesse teste serão imediatamente exilados. A Tribo dos Hooligans Cabeludos não aceita **FRACASSADOS**. Só os mais fortes permanecem.

Com tristeza, Solução fitou o horizonte. Só viu neve e mar.

O exílio também não lhe parecia nem um pouquinho promissor.

– **CERTO!** – disse Bocão depressa. – Cada um pegue uma cesta para enfiar o seu dragão e vamos em frente.

Os garotos correram para apanhar as cestas, conversando felizes e animados.

– Vou pegar um dragão do tipo Pesadelo Monstruoso com garras extralongas, porque eles são muito assustadores – gabou-se Melequento.

– Ah, cale a boca, Melequento, você não pode fazer isso – disse Punho Rápido. – Só Solução pode ter um dragão Pesadelo Monstruoso, você precisa ser o filho do Chefe para isso.

O pai de Solução era Stoico, o Imenso – o temível Chefe da Tribo dos Hooligans Cabeludos.

– SO-LUÇO? – disse Melequento, com ironia.
– Se ele for tão inútil quanto é no jogo de Batebolada, será uma sorte se conseguir um Dragão Comum.

O Dragão Comum era uma fera obediente, mas sem charme algum.

– CALEM A BOCA E ENTREM NA FILA, SEUS MISERÁVEIS! – gritou Bocão.

Os garotos se atropelaram para chegar a seus lugares, as cestas nas costas, e prestaram atenção. Bocão percorreu a forma e acendeu com as poderosas chamas que carregava as tochas que cada menino erguia diante de si.

– DAQUI A MEIA HORA VOCÊS SERÃO GUERREIROS VIKINGS, COM UM FIEL RÉPTIL A SEU LADO... OU ESTARÃO TOMANDO CHÁ COM O DEUS ODIN EM VALHALA, O CAMPO DOS GUERREIROS MORTOS, COM O TRASEIRO MARCADO POR DENTES DE DRAGÃO! – gritou Bocão com seu horrível entusiasmo.

-OS DRAGÕES VIKINGS E SEUS OVOS-

**O DRAGÃO COMUM,
OU DE JARDIM, E
O DRAGÃO
MARROM BÁSICO**



O Dragão Comum, ou
de Jardim, e o Dragão
Marrom Básico

O Dragão Comum, ou de Jardim, e o Dragão Marrom Básico são tão semelhantes que podem ser criados juntos. Essas são as

espécies mais corriqueiras - aquelas criaturas em que pensamos de imediato quando falamos em "dragões". Eles não caçam bem, mas são facilmente treinados. Como animais de estimação, são os melhores, embora, assim como um leão ou um tigre, nunca devam ser deixados sem supervisão quando perto de crianças pequenas.

~ ANÁLISE ~

CORES: Tons de verde e amarelo, todas as nuances de marrom.

ARMADOS DE: Dentes e garras..... 3

DEFESAS: Espinhos pontiagudos..... 2

RADAR: Nenhum..... 0

VENENO: Nenhum..... 0

HABILIDADE DE CAÇA: Caçadores letárgicos.... 3

VELOCIDADE: Rápidos na fuga..... 3

FATOR MEDO E HABILIDADE DE COMBATE:

Atuam bem quando ficam bravos..... 4

Bocão continuou berrando:
– MORTE OU GLÓRIA!
– MORTE OU GLÓRIA! – gritaram de volta
fanaticamente oito garotos.

“Morte...”, pensaram Solução e Perna-de-peixe,
com tristeza.

Bocão fez uma pausa dramática, levando a
corneta de chifre aos lábios.

“Acho que este é o pior momento da minha
vida **ATÉ AGORA**”, pensou
Solução, enquanto esperava pelo
toque da corneta. “E se eles
começarem a gritar ainda
mais alto vamos acordar os
dragões antes mesmo de
começarmos a capturá-los.”

Bocão tocou a corneta:
FOO MMM!!!





2. DENTRO DA CRECHE DE DRAGÕES



Melequeto

Na certa você já deve ter percebido que Solução não era um Herói Viking por natureza.

Para começar, ele não tinha CARA de herói. Um sujeito como Melequeto, por exemplo, alto, musculoso, coberto de tatuagens de caveiras e com um começo de bigode, levava mais jeito. O bigode consistia em alguns fiozinhos amarelos espalhados sobre o lábio superior, e era muito desagradável de se ver, mas mesmo assim Melequeto era impressionantemente másculo para um garoto com menos de 13 anos.

Já Solução era do tipo miúdo e tinha uma cara fácil de ser esquecida. Ele TINHA cabelo de herói: ruivo, que ficava espetado para cima por mais que tentasse abaixá-lo molhando com água do mar. Só que ninguém via isso, porque a cabeleira ficava

Bafoca de Maluquício

escondida debaixo do capacete a maior parte do tempo.

Ninguém jamais escolheria Solução para ser o herói desta história no meio daqueles dez garotos. Melequento era bom em tudo e um líder nato. Bafoca de Maluquício era tão alto quanto o pai e gostava de fazer coisas engraçadas, como soltar pum no ritmo do Hino Nacional de Berk. Solução era um garoto absolutamente normal, magrinho, sardento, do tipo que passa despercebido no meio da multidão.

Então, quando Bocão tocou sua corneta e saiu de vista a fim de encontrar uma pedra confortável para se sentar e comer seu sanduíche de tomate com mexilhão, Melequento pôs Solução de lado e assumiu a liderança.

— O.K., escutem só, rapazes — ele sussurrou de um jeito ameaçador.
— EU estou no comando, não o Inútil. E quem se opuser leva um soco do Bafoca de Maluquício.



— Ugh... — grunhiu Bafoca de Maluquício, batendo os punhos de satisfação.

Bafoca era campeão de chute lateral, um garoto enorme, quase um gorila.

— Acabe com ele, Bafoca, mostre o que eu quero dizer...

Bafoca ficou feliz em obedecer. Ele deu um empurrão em Solução que o deixou estatelado no chão, a cara enfiada na neve.

— Prestem atenção! — sussurrou Melequento.

Os meninos desviaram os olhos de Bafoca e de Solução, atentos. — Amarrem-se uns aos outros. O melhor alpinista vai na frente...

— Bem, claro que este é VOCÊ, Melequento — disse Perna-de-peixe. — Você é o melhor em tudo, não é mesmo?

Melequento olhou desconfiado para Perna-de-peixe. Era difícil dizer se ele estava caçoando de Melequento ou não, por causa do estrabismo.

— Está certo, Perna-de-peixe. EU SOU O MELHOR, — E, para o caso de ele *ter* caçoado, Melequento gritou: — Acabe com ele, Bafoca!

Enquanto Bafoca empurrava Perna-de-peixe para junto de Solução na neve, Melequento, bancando o chefão, ordenava a todos que se mantivessem juntos.

Solução e Perna-de-peixe foram os últimos a ser amarrados, logo depois de Bafoca, todo alegre e triunfante.

— Ah, ótimo! — murmurou Perna-de-peixe. — Vou entrar agora numa caverna cheia de répteis

devoradores de seres humanos amarrado a oito maníacos alucinados.

— Se é que vamos chegar até a caverna... — disse Solução, nervoso, olhando para o rochedo escuro.

Solução prendeu a tocha entre os dentes, para deixar as mãos livres, e começou a subir atrás dos outros.

*** * ***

Era uma subida perigosa. As rochas estavam escorregadias por causa da neve, e os outros meninos pareciam animados demais, subindo com uma rapidez exagerada. Ao alcançar determinado ponto, Perdido tropeçou e caiu — felizmente em cima de Bafoca, que o apanhou pelas calças e o colocou de volta na rocha antes que ele derrubasse os outros colegas.

Quando eles finalmente alcançaram a entrada da caverna, Solução olhou rapidamente para baixo, avistando o oceano que batia nas rochas, e engoliu em seco.

— Desatem as cordas! — ordenou Melequento, os olhos arregalados de animação só de pensar nos perigos que viriam. — Solução entrará primeiro na caverna porque ELE é o filho do Chefe.... — disse, com raiva. — E se algum dragão ESTIVER acordado, ele será o primeiro a saber! Depois que adentrarmos na caverna, será cada um por si! Só os mais fortes vencerão...

Embora não fosse um dos típicos brutamontes

desmiolados da Tribo, Soluço também não era uma “florzinha”. Sentir medo é diferente de ser covarde. Talvez ele *fosse* tão corajoso quanto o restante dos colegas, porque saiu para capturar um dragão, *mesmo* sabendo como são essas criaturas. E, depois de ter escalado perigosamente até a boca da caverna, e descoberto que lá dentro havia um túnel longo e tortuoso, *ainda assim* ele prosseguiu, apesar de não gostar nem um pouco de túneis compridos e tortuosos com dragões ao fim.

O túnel era úmido e frio. Às vezes o teto se elevava e os meninos conseguiam percorrer o caminho de pé. Em seguida se fechava, transformando-se num buraco estreito e claustrofóbico por onde só podiam passar encolhidos, rastejando, segurando as tochas com a boca.

Depois de longos dez minutos caminhando e rastejando até o centro do rochedo, o fedor de dragão — um cheiro salgado de alga e de cabeça de peixe podre — foi ficando cada vez mais forte, até que finalmente se tornou intolerável, e o túnel se abriu para uma caverna imensa.

Ali havia mais dragões do que Soluço imaginava existir.

Os dragões eram de todas as cores e tamanhos possíveis e incluíam todas as espécies das quais Soluço já ouvira falar, além de outras que ele não conhecia.

Soluço começou a suar enquanto olhava ao redor, percebendo as pilhas de animais,

encarapitados em todo canto; havia até mesmo dragões pendurados de cabeça para baixo, como morcegos gigantes. Estavam todos profundamente adormecidos, a maioria roncava em uníssono. O ronco era tão alto e grave que parecia penetrar diretamente no corpo de Solução e vibrar em suas entranhas, queimando-lhe o estômago e as tripas, forçando seu coração a bater no mesmo pulso lento dos dragões.

Se uma, apenas *uma* daquelas inúmeras criaturas despertasse, ela daria o alarme para as outras, e os garotos teriam uma morte horrenda. Solução já vira um veado se aproximar muito do Rochedo do Dragão Selvagem e ser destruído em minutos.

Ele fechou os olhos.

— NÃO vou pensar nisso — murmurou. —
NÃO MESMO.

Nenhum dos meninos pensava naquilo.

A ignorância é muito útil nessas situações. Os olhos deles se arregalavam de animação enquanto percorriam a caverna, as mãos tapando o nariz para evitar o cheiro ruim, em busca do maior dragão que coubesse na cesta.

Eles deixaram as tochas numa pilha, à entrada da caverna. O lugar já era suficientemente iluminado pelos Vagalumes, que eram imensos, vagarosos, de corpo manchado e brilhante, e emitiam uma fluorescência opaca, como se fossem lâmpadas de baixa voltagem. E os Lança-chamas soltavam pequenos jatos de claridade extra, que

reluziam aqui e acolá, à medida que inspiravam e expiravam.

Como era previsível, a maioria dos meninos dirigiu-se aos piores dragões possíveis.

Melequento tinha anunciado que capturaria um dragão traiçoeiro do tipo Pesadelo Monstruoso, e sorriu com cinismo para Solução enquanto fazia isso. Melequento era filho de Barrigão Caído de Cerveja, o irmão caçula de Stoico, o Imenso. Pensava em se livrar de Solução em algum momento no futuro, de modo que ele, Melequento, se tornasse Chefe da Tribo dos Hooligans Cabeludos. E um Chefe cruel e aterrorizante como Melequento pretendia ser devia possuir um dragão propriamente assustador.

Espinha-de-porco e Bafoca de Maluquício se meteram numa sonora discussão aos sussurros para ver quem ficaria com o Gronkel, um bruto de couraça forte, com presas que pareciam facas de cozinha saindo do focinho, tão numerosas que ele não conseguia manter a boca fechada. Bafoca foi o vencedor, mas depois deu um jeito de derrubar o bicho enquanto tentava enfiá-lo no cesto. A couraça e as garras do dragão produziram um ruído horrivelmente alto quando ele despencou no chão da caverna.

O Gronkel abriu seus malignos olhos de crocodilo. Todos prenderam a respiração.

O Gronkel fixou o olhar à frente. Era difícil saber, por causa de seus olhos inexpressivos, se ele estava desperto ou adormecido. Solução

percebeu, em meio à agonia e ao suspense, que a pele fina da terceira pálpebra do animal ainda estava abaixada.

E assim permaneceu por alguns segundos de congelar o coração até que...

O dragão, devagar, fechou de novo a pálpebra superior.

Para surpresa de todos, nenhum outro dragão despertou. Alguns deles se movimentaram letargicamente antes de se aninharem outra vez. Mas a maioria das criaturas se encontrava em tamanho estupor que mal se movia.

Soluço soltou o ar lentamente. Talvez aqueles dragões estivessem tão mortos para o mundo que *nada* os despertaria.

Ele engoliu em seco, fez uma prece a Loki, o padroeiro das empreitadas duvidosas, e avançou com cautela para capturar o dragão que lhe parecia mais inconsciente, de modo que pudesse sair daquele pesadelo o mais depressa possível.

*** * ***

Pouca gente sabe que quanto mais profundamente um dragão dorme, mais frio fica seu corpo.

É até mesmo possível que um dragão entre em Coma por Adormecimento, no qual fique supergelado, sem pulso, respiração ou batimentos cardíacos perceptíveis. Dragões podem ficar nesse estado durante séculos, e somente um especialista altamente qualificado poderia, só de olhar,

- OS DRAGÕES VIKINGS E SEUS OVOS -

O GRONKEL

Gronkels são os bichos mais feios do mundo dos dragões. Mas o que lhes falta em beleza é compensado pela habilidade de luta. Podem ser lentos e

até, ousado dizer, estúpidos, e às vezes engordam tanto que não conseguem alçar voo. Gronkels têm tendência a desenvolver acne de dragão.



~ ANÁLISE ~

CORES: Verde-sujo, bege-poeira, marrom-encardido.

ARMADOS DE: O melhor equipamento de luta de um dragão. Presas que parecem facas, espinhos extras no pescoço, bolas cobertas de espinhos na ponta da cauda..... 8

DEFESAS: Pele superespessa, à prova de fogo e de cortes..... 9

RADAR: Nenhum..... 0

VENENO: Nenhum..... 0

HABILIDADE DE CAÇA: Os Gronkels são lentos nas manobras aéreas..... 0

VELOCIDADE: Ver acima..... 5

FATOR MEDO E HABILIDADE DE COMBATE:

determinar se estão vivos ou não.

Mas um dragão acordado, ou levemente adormecido, é de fato muito quente, como um pãozinho saído do forno.

Soluço encontrou um dragão que era quase do tamanho certo e razoavelmente frio, e o enfiou na cesta o mais rápida e cuidadosamente possível. Era um Dragão Comum, mas, naquele momento, Soluço não dava a menor importância ao fato. Era bem pequeno, embora fosse surpreendentemente pesado.

— EU CONSEGUI! EU CONSEGUI! EU CONSEGUI! — Soluço comemorava consigo mesmo.

Pelo menos não seria o único garoto da escola que não tinha um dragão. Parecia que todos haviam conseguido uma criatura e estavam agora saindo de fininho. Todos, menos...

Perna-de-peixe, que já estava todo coberto de brotoejas vermelho-vivo, com uma coceira intensa, e naquele exato momento se aproximava de uma pilha de filhotes enroscados uns nos outros, caminhando ruidosamente na ponta dos pés.

Perna-de-peixe era um gatuno ainda pior que Bafoca.

Soluço ficou paralisado:

— Não faça isso, Perna-de-peixe. **POR FAVOR,** não se mova — ele sussurrou.

Mas Perna-de-peixe já estava cansado das ironias, provocações e risadinhas de Melequento. Ele queria capturar um dragão bem bacana para conquistar o respeito dos garotos.

O menino era tão vesgo que mal conseguia enxergar o monte de dragões. Com os olhos lacrimejando e se coçando violentamente, ele esticou a mão devagar em direção ao dragão de baixo, pegou a perna dele e com delicadeza... puxou.

A pilha inteira despencou numa mistura furiosa de pernas, asas e orelhas. Todos os meninos da caverna prenderam a respiração, horrorizados.

A maioria dos filhotes sacudiu a cauda e bateu no vizinho antes de voltar a adormecer.

Um animal maior que os outros abriu os olhos e piscou algumas vezes.

Soluço reparou, com enorme alívio, que a terceira pálpebra ainda estava fechada.

Os garotos esperaram que os olhos se fechassem.

Foi quando Perna-de-peixe espirrou.

Quatro espirros GIGANTESCOS que ecoaram nas paredes da caverna.

O filhote grande de dragão ficou olhando para o vazio, paralisado como se fosse uma estátua.

Mas muito levemente um ruído parecido com um ronronar assustador começou a sair de sua garganta.

E muito lentamente...

...a terceira pálpebra se abriu.

— Ih! Caramba! — sussurrou Soluço.

A cabeça do filhote virou-se repentinamente para encarar Perna-de-peixe, seus olhos amarelos

e felinos se movendo até focalizar o menino. Ele abriu as asas completamente e se esticou, como se fosse uma pantera pronta a saltar. Então abriu a boca até soltar a língua bipartida e...

— C-O-R-R-A !!! — gritou Solução, agarrando o braço de Perna-de-peixe e carregando-o para longe.

Os garotos correram para o túnel que levava à saída. Perna-de-peixe e Solução foram os últimos a chegar.

Não havia tempo para apanhar as tochas, então todos correram no escuro total. A cesta com o Dragão Marrom Básico sacolejava nas costas de Solução.

Eles tinham dois minutos de vantagem, porque levava um tempo até o primeiro dragão acordar todos os outros. Mas Solução podia ouvir um rugido furioso e o bater de asas à medida que os animais começavam a lotar o túnel atrás dos garotos.

Ele correu um pouco mais rápido.

Os dragões conseguiam mover-se mais depressa que os meninos porque enxergavam bem no escuro, mas perderam tempo quando o túnel se estreitou, porque precisavam dobrar as asas para passar por ali, espremidos.

— Eu... não... tenho... um dragão... — disse sem fôlego Perna-de-peixe, poucos passos atrás de Solução.

— Esse — Solução falou enquanto se espremia na passagem estreita, apoiado nos cotovelos — é o MENOR... *ai!*... dos problemas. Eles estão nos alcançando!

— Sem... dragão... — repetiu Perna-de-peixe, teimoso.

— Ah, PELO AMOR DE THOR! — murmurou Solução.

Ele enfiou sua cesta nos braços de Perna-de-peixe e agarrou a vazia que estava nas costas dele.

— Pegue o MEU, então. Espere aqui.

Solução virou-se e voltou pelo corredor estreito, embora os rugidos estivessem cada vez mais altos e próximos dele.

— O QUE... VOCÊ... VAI... FAZER??? — gritou Perna-de-peixe, agitando-se freneticamente no mesmo lugar.

Solução voltou do buraco outra vez alguns infinitos instantes depois. Perna-de-peixe o agarrou pelo braço para ajudá-lo a se arrastar.

Dava para ouvir algo fungando de um jeito horrível, como se um dragão entrasse na outra ponta da passagem. Solução atirou uma pedra naquela direção e a criatura soltou um grito agudo, indignada.

Os garotos viraram no corredor e, de repente, conseguiram ver a luz na extremidade do último túnel.

Perna-de-peixe foi primeiro, mas bem na hora em que Solução se ajoelhava para segui-lo um dragão o atingiu com a asa e guinchou. Solução bateu nele, que caiu de costas, dando espaço suficiente para que o menino engatinhasse na direção da luz. Outro dragão — ou talvez o mesmo — cravou as presas na perna de Solução. O garoto

estava tão desesperado para sair que arrastou o bicho com ele.

Assim que a cabeça e os ombros de Solução surgiram na claridade, Bocão chegou. Ele agarrou Solução por baixo dos braços e o arrancou dali, os dragões lançando-se atrás dele.



— PULE! — gritou Bocão, enquanto nocauteava um dragão com um único soco de seu punho poderoso.

— *Como assim, PULE??* — Solução hesitou enquanto olhava para a queda vertiginosa até o mar.

— Não dá tempo de descer — disse Bocão sem fôlego, batendo duas cabeças de dragão uma contra a outra e empurrando mais três cabeças com sua barriga gigantesca. — PULE!!!

Solução fechou os olhos e saltou do rochedo.

Quando ele mergulhou no ar, o dragão que estava preso em sua perna abriu a boca com um som agudo e, alarmado, saiu voando.

Solução caía tão rápido que quando alcançou o mar aquilo parecia tudo, menos água. Era como se tivesse batido em algo duro e doloroso, tão frio que ele quase desmaiou.

Ele surgiu na superfície, surpreso por perceber que não tinha morrido, e foi imediatamente coberto pela água esguichada com o peso de Bocão Bonarroto, que mergulhou quase ao lado dele.

Guinchando furiosamente, os dragões saíram em revoada da caverna e atacaram os vikings que flutuavam no mar.

Solução enfiou o capacete na cabeça até onde conseguia. Seguiram-se barulhos horríveis de arranhões quando as esporas dos bichos bateram no metal. Outro dragão mergulhou na água, silvando, bem em frente a Solução. Saiu voando

Novo e soltou um berro quando sentiu como a água estava fria. Os dragões não gostavam de nadar pela neve e, aliviado, Solução ficou olhando enquanto eles retornavam para o aquecido interior da caverna, de onde soltaram terríveis insultos e rugidos.

Bocão começou a tirar os meninos do mar e levá-los para cima das rochas. Garotos vikings são ótimos nadadores, mas é difícil manter-se a flutuação quando se tem nas costas uma cesta contendo um dragão aprisionado e apavorado. Solução foi o último a ser salvo — bem na hora, porque já estava quase dormente de frio.



“Bem, pelo menos, não era a MORTE”, pensou Soluço enquanto Bocão o pegava pelo pescoço para resgatá-lo, quase fazendo com que ele se afogasse — mas certamente também não era a GLORIA.



3. HERÓIS OU EXILADOS

Os garotos se equilibraram nos pedregulhos escorregadios na ponta da praia e voltaram ao Caminho do Louco, a encosta de rochedo que haviam escalado algumas horas antes. Era uma passagem estreita no meio do precipício, repleta de rochas largas. Eles tentavam se mover o mais rapidamente possível, mas é difícil ser rápido quando se fica escorregando e caindo em imensas pedras cobertas de gelo, e por isso avançavam penosamente devagar.

Um dragão que *não* fora afastado pela neve veio guinchando desfiladeiro abaixo. Ele aterrissou nas costas de Espinha-de-porco e começou a atacá-lo, cravando as presas no ombro do garoto e enchendo os braços dele de arranhões vermelhos. Bocão bateu no focinho do dragão com o cabo de seu machado, e a criatura desistiu e saiu voando para longe.

Mas um bando de dragões o substituiu, enchendo o desfiladeiro com guinchos horríveis e estridentes, soltando fogo pelas ventas e derretendo a neve ao redor, as garras abertas de um jeito ameaçador enquanto davam rasantes.

Bocão parou, as pernas separadas, e girou seu grande machado duplo. Ele lançou sua cabeça grande e cabeluda para trás, soltando um grito

terrível, primal, que ecoou pelas encostas do desfiladeiro e fez com que os pelos da nuca de Solução se arrepiassem como um ouriço-do-mar.



Sozinhos, os dragões tendem a possuir um saudável senso de autopreservação, porém ficam mais corajosos quando caçam em bando. Eles sabiam agora que tinham a vantagem de ser muito numerosos, então nem se preocuparam com o voo. Simplesmente avançavam sobre os garotos.

Bocão então arremessou o machado duplo.

Girando, a arma cruzou o ar cheio de flocos de neve. Ela atingiu o maior dragão de todos, matando-o instantaneamente, e continuou viajando até aterrissar num monte de neve a centenas de metros de distância e sumir.

Isso fez com que os outros dragões parassem

para pensar. Alguns deles trombaram com os outros na pressa de sair voando para longe dali, ganindo feito cachorrinhos. Os outros hesitaram, pairando indecisos, gritando ameaças mas se mantendo distantes.

— Perdi um bom machado — grunhiu Bocão. — Andem, garotos, eles podem voltar! Solução não precisava ser encorajado para continuar andando. Assim que saiu do desfiladeiro e alcançou a terra pantanosa que ficava logo adiante, ele disparou aos tropeços, de vez em quando caindo com a cara na neve.

Um pouco depois, quando Bocão calculou que eles estavam a uma distância segura do Rochedo do Dragão Selvagem, gritou para que os garotos parassem.

Muito cuidadosamente, ele contou as cabeças de novo, para conferir se não tinha perdido alguém. Bocão passara dez minutos desagradáveis de pé na boca da caverna dos dragões pensando por que havia aquela terrível barulheira e como ele diria a Stoico, o Imenso, que tinha perdido para sempre seu precioso filho e herdeiro.

Teria de usar uma frase cheia de tato e sensibilidade, Bocão imaginara, mas tato e sensibilidade nunca foram seu ponto forte, então ele levava cinco minutos para pensar em: “Solução se deu mal. SINTO MUITO.” Depois passara os cinco minutos seguintes arrancando as barbas.

Por consequência, embora estivesse intimamente aliviado, ele não estava de Bom

Humor, e assim que conseguiu recuperar o fôlego explodiu de raiva, enquanto os meninos, tremendo violentamente, faziam uma fileira atrapalhada.

— NUNCA... em CATORZE ANOS... eu encontrei um bando de INÚTEIS como vocês. QUAL DE VOCÊS, SEUS MOLUSCOS IMPRESTÁVEIS, DESPERTOU OS DRAGÕES????

— Fui eu — disse Solução. O que não era exatamente a verdade.

— Ah, isso é MARAVILHOSO — berrou Bocão —, MARAVILHOSO. Nosso Futuro Líder exibindo sua magnífica Capacidade de Liderança. Aos 10 anos e meio de idade ele faz o que pode para se aniquilar e destruir o restante de vocês NUM SIMPLES EXERCÍCIO MILITAR!

Melequento soltou uma risadinha.

— Você acha isso engraçado, Melequento? — perguntou Bocão, com uma gentileza ameaçadora. — TODOS VOCÊS FICARÃO À BASE DE RAÇÃO DE MOLUSCO PELAS PRÓXIMAS TRÊS SEMANAS,

Os garotos grunhiram.

— Que esperto, Solução — caçou Melequento. — Mal posso esperar para vê-lo em ação no campo de batalha.

— SILÊNCIO! — berrou Bocão. — ESTA É A INICIAÇÃO DE VOCÊS, NÃO UM PASSEIO NO CAMPO! SILÊNCIO, OU VÃO ALMOÇAR SANGUESSUGAS PELO RESTO DA VIDA!

“Agora — continuou Bocão, com mais calma —, embora tudo isso tenha sido uma grande confusão, não foi um desastre completo. Depois

desse fiasco, IMAGINO que todos vocês TENHAM um dragão...”

— Sim — disseram os meninos em coro.

Perna-de-peixe deu uma olhada de soslaio para Solução, que estava com o olhar fixo à sua frente.

— Sorte de vocês — disse Bocão, sério. — Então todos passaram na primeira etapa do Teste do Dragão. Contudo, ainda restam duas fases a serem vencidas antes de se tornarem membros plenos da Tribo. A próxima tarefa consistirá em treinar seus respectivos dragões. Será um teste da força de personalidade. Vocês vão impor sua vontade a essas criaturas selvagens e lhes mostrar quem é o Mestre. O dragão deverá obedecer a simples comandos como “ande” ou “fique”, terá de caçar e pescar para vocês, assim como os dragões têm caçado para os Filhos de Thor desde tempos imemoriais. Se estiverem preocupados com o treinamento, estudem o manual *Como treinar o seu dragão*, de autoria do Professor Tosco Traste, que vocês encontrarão na lareira do Grande Salão.

De repente Bocão pareceu muito satisfeito consigo mesmo:

— Eu pessoalmente roubei esse livro da Biblioteca Pública dos Cabeças-ocas — falou com modéstia, olhando para as unhas muito pretas.

— Bem debaixo do nariz do Bibliotecário Cabelo Assustado... Ele nunca reparou... Aquilo é que foi um roubo legal...

Espinha-de-porco levantou a mão.

— E quem não sabe ler, senhor?

— Não conte vantagens, Espinha-de-porco! — berrou Bocão. — Peça a algum idiota que leia para você. Seus dragões voltarão a dormir, porque ainda estão na época de hibernar. — Realmente, alguns dragões já estavam bastante silenciosos dentro das cestas. — Levem-nos para casa e os coloquem num lugar aquecido. Eles acordarão daqui a duas semanas. E então vocês terão apenas QUATRO MESES para se preparar para o Dia da Iniciação, durante as celebrações do Dia de Thor, que será a última etapa do Teste. Se, nesse dia, vocês demonstrarem que treinaram seus dragões de modo que eu e os Anciões da Tribo consideremos satisfatório, finalmente poderão chamar a si mesmos de Hooligans de Berk.

Os meninos ficaram firmes e tentaram agir como se fossem verdadeiros Hooligans.

— HERÓIS OU EXILADOS! — gritou Bocão Bonarroto.

— HERÓIS OU EXILADOS! — berraram de volta os oito meninos fanáticos.

“Exilados”, pensaram ao mesmo tempo Soluço e Perna-de-peixe com tristeza.

*** * ***

— Eu... detesto... ser... um... viking — disse Perna-de-peixe a Soluço, sem fôlego, enquanto regressavam trôpegos pelo caminho até a Vila dos Hooligans.

Na Ilha de Berk não se *caminhava* realmente, as pessoas *chapinhavam* no meio das plantas,

da lama ou da neve, que grudavam nas pernas e tornavam difícil erguer os pés. Era o tipo de terreno no qual o mar e a terra se invadiam e se misturavam. A ilha era repleta de buracos escavados pela água, um labirinto de rios subterrâneos que se entrecruzavam. Você colocava o pé num trecho de grama aparentemente sólido e então percebia que estava afundado até as coxas na lama escura e pegajosa. Podia estar caminhando entre as samambaias e, de repente, ver-se cruzando um rio supergelado com água pela cintura.

Os garotos já estavam ensopados de água do mar, e agora a neve se transformara numa chuva diagonal, atingindo o rosto deles com a violência dos ventos gaélicos que a todo tempo cruzavam silvando as terras salgadas e desoladas de Berk.

— Primeiro, uma escapada por pouco da morte numa manhã de quinta-feira — queixou-se Perna-de-peixe —, e aí a rejeição total por parte dos jovens da Tribo... Ninguém vai falar comigo por ANOS depois do que aconteceu... Só você, claro, Solução, mas acontece que você é tão esquisito quanto eu...

— Obrigado — disse Solução.

— E para completar — continuou Perna-de-peixe com amargura —, devo carregar um dragão completamente enlouquecido nas costas por três quilômetros. — A cesta de Perna-de-peixe ia se mexendo de um lado para o outro, porque o dragão tentava furiosamente sair dela. — E, para terminar

o dia, só nos resta um jantar medonho à base de molusco.

Soluço concordou que não era uma boa coisa a se esperar.



— Posso devolver o dragão para você, se quiser, Soluço. Já vou avisando que ele é muito pesado quando está molhado e bravo — disse Perna-de-peixe, desolado. — Bocão vai ficar bravo feito um furacão quando perceber que você está sem um dragão.

— Mas eu PEGUEI um dragão — disse Soluço. Perna-de-peixe ficou parado e começou a tirar a cesta das costas.

— Eu sei que esse dragão É seu, DE VERDADE — ele suspirou, cansado. — Acho que vou passar direto pela vila e continuar correndo até encontrar um lugar civilizado. Talvez Roma. Eu sempre quis ir a Roma. E, por Valhala, não tenho a menor chance de passar na Iniciação, então...

— Não, eu tenho *outro* dragão em minha cesta — insistiu Soluço.

Perna-de-peixe ficou boquiaberto, incrédulo.

— Eu o capturei quando voltei ao túnel — explicou Soluço.

— Uau! Tubarões me mordam! — Perna-de-peixe exclamou. — Como, em nome de Thor, você sabia que o dragão estava lá? Era tão escuro que não dava para ver a um chifre de distância.

— Foi esquisito — disse Soluço. — Acho que senti a presença do dragão quando estávamos correndo pelo túnel. Eu não conseguia enxergar, mas, enquanto passávamos, *sabia* que havia um dragão ali, e que aquele seria o MEU dragão. Eu ia ignorá-lo, na verdade, porque estávamos na maior correria, mas então você falou que não tinha um dragão, eu voltei e... lá estava ele, deitado numa saliência do túnel, exatamente como eu imaginava.

— Bem, longa vida à água-viva! — Perna-de-peixe exclamou, e os meninos saíram correndo outra vez.

Soluço estava todo machucado, tremia assustado e tinha uma horrível mordida de dragão na batata da perna, que ardia loucamente por causa da água salgada. Ele estava morto de frio e tinha um pedaço irritante de alga marinha preso em uma de suas sandálias.

Também estava um pouco preocupado porque sabia que não deveria ter arriscado a vida para capturar um dragão para Perna-de-peixe. Aquela não era a atitude de um Herói Viking. Um Herói Viking saberia que interferir no Destino de Perna-de-peixe não era certo.

Por outro lado, Soluço vinha se preocupando com o Dia de Capturar o Dragão havia bastante tempo. Ele tinha certeza de que seria o único a voltar sem dragão e de que a vergonha, o embaraço e um terrível exílio viriam logo depois.

E agora, lá estava ele: um guerreiro viking COM um dragão.

Então, de modo geral, ele estava bastante satisfeito consigo mesmo.

As coisas estavam melhorando.

*** * ***

— Você sabe, Soluço — disse Perna-de-peixe um pouco depois, quando as fortificações de madeira da vila surgiram no horizonte —, parece até Destino, essa história de você ter sentido a presença do dragão daquele jeito. Como se fosse mesmo para ser assim. Você pode estar com um tipo de dragão mágico em sua cesta. Algo que faça

o Pesadelo Monstruoso parecer só uma rã voadora! Afinal, você é filho e herdeiro do Chefe Stoico, e já está na hora de o Destino dar um sinal de seu futuro.

Os meninos pararam, exaustos e sem fôlego.

— Ah, eu tenho certeza de que este é um Dragão Comum ou de Jardim que se afastou dos demais — disse Solução, tentando soar casual, mas incapaz de reprimir a emoção em sua voz. *Ele podia estar carregando um dragão incrível!*

Talvez Velho Enrugado estivesse certo. Velho Enrugado era o avô materno de Solução. Começara a profetizar depois que envelhecera, e ficava dizendo a Solução que vira o futuro, que o menino era predestinado a atos grandiosos.

Aquele incrível dragão poderia ser o começo de sua transformação — do Solução que conheciam, o garoto normal, que não era especialmente bom em nada, no Herói do Futuro!

Solução tirou a cesta das costas e fez uma pausa antes de abri-la.

— Ele está bem quieto, não é mesmo? — disse Perna-de-peixe, repentinamente desconfiado de sua teoria do Destino. — Quer dizer, o dragão não está fazendo nenhum movimento aí. Você tem certeza de que ele está vivo?

— É que ele está profundamente adormecido — disse Solução. — Estava gelado quando o capturei.

De repente, Solução teve a forte sensação de que os deuses estavam de seu lado. Ele **SABIA** que o dragão estava vivo.

Com os dedos trêmulos, Solução abriu o fecho, levantou a tampa e então espiou dentro da cesta. Perna-de-peixe fez o mesmo.

As coisas já não pareciam tão boas.

Ali, enrolado e adormecido no fundo da cesta, formando um nó de dragão, estava talvez o mais comum Dragão Comum que Solução já tinha visto na vida.

Na verdade, a *única* coisa extraordinária sobre aquele dragão era como ele podia ser tão excepcionalmente PEQUENO. Isso sim era admirável.

A maioria dos dragões que os vikings usavam para caçar eram do tamanho de um cão Labrador. Os jovens dragões que os meninos estavam capturando não eram tão grandes, mas tinham *quase* sua altura máxima. O dragão de Solução mais parecia um West Highland Terrier.

Solução não conseguia compreender como não percebera isso quando apanhou o dragão no túnel. Ele deduziu, miseravelmente, que fora um momento de pressão, com três mil dragões tentando matá-lo. E dragões que estão em Coma por Adormecimento tendem a ficar mais pesados do que quando estão despertos.

— Bem — disse Solução, finalmente —, isso pode ser um sinal, se você quiser. Você saiu em busca de um Nadder Mortal e pegou o quê? Um Marrom Básico. Eu agarro um dragão no escuro e o que eu consigo? Um Dragão Comum ou de Jardim. O que os deuses nos dizem é que somos

...e ser tão PEQUENO. A coisa MAL



...gria sobre AQUELE dragão

muns, gente simplória, Perna-de-peixe. Você e não estamos *destinados* a sermos heróis.

— Isso não importa no que ser refere a M... — disse Perna-de-peixe —, mas você *está* destinado a ser herói, lembra? Filho do Chefe e do mais. E você *vai* ser um herói, eu sei que i...

Perna-de-peixe colocou a cesta de volta nas costas de Solução e ambos caminharam na direção das portões da vila.

— ...Pelo menos eu sinceramente ESPERO que não. Não quero ser comandado por Melequento na batalha. Você tem mais ideias sobre táticas militares em seu dedinho do que Melequento em toda aquela cabeça grande e gordida.

Mesmo que aquilo fosse verdade, Solução não *não* seria a futura estrela do Treinamento de ações, como, com aquele animal em especial, seria ainda mais difícil corresponder ao lugar e a família lhe destinara. Ele via seu futuro aporando.

O dragão era tão miúdo que o fazia parecer ínculo.

Era tão pequeno que Melequento teria muitas palavras desagradáveis na ponta da língua.

4. COMO TREINAR O SEU DRAGÃO

— HÁ! HÁ! HÁ! HÁ!

Melequento ria tanto que não conseguiu dizer mais nada.

Os garotos estavam espalhados pelos portões da vila, aproveitando a chance de exhibir os dragões que tinham capturado. Soluço tentou passar despercebido, mas Melequento o deteve:

— Vamos ver a criatura patética que veio com Soluço — disse Melequento levantando a tampa.

— Ah, que MÁXIMO! Olhem só para isso! — disse Melequento, quando finalmente recuperou o fôlego de tanto rir. — O que é ISSO, Soluço? Um coelhinho marrom com asas? Uma fadinha das flores? Um sapinho voador? Venham todos ver o animal magnífico que Nosso Futuro Líder capturou!

— Ah, Soluço, você é um *inútil* — berrou Punho Rápido. — Você é filho de um CHEFE, pelo amor de Thor! Por que não capturou um daqueles novos Pesadelos Monstruosos com asas gigantescas e garras extralongas? Eles são matadores muito cruéis, são mesmo.





— *Eu* tenho uma
— sorriu Melequento,
fazendo gestos para o
animal de aparência
terrível, vermelho como
fogo, adormecido dentro
da cesta. — Acho que vou
chamá-la LAGARTA DE
FOGO. Como você vai chamar
o seu, Solução? Doce de leite?
Cara de bebê? Xodozinho?

Naquele exato momento
o dragão de Solução soltou um bocejo imenso,
abrindo sua boca pequenina e revelando uma
língua bipartida, ondulante, gengivas rosadas e
ABSOLUTAMENTE NENHUM DENTE.



Melequento riu tanto que Bafoca precisou ampará-lo.
— BANGUELA! — gritou Melequento. — Soluço encontrou o único dragão SEM DENTES do mundo não civilizado! Isso é bom demais! Soluço, o INÚTIL, e seu dragão BANGUELA!

Perna-de-peixe saiu em defesa de Soluço:

— Bem, *voce* não tem permissão para ficar com esse Pesadelo Monstruoso, Melequento. Apenas o filho de um Chefe pode ter um dragão do tipo Pesadelo Monstruoso. Essa criatura pertence a Soluço, por direito.

Melequento estreitou os olhos. Ele agarrou o braço de Perna-de-peixe e o torceu nas costas, com força.

— Ninguém está ouvindo você, seu desastre ambulante com a coragem de um plancton e pernas de peixe — zombou Melequento. — Graças a você e a sua doença de espirrar e fungar, aquela operação militar inteira foi quase um total desastre. Quando eu for o Chefe desta Tribo, a primeira atitude que tomarei com qualquer um com uma alergia patética como a sua será mandá-lo para o exílio. Você não tem como ser um Hooligan!

Perna-de-peixe ficou pálido, mas, mesmo assim, deu um jeito de dizer:



— Mas você **NÃO** será o Chefe da Tribo.
SOLUÇO é quem vai ser.

Melequento largou o braço de Perna-de-peixe e avançou ameaçadoramente na direção de Soluço:

— Ah, vai ser, vai mesmo? — zombou ele. — Então, eu não tenho o direito de ter um dragão Pesadelo Monstruoso, certo? Mas nosso Futuro Líder não está muito quieto com relação a isso? Vamos lá, Soluço, estou roubando seu legado. O que é que você vai fazer, hein?

Todos os garotos ficaram sérios. Melequento realmente quebrara uma antiga regra viking.

— Soluço deveria desafiá-lo para uma disputa pela posse do dragão — disse Perna-de-peixe lentamente, e todos giraram para lançar os olhos cheios de expectativa na direção de Soluço.

— Ah, que ótimo... — murmurou Soluço.
— Obrigado, Perna-de-peixe. Meu dia está ficando cada vez melhor.

Melequento era um verdadeiro bárbaro, que realmente não precisava da ajuda de Bafoca de Maluquício para surrar as pessoas. Ele usava sandálias especialmente confeccionadas com pontas de bronze para causar o máximo de dor naqueles que chutasse. Soluço tentava o máximo possível se manter longe dele.

Mas não poderia ignorar o insulto a seu *status*, agora que Perna-de-peixe lhe fizera o favor de ressaltar isso, sem passar por covarde diante dos outros meninos.

E se você ganhava fama de covarde na Tribo

dos Hooligans, era melhor fazer logo o serviço completo: vestir um gibão cor-de-rosa, começar a tocar harpa e trocar o nome para Hermintruso.



— Eu o desafio, Melequento, pela posse da dragoa Lagarta de Fogo, que me pertence por direito — disse Solução, tentando disfarçar sua relutância falando o mais alto e formalmente que conseguia.

— Aceito o desafio — afirmou Melequento super-rapidamente, com um sorriso que se espalhou por sua face horrível, soberba. — Machado ou socos?

— Socos — disse Solução, porque o machado era **MESMO** uma péssima ideia.

— Não vejo a hora de mostrar a você como um verdadeiro Futuro Herói luta — disse Melequento, e depois se lembrou de algo: — Mas a disputa só

poderá ser APÓS todo o processo de Iniciação, no Dia de Thor. Eu não quero bater com o dedão ou algo assim enquanto estiver chutando você vila afora.

— Pode ser que Solução seja o vencedor — destacou Perna-de-peixe.

— É CLARO que ele não vai vencer — gabou-se Melequento. — Veja minhas habilidades esportivas, minha coragem de viking, minha violência cega. Minha vitória é tão certa quanto o fato de que um dia serei o Chefe da Tribo. Quer dizer, olhe só para meu dragão e depois repare no DELE.

Melequento apontou cinicamente para Banguela.

— Os deuses falaram. É só uma questão de tempo. — Melequento prosseguiu — Enquanto isso, viverei com o medo de ser mascado até a morte pela terrível e temível tartaruga sem dentes de Solução.

Então Melequento saiu caminhando com ar soberbo e deu um chute forte na canela de Solução ao passar por ele.

*** * ***

— Desculpe-me pelo desafio — disse Perna-de-peixe, constrangido, após cada um ter deixado sua cesta com o dragão em casa, debaixo da cama.

— Ah, não se preocupe — disse Solução. — Alguém teria feito isso de qualquer jeito. Você sabe como eles adoram briga.

Perna-de-peixe e Solução dirigiam-se ao Grande Salão para procurar o tal livro que Bocão tinha recomendado: *Como treinar o seu dragão*, escrito pelo Professor Traste.

— Acontece — confidenciou Solução — que já sei alguma coisa sobre dragões, mas não tenho menor ideia de como começar a treinar um. Eu queria mesmo que é impossível treiná-los. Estou ansioso para receber algumas dicas.

O Grande Salão era uma confusão de jovens bárbaros lutando, gritando e jogando o popular atebolada, um esporte viking de contato muito violento, com muita pancadaria e poucas regras.

Solução e Perna-de-peixe encontraram o livro escondido na lareira, praticamente junto ao fogo.

Solução nunca antes tinha reparado nele.

Ele abriu o livro.

(Incluí aqui uma réplica simples de *Como treinar o seu dragão*, escrito pelo Professor Traste, de modo que você possa compartilhar a experiência de abrir o livro pela primeira vez, com toda a expectativa, o interesse e a curiosidade. Você deverá imaginar que a capa é extraordinariamente grossa, com fechos dourados enormes, e que algum escriba cobriu-a com elaboradas letras cor de ouro. O livro parece realmente convidativo.)



COMO
TREINAR
O SEU
DRAGÃO

-DE-

PROFESSOR TRASTE
BA, MA HONS, CANTAB. ETC.



LIVROS MACHADO GRANDE
Edição de 10^o Aniversário

VENCEDOR DO
PRÊMIO DE
MELHOR LIVRO
PARA BÁRBAROS



*Este livro é dedicado à mamãe,
com amor, de seu querido Tosco.*



Copyright © Professor Tosco Traste,
Era das Trevas.

Os editores, Livros Machado Grande Ltda.,
gostariam de destacar o fato de que não são,
de forma alguma, responsáveis por quaisquer
injúrias que por acaso possam ocorrer
como resultado dos conselhos apresentados
nesta edição. Obrigado pela atenção.

BEOWULF é UM MOLENGÃO

Venha e diga isso



BIBLIOTECA PÚBLICA DOS CABEÇAS-OCAS

Uma nota do Bibliotecário Cabelo Assustado: Por favor, devolva este livro antes que expire a data marcada, ou vou ficar **MUITO ABORRECIDO**.

Acho que você compreende o que quero dizer.

10 DE JUNHO	789	AD
9 DE ABRIL	835	AD
16 DE MAIO	866	AD

**NÃO RETIRE ESTE LIVRO
OU VAMOS ESMAGAR VOCÊ!!!**

PAI É MAIS FORTE QUE O
MENTUM. O SEU.
PAI ENDOLE
O SEU NO CAFE DA MANHÃ



SOBRE O AUTOR

Professor Tosco Traste (BA, MA Hons, Cantab. etc.) passou muitos anos na natureza selvagem observando os dragões em seu ambiente. Este livro é fruto dessa pesquisa e constitui a obra definitiva sobre essas criaturas fascinantes.

O Professor Traste vive sozinho numa caverna nas Ilhas da Desolação. Ele é o autor dos livros *Em busca da Baleia Assassina* e *Tubarões e outros grandes animais de estimação*. Atualmente, está escrevendo um livro sobre borboletas.



CAPÍTULO PRIMEIRO
(E ÚLTIMO)

A Regra de Ouro do treinamento
de um dragão é...

**GRITE
COM ELE!**

(Quanto mais alto melhor.)

FIM.

Como **VOCE** treinaria um dragão?

Encontre **TODAS** as respostas no livro informativo e profundamente instigante de autoria do Professor Traste.

Siga seu simples conselho e logo você estará prestes a se tornar o herói que sempre desejou ser...

Elogios a *Como treinar o seu dragão*:

"Este livro mudou minha vida."

Cara-de-lula, o Terrível

"Brilhante." *Revista O Cabeça-oca*

"Ninguém grita melhor que o Professor Traste. Trata-se de um livro sensível, fruto de extensa pesquisa, que contém toda a informação de que você precisa para transformar seu dragão num bichinho de pelúcia." *Gazeta dos Hooligans*

"Traste é um gênio." *Diário Viking*

PREÇO: 1 FRANGO PEQUENO
E 20 OSTRAS

— O QUE É ISSO?! — disse Soluço furiosamente, virando o livro de cabeça para baixo e sacudindo-o para ver se haveria mais do que uma única folha de papel dentro dele.

Soluço colocou o livro na mesa. A expressão excepcionalmente desanimada.

— Tudo bem, Perna-de-peixe — disse ele —, a menos que seus berros sejam melhores que os meus, estamos sozinhos nessa. Precisamos descobrir nosso *próprio* jeito de treinar um dragão.



Stoico, o Menso



5. UM PAPO COM VELHO ENRUGADO

Na manhã seguinte, Solução foi dar uma olhadinha no dragão debaixo de sua cama. Ele ainda dormia.

Durante o café da manhã, sua mãe, Valhalarama, perguntou:

— Como foi sua Iniciação ontem, querido?

— Ah, tudo bem. Capturei meu dragão — disse Solução.

— Que bom, querido — replicou Valhalarama, distraída.

Stoico, o Imenso, ergueu um instante os olhos do prato e, antes de voltar a executar a importante tarefa de entupir a boca de comida, sua voz ribombou:

— EXCELENTE, EXCELENTE! Depois do café da manhã, Solução foi sentar-se ao lado do avô, que fumava um cachimbo, no degrau da frente da casa. Era uma manhã de inverno linda, fria e clara, sem sopro algum de vento, o mar ao redor liso como se fosse de vidro.

Velho Enrugado soltou anéis de fumaça, satisfeito, enquanto olhava o nascer do sol. Solução arremessava pedaços de pedra no terreno de samambaias. Ambos fizeram um longo silêncio.

Finalmente, Solução disse:

— Capturei o tal dragão.

— Eu disse que você conseguiria, não disse?

— replicou Velho Enrugado, muito satisfeito consigo mesmo.

Velho Enrugado passara a prever o futuro depois que envelhecera, embora sem muito sucesso.

— Uma criatura extraordinária, você tinha dito — queixou-se Solução. — Um dragão realmente *fora do comum*. Um animal que realmente faria com que eu me destacasse.

— Isso mesmo — concordou o Velho Enrugado. — A profecia era muito nítida.

— A *única* característica extraordinária desse dragão — continuou Solução —, é como ele é *extraordinariamente* PEQUENO. Nesse ponto, ele é *mesmo* completamente fora do comum. Agora mais do que nunca sou motivo de piada.

— Ah, querido — disse o Velho Enrugado, soltando uma risadinha abafada pelo cachimbo.

Solução olhou para ele com ar de reprovação, e Velho Enrugado rapidamente disfarçou o riso, fingindo tossir.

— Tamanho é algo relativo, Solução — disse Velho Enrugado. — **TODOS** esses dragões são muito pequenos se comparados a um verdadeiro Dragão do Mar. Um **VERDADEIRO** Dragão do Mar é cinquenta *vezes* maior que essas



pequenas criaturas. Um verdadeiro Dragão do Mar do fundo do oceano pode engolir dez navios vikings de uma só vez, sem nem sentir. Um verdadeiro Dragão do Mar é um mistério cruel e insondável como o próprio oceano. Num momento está calmo como uma concha, no outro, agitando-se como um polvo.

— Bem, aqui em Berk — disse Solução —, onde não temos nenhum Dragão do Mar para servir de comparação, o meu é considerado menor que todos os outros. Você está fugindo do assunto.

— Estou? — perguntou Velho Enrugado.

— O ponto é que não vejo como algum dia vou poder me tornar um herói — disse Solução, com tristeza. — Sou o garoto menos heróico de toda a Tribo dos Hooligans.

— Ora! Esta Tribo ridícula! — soltou Velho Enrugado. — TUDO BEM, então você não é um herói nato. Você não é grande e forte ou carismático como Melequento. Mas só vai precisar trabalhar mais isso. Vai ter de aprender a ser um herói do jeito mais difícil.

E o avô continuou:

— De qualquer modo, talvez seja disso que a Tribo precisa, de uma mudança no estilo de liderança. Porque a questão é que os tempos estão mudando. Não vamos conseguir continuar sendo maiores e mais violentos que os outros impunemente. IMAGINAÇÃO. É disso que eles precisam e é isso que você tem a oferecer. Um Herói do Futuro deverá ser astuto e esperto, não só

um grandalhão todo musculoso. Ele terá de fazer com que todos parem de brigar entre si e juntos enfrentem os inimigos.

— Como vou convencer as pessoas a agir?
— indagou Solução. — Eles começaram a me chamar de SOLUÇÃO, O INÚTIL. Esse não é um bom apelido para um Líder Militar.

— Então você precisa enxergar tudo isso de outra perspectiva — prosseguiu Velho Enrugado, ignorando o comentário de Solução. — Eles xingam você. Você não é bom em Batebolada. E daí? Esses problemas são pequenos no grande esquema das coisas.

— É fácil para você dizer que esses problemas são pequenos — disse Solução, irritado. — Mas eu tenho MUITOS pequenos problemas. Preciso treinar esse dragão minúsculo até o Dia de Thor ou serei expulso da Tribo dos Hooligans Cabeludos para sempre.

— Ah, sim — disse Velho Enrugado, pensativo. — Existe um livro que fala disso, não é mesmo? Ajude-me a lembrar, como o grande Professor da Universidade dos Cabeças-ocas ensina a treinar um dragão?

— Ele acha que a gente deve berrar com o dragão — disse Solução, voltando a atirar pedrinhas de um jeito melancólico. — Que deve mostrar à fera quem é o Mestre usando todo o poder encantador e carismático de nossa personalidade, esse tipo de atitude. Eu tenho tanto carisma quanto uma água-viva perdida, e gritar é mais

uma das habilidades que não tenho.

— Sim — disse Velho Enrugado —, então talvez você precise Treinar o seu Dragão do Jeito Difícil. Você sabe muito sobre esses animais, não é mesmo, Soluço? E todo o tempo que passou observando os dragões?

— Isso é segredo — disse Soluço, desconfortável.

— Eu já o vi conversando com eles — disse Velho Enrugado.

— Isso **NÃO É VERDADE** — protestou Soluço, com o rosto já ficando vermelho.

— Tudo bem, então — tranquilizou-o Velho Enrugado, fumando calmamente seu cachimbo —, não é verdade.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo.



— É *verdade* — admitiu Solução —, mas, pelo amor de Thor, não conte a ninguém, eles não compreenderiam

— A habilidade de conversar com dragões é muito rara — disse Velho Enrugado. — Talvez — ele prosseguiu — você possa treinar melhor um dragão conversando que berrando com ele.

— Que meigo — disse Solução — e comovente. Acontece que um dragão não é uma criatura toda fofinha, como um cão ou um pônei. Um dragão não vai obedecer só porque você lhe pede com educação. Pelo que sei de dragões, o berro ainda é o melhor método.

— Mas tem suas limitações, certo? — assinalou Velho Enrugado. — Eu diria que o berro tem um bom efeito em dragões menores que um leão-marinho. Aliás, berrar com qualquer dragão maior que isso é suicídio. Por que você não inventa um método alternativo? Poderia acrescentar algo ao livro do Professor Traste. Eu sempre achei que faltava algo naquele livro... Não sei bem o quê...

— PALAVRAS... — respondeu Solução. — Aquele livro precisa de muito mais palavras.



6. ENQUANTO ISSO, NO FUNDO DO OCEANO...

Enquanto isso, no fundo do oceano, mas não muito longe da Ilha de Berk, um verdadeiro Dragão do Mar, exatamente como o que fora descrito pelo Velho Enrugado, estava adormecido. Ele era indescritivelmente grande. Passara tanto tempo dormindo no fundo das águas que quase parecia parte do solo oceânico, como se fosse uma grande montanha submarina, coberta de conchas e crustáceos, alguns membros parcialmente afundados na areia.

Gerações inteiras de pequenos caranguejos-ermitões nasceram e morreram nas orelhas do dragão. Ele dormia havia centenas e mais centenas de anos, porque tinha feito uma grande refeição. Tivera a sorte de surpreender uma Legião Romana que acampara no topo do rochedo — ela foi completamente dizimada, e o dragão passou uma agradável tarde devorando o batalhão, desde os oficiais comandantes até os soldados rasos. Cavalos, bigas, escudos e espadas... Tudo desceu por sua imensa garganta reptiliana. E já que objetos como rodas douradas de carruagens valem como uma boa dose extra de fibra na dieta de um dragão, ele levava um certo tempo para digeri-los.

O dragão então se arrastara até as profundezas do oceano e entrara num Coma por Adormecimento.

Dragões podem ficar em estado de suspensão por uma eternidade, meio mortos, meio vivos, submersos em profundidades e camadas de água do mar congelada. Durante seis ou sete séculos, se um dragão em particular não moveu um músculo.



Há uma semana, porém, uma Baleia assassina que perseguia focas a uma grande profundidade surpreendeu-se com um leve movimento da pálpebra mais externa do olho direito do dragão. Uma memória ancestral deu alarme no cérebro da baleia, e a criatura se afastou o mais rápido que suas nadadeiras conseguiram. E em uma semana o mar em volta do dragão-montanha — que antes estivera repleto de caranguejos, lagostas e muitos cardumes — transformou-se num imenso deserto submarino. Nenhum molusco, nenhum crustáceo, nada se mexia.

O único sinal de vida por muitos quilômetros ao redor o rápido estremecer das duas pálpebras do dragão, abrindo e fechando como se, de repente, a criatura tivesse passado a um sono mais leve ou estivesse sonhando, sabe-se lá que sonhos possíveis.

7. BANGUELA DESPERTA

Banguela acordou mais ou menos três semanas depois. Solução estava em casa com Perna-de-peixe. Todos tinham saído, então Solução decidiu aproveitar a oportunidade para espiar a cesta de Banguela. Ele a puxou de debaixo da cama. Uma névoa fina de fumaça acinzentada escapava pela tampa.

Perna-de-peixe assobiou.

— Ele está acordado mesmo! — disse ele. — Lá vamos nós.

Solução abriu a cesta.

A fumaça escapuliu e fez com que Solução e Perna-de-peixe começassem a tossir. Solução a abanou com a mão. Depois que seus olhos pararam de lacrimejar, ele conseguiu enxergar um Dragão Comum, pequenino, que o fitava com olhos esverdeados, enormes e inocentes.

— Olá, Banguela¹ — disse Solução, de um jeito que ele esperava ser uma boa pronúncia do dragonês.

— O que você está fazendo? — indagou Perna-de-peixe, curioso.

Isso, claro, deve ser lido como Tudobom, Banguela, mas eu traduzi do dragonês para auxiliar os leitores cujo conhecimento dessa língua seja superficial. Por favor, leiam o livro de Solução *Como falar dragonês* para um curso rápido sobre esse fascinante idioma.

APRENDENDO A FALAR DRAGONÊS

INTRODUÇÃO

Para treinar o seu dragão sem usar o tradicional método do berro, é necessário que se aprenda primeiro a falar dragonês. Os dragões são as únicas criaturas que falam um idioma tão complicado e sofisticado quanto o de um ser humano.

COMO INTRODUÇÃO, SEGUEM ALGUMAS FRASES COMUNS EM DRAGONÊS:

Nãooo faççaaa sujeira dent da casa, pftvooor.

Não faça sujeira dentro de casa, por favor.

≈

Mi Mamã não gosta de moordida no trascciro.

Minha mãe não gosta de ser mordida no traseiro.

≈

Pftvoor, vocêêê poderrria cuspir foraaa meu amig?

Por favor, você poderia cuspir fora o meu amigo?

≈

Vaam treínaarr de novo?

Vamos treinar de novo?

O idioma dragonês, quando pronunciado por um ser humano, é pontuado por gritos estridentes, estampidos e sons **MUITO** esquisitos.

— Eu só estava falando com ele — murmurou Soluço, muito sem graça.

— Só *falando??* — espantou-se Perna-de-peixe, assombrado. — O que você *quer dizer* com isso? Não pode falar com ele, ele é um **ANIMAL**, pelo amor de Thor!

— Ah, cale a boca, Perna-de-peixe — disse Soluço, impaciente —, você está assustando o dragão.

Banguela bufou e fungou, soltando um pouco de fumaça. Ele inflou o pescoço para dar a impressão de ser maior, que é uma coisa que os dragões fazem na hora do medo ou da raiva.

Finalmente, teve coragem de abrir as asas e batê-las no braço de Soluço. Caminhou até o ombro do menino, que virou o rosto na direção do dragão.

Banguela encostou sua testa na de Soluço e o fitou, sério. Ambos ficaram ali, focinho e nariz colados, sem se mexer, por quase sessenta segundos. Soluço piscou muito, porque o olhar de um dragão hipnotiza e transmite a sensação irritante de que o animal está sugando sua alma.

Bem quando Soluço pensava: “Uau! Isso é maravilhoso! Estamos mesmo fazendo contato!”, Banguela abaixou-se e mordeu seu braço.



Soluço soltou um gemido e afastou o dragão.

— P-p-peixe — sibilou Banguela, pairando no ar
diante de Soluço. — Q-q-queiro peixe AGORA!

— Eu não tenho peixe — disse Soluço em
dragonês, esfregando o braço.



Felizmente o dragão
era mesmo banguela, mas
como essas criaturas
têm mandíbulas fortes
a mordida ainda estava
doendo. Banguela o
mordeu no outro braço.

— P-P-PEIXE! — ele
disse novamente.

— Você está bem?
— indagou Perna-de-peixe.
— Não acredito que vou
fazer essa pergunta, mas o

que ele está dizendo?

— Ele quer comida — respondeu Soluço,
esfregando os dois braços de cara feia.

Ele tentou fazer com que sua voz soasse
firme, porém agradável, para dominar a criatura
simplesmente com o poder de sua personalidade,
conforme dissera Bocão.

— Mas NÃO TEMOS PEIXE!

— Tudo bem, então — disse Banguela. — Como um
ξ-ξ-gato.

Ele se virou para dar um bote em Arrepiado,
mas o gato subiu a parede mais próxima soltando
um berro de terror.

Soluço conseguiu pegar Banguela pela cauda quando ele ia voar atrás do bichano. O dragão lutou selvagememente, gritando:

— QUERO P-P-PEIXE AGORA! QUERO C-C-COMIDA AGORA!! GATO É GOSTOSO! QUERO COMER, AGORA!

— Não TEMOS peixe — repetiu Soluço entredentes, sentindo que a paciência já estava acabando — e você não pode comer o gato. Eu gosto dele.

Arrepiado miou indignado do alto de uma viga, no teto.

Os garotos colocaram Banguela no quarto de Stoico, onde havia um problema de ratos.

Durante certo tempo, ele ficou feliz perseguindo os ratinhos que guinchavam desesperados, mas depois se cansou disso e começou a atacar o colchão.

— PARE! — gritou Soluço, enquanto penas voavam para todos os lados.

Banguela respondeu regurgitando os restos de um rato recém-comido bem no meio do travesseiro de Stoico.

— Aaaaargh! — disse Soluço.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAARGH! — disse Stoico, o Imenso, que entrou no quarto justamente naquela hora.



Banguela lançou-se na barba de Stoico, o Imenso, achando que fosse uma galinha.

— Tirem o dragão daqui! — disse Stoico.

— Ele não me obedece! — gritou Solução.

— Grite BEM ALTO com ele — berrou Stoico. —
MUITO ALTO,

Solução gritou o mais alto que pôde:

— Poderia, por favor, parar de comer a barba de meu pai?

Como suspeitava Solução, Banguela não deu a menor bola.

“Eu SABIA que não conseguiria berrar direito”, pensou o menino, desanimado.

— DESCADAÍSEUREPTILZINHOHORRÍVEL! — gritou Stoico.

Banguela desceu.

— Está vendo? — disse Stoico. — É *assim* que se trata um dragão.

Bafo de Verme e Garra de Gancho, os dragões de caça de Stoico, entraram no quarto. Banguela ficou paralisado enquanto os bichos o rodeavam, os olhos amarelos e malvados brilhando. Cada dragão era do tamanho de um leopardo, e os dois estavam felizes com a chegada de Banguela, como se fossem uma dupla de gatos gigantes que se divertia à custa de um filhotinho.

— Alô, companheiro cuspidor de fogo! — sibilou Bafo de Verme, cumprimentando o recém-chegado com uma fungada.

— Precisamos aguardar até ficarmos a sós para lhe dar as boas-vindas que merece — murmurou Garra de Gancho em tom ameaçador.

Ele deu um tapinha maldoso em Banguela. Uma garra parecida com uma faca de cozinha feriu o traseiro do pequeno dragão e ele uivou, escondendo-se sob a túnica de Soluço até ficar apenas com a cauda de fora.

— GARRA DE GANCHO! — berrou Stoico.

— *Mínha garra escapou* — disse o dragão, choramingando.

— SAIAMDAQUIANTESQUEEUTRANSFORMEVOÇÊSEMBOLSAS! — berrou Stoico.

Bafo de Verme e Garra de Gancho se afastaram, murmurando os mais terríveis xingamentos em dragonês.

— Conforme eu ia dizendo — prosseguiu Stoico, o Imenso —, É ASSIM que se lida com um dragão.

Stoico estava olhando para Banguela com uma ansiedade esquisita.

— Filho — disse ele, esperando que aquilo fosse algum tipo de engano —, este dragão é *seu*?

— É, pai — admitiu Soluço.

— Ele é... bem... é muito... PEQUENO, não? — disse Stoico lentamente.

Stoico não era uma pessoa observadora, mas mesmo *ele* não podia deixar de reparar que aquele *era* um dragão verdadeira e excepcionalmente miúdo.

—...e ele não tem dentes.

Silêncio e mal-estar.

Perna-de-peixe tentou ajudar Soluço.

— É porque a raça desse dragão é incomum



— disse Perna-de-peixe. — Ele vem de uma espécie rara e... hã... violenta chamada Devaneio Banguela, que tem um parentesco distante com o Pesadelo Monstruoso, mas muito mais destemida e tão rara que está praticamente extinta.

— É mesmo? — Stoico examinou o Devaneio Banguela, em dúvida. — Ele parece um Dragão Comum ou de Jardim, a meu ver.

— Ahhh, com todo o respeito, Chefe — disse Perna-de-peixe —, é aí que o senhor se **ENGANA**. Aos olhos de um amador, ele tem a aparência *exata* de um Dragão Comum ou de Jardim. Mas se o senhor olhar mais de perto verá a marca característica do Devaneio Banguela. — Perna-de-peixe apontou para uma verruga na ponta do focinho do dragão. — Esta é a marca que o diferencia da raça mais comum.

— Pelo amor de Thor, você está certo! — disse Stoico.

— E não se trata apenas do Devaneio Banguela *normal* — Perna-de-peixe estava se animando. — Esse dragão em especial tem **SANGUE REAL**.

— Não! — disse Stoico, muito impressionado. Stoico era um viking terrivelmente esnobe.

— Sim — Perna-de-peixe continuou, com ar solene —, seu filho simplesmente partiu e roubou o filhote do próprio Rei Presa de Adaga, o réptil soberano do Rochedo do Dragão Selvagem. Os Devaneios Banguelas da realeza sempre são pequeninos no começo, mas se tornam criaturas de porte **IMPRESSIONANTE**. Até mesmo **GIGANTESCO**.

— Exatamente como você, hem, Solução? — disse Stoico, soltando uma grande gargalhada e fazendo um afago no cabelo do filho.

A barriga de Stoico queixou-se com um ronco que pareceu uma distante explosão subterrânea.

— Acho que é hora de um jantarzinho.

Meninos, limpem essa bagunça toda!

Stoico afastou-se, aliviado por ter restaurado a fé em seu filho.

— Obrigado, Perna-de-peixe — disse Solução.
— Você estava inspirado.

— De nada — disse o garoto. — Eu estava lhe devendo uma por tê-lo metido numa briga contra o Melequento.

— Em algum momento meu pai vai descobrir a verdade, claro — disse Solução abatido.

— Não necessariamente — comentou Perna-de-peixe. — Veja só a conversa que você teve com o Devaneio Banguela. Aquilo foi INACREDITÁVEL, FANTÁSTICO, Eu nunca tinha visto algo assim. Quando menos esperar vai estar treinando ele.

— Ê, eu até estava falando com ele — disse Solução —, mas ele não ouviu uma palavra do que eu disse.

*** * ***

Quando ia se deitar, naquela noite, Solução não quis deixar Banguela diante da lareira com Bafo de Verme e Garra de Gancho.

— Posso levar meu dragão para dormir comigo? — ele pediu ao pai.

— Um dragão é um animal de trabalho — disse Stoico, o Imenso. — Se você ficar mimando esse bicho, ele vai acabar perdendo sua tendência à crueldade.

— Mas é que Bafo de Verme vai matá-lo se eu o deixar sozinho com eles.

Bafo de Verme grunhiu, agradecido.

— Seria um grande prazer — ele sibilou.

— Que nada! — gritou Stoico, sem reparar no último comentário de Bafo de Verme, já que não falava dragonês. Stoico deu um tapinha amistoso nos chifres de seu dragão. — Bafo de Verme só quer brincar. Brincar assim, de luta, é bom para o dragão jovem. Obrigá ele a aprender a se defender.

Garra de Gancho estendeu as garras, que mais pareciam canivetes e tamborilou no peito, na altura do coração.

Soluço fingiu que se despedia de Banguela perto do fogo, mas o levou escondido para o quarto, enrolado na túnica.

— Você precisa ficar totalmente quieto — disse ele com firmeza a Banguela quando subiram na cama, e o dragão fez que sim com a cabeça ansiosamente.

O animal, na verdade, roncou alto a noite inteira, mas Soluço nem se importou. O garoto havia passado todo o inverno em Berk e sentira “muito frio”, em todos os seus variados estágios — de “bem friozinho” a “completamente congelante”. De noite, quem usasse muitos cobertores era considerado mimadinho, então Soluço geralmente ficava



acordado por algumas horas até que, tremendo acabou pegando num sono bem leve.

Mas, quando Solução esticou os pés e eles encostaram nas costas de Banguela, ele sentiu ondas de calor emanando do pequeno dragão e, gradualmente, subindo por suas pernas, aquecendo seu estômago e seu coração congelados, alcançando até mesmo sua cabeça, que não ficava *realmente* aquecida havia quase seis meses. Até suas orelhas queimavam felizes. Seriam necessários seis dragões roncando para despertar Solução, tão profundo foi seu sono naquela noite.



8. TREINANDO O SEU DRAGÃO DO JEITO DIFÍCIL

Soluço ainda tinha bastante certeza, por causa de seu conhecimento dos dragões, de que berrar era o jeito mais fácil de treiná-los. Então, nas semanas seguintes, ele tentou gritar com Banguela para ver se dava certo. Tentou berrar bem alto, com firmeza e autoridade. Mostrava-se o mais zangado possível. Mas Banguela não o levava a sério.

O garoto finalmente desistiu de gritar quando Banguela roubou uma sardinha de seu prato no café da manhã. Soluço deu um grito feroz e assustador. Banguela apenas lhe lançou um olhar mal-humorado e, com a cauda, num só golpe, derrubou no chão tudo o que estava sobre a mesa.

Esse foi o fim da história do berro para Soluço.

— Tudo bem, então — disse o garoto. — Vou tentar o método oposto.

Assim, o menino foi o mais doce possível com seu dragão. Deu a ele o lado confortável da cama e ficou perigosamente espremido na beirada.

Soluço alimentou-o com todas as lagostas e sardinhas que o bicho quis. Mas só fez isso uma vez, porque o dragãozinho comeu até passar mal.

Ficava brincando com o dragão horas a fio. Contou-lhe piadas, trouxe-lhe camundongos para

comer, coçou as espinhas nas costas que Solução não conseguia alcançar.

Ele tornou a vida do dragão tão agradável quanto possível.

* * *

Em meados de fevereiro, o inverno terminava em Berk, e a temporada de neve se transformava em período de chuvas. Era o tipo de clima em que as roupas nunca secavam, não havia jeito. Solução pendurava sua túnica encharcada numa cadeira diante da lareira antes de ir para a cama à noite e, pela manhã, a roupa *ainda* estava molhada — quente e úmida em vez de fria e úmida, mas, ainda assim, ÚMIDA.

O terreno ao redor da vila era lama pura, até os joelhos.

— O que, em nome de Odin, você está fazendo? — indagou Perna-de-peixe quando passou por Solução, que cavava um buraco enorme do lado de fora da casa.

— Estou construindo um chiqueirinho para Banguela — disse Solução, sem fôlego.

— Você mima esse seu dragão, de verdade — disse Perna-de-peixe, balançando a cabeça em reprovação.

— É tudo psicologia — disse Solução. — Esse jeito é inteligente e mais sutil, nada de bancar o homem das cavernas e ficar berrando feito você com sua Vaca Aterrorizante.

Perna-de-peixe tinha dado o nome de Vaca

Aterrorizante a seu animal. O termo “aterrorizante” fora inserido com a intenção de fazer com que a pobre criatura ganhasse um ar assustador, pelo menos um pouco. A palavra “vaca” veio porque, para uma dragoa, ela *era* incrivelmente parecida com uma vaca. Era uma criatura grande, calma, marrom, de natureza amorosa. Perna-de-peixe suspeitava de que a dragoa fosse até mesmo vegetariana.

— Eu sempre a surpreendo mastigando madeira — ele se queixou. — SANGUE, Vaca Aterrorizante, SANGUE! É isso que você devia querer!

Contudo, talvez Perna-de-peixe *fosse* melhor na hora do berro do que Solução, ou, quem sabe, sua dragoa era do tipo preguiçoso e mais obsequiosa que Banguela, mas a questão era que estava sendo bem fácil treiná-la à base de grito.

— Tudo bem, Banguela, está pronto — disse Solução. — Dê uma boa chafurdada.

Banguela parou de ficar tentando pegar ratos e saltou na lama. Ele rolou na terra mole, estendendo as asas e sorrindo de felicidade.

— Estou criando um vínculo com ele — disse Solução —, assim o dragão vai querer fazer tudo o que eu lhe pedir.

— Solução — disse Perna-de-peixe enquanto Banguela engolia um tanto de lama e depois cuspiu tudo na cara de Solução —, eu não sei muito sobre os dragões, mas *sei* que são as criaturas mais egoístas da Terra. Nenhum dragão vai fazer

nada por gratidão. Eles nem sequer sabem o que é isso. Desista. Esse seu método **NUNCA VAI FUNCIONAR.**

— O lance sobre nós, d-d-dragões — disse Banguela, tentando ajudar — é que somos s-s-sobreviventes. Não somos gatinhos s-s-sentimentais ou cachorrinhos b-b-bobos, que a-a-adoram seus Donos e coisas nojentas desse tipo. Só obedecemos ao h-h-homem porque ele é m-m-maior e porque nos alimenta.

— O que ele, afinal, está dizendo? — indagou Perna-de-peixe.



— O mesmo que você — disse Soluço.

— N-n-nunca confie num dragão — disse Banguela, saltando feliz para fora do chiqueirinho e apanhando um caramujo que Soluço tinha encontrado para ele. (Banguela gostava muito de comer caramujos) — “P-p-parecem caca de n-n-nariz”. — ele dizia. — Foi isso que m~m-minha mãe me ensinou no ninho, e ela sabia das coisas.

Soluço suspirou. Era verdade. Banguela era uma gracinha e ótima companhia, embora um pouco carente de atenção. Contudo, bastava olhar em seus olhos de cílios longos, grandes e inocentes para perceber que ele era totalmente sem moral. Os olhos eram ancestrais, olhos de um matador. Seria como cultivar amizade com um crocodilo ou com um tubarão.

Soluço limpou a lama do rosto.

— Vou pensar em outra ideia — disse.

* * *

Fevereiro virou março e Soluço ainda estava pensando. Algumas poucas flores que cometeram o erro de surgir foram imediatamente destruídas por geadas intensas, e por isso mesmo não apareceram mais.

Perna-de-peixe agora já conseguira ensinar a Vaca Aterrorizante os comandos de “vá” e “fique”. Soluço ainda tentava ensinar Banguela a usar o banheiro.

— NÃO FAÇA COCÔ NA COZINHA — disse Soluço pela centésima vez, levando Banguela para fora de casa depois de mais um acidente.

— É mais q-q-quentinho na cozinha — reclamou Banguela.

— Mas sujeira a gente faz do lado de FORA da casa, você SABE disso — falou Soluço, já sem forças.

Imediatamente, Banguela fez cocô nas mãos e na túnica de Soluço.

— Aqui é FORA, aqui é FORA, aqui é FORA!

— Banguela gritou triunfante.

Nesse momento inoportuno, Melequento e Bafoca, voltando da praia, passavam em frente à casa de Stoico, trazendo seus dragões no ombro.

— Olhe só — zombou Melequento —, se não é o INÚTIL coberto de cocô de dragão. Eu acho que isso combina muito bem com você.

— Há, Há, Há — debochou Bafoca.

— Isso não é um dragão — caçou Lesma Marinha, o dragão de Bafoca, que era um grande Gronkel de nariz achatado e temperamento ruim. — Isso é uma salamandra alada.

— Não é um dragão — cuspiu Lagarta de Fogo, a dragoa de Melequento, que era tão maldosa quanto seu Mestre. — É um cocíinho recém-nascido com uma disenteria patética.

Banguela bufou de raiva.

Melequento mostrou a Soluço a imensa pilha de peixes que levava embrulhada na túnica.

— Veja o que Lagarta de Fogo e Lesma Marinha pescaram na praia. E só levaram algumas horas...

Lagarta de Fogo tossiu, exibiu sua musculatura brilhante e olhou para as garras com falsa modéstia.

— Ah, o que é isso! — disse. —
Eu nem estava **CONCENTRADA**; se
quisesse **MESMO**, faria isso em dez
minutos, com uma asa nas costas.

— Com licença, que
vou vomitar — murmurou
Banguela a Vaca
Aterrorizante, que fitava
Lagarta de Fogo com seus grandes olhos marrons
em desaprovação.

— Acreditamos que Lagarta de Fogo pode
se tornar uma **CAÇADORA LENDÁRIA** — disse
Melequento, sorrindo. — Ouvi dizer que Vaca
Aterrorizante é chegada em cenoura... Será que
Banguela tem coragem de atacar um vegetal?
Cenouras são meio duras, mas talvez ele consiga
mastigar um pepino amassado... ou seria o caso de
lhe darmos um suco com canudinho...

— **HA! HA! HÁ!** — Bafoca riu tanto que soltou
meleca pelo nariz.

— Cuidado, Bafoca — disse Perna-de-peixe
com educação —, seu cérebro está saindo da
cabeça.

Bafoca o empurrou com força, e os dois
meninos se afastaram. Lagarta de Fogo deu um
esbarrão em Banguela que quase lhe arrancou o
olho.

Assim que ambos
estavam fora do
alcance, Banguela
escapuliu dos braços de



de modo ameaçador.

Venham aqui que
tr suas entranhas e
vai... vai... vai... Be

anguela! — disse
ocê gritar mais alto

9. MEDO, VAIDADE, VINGANÇA E PIADAS IMBECIS

Março virou abril e abril virou maio. Depois dos comentários de Lagarta de Fogo chamando-o de coelhinho patético, Banguela nunca mais sujou a cozinha. Mas Solução não conseguiu muito progresso no treinamento.

Ainda chovia, mas não fazia frio. O vento soprava, embora com menos fúria. Dava para ficar parado de pé.

As gaivotas chocavam seus ovos nas pedras da Praia Longa, e os pais das ninhadas mergulharam sobre Solução e Perna-de-peixe quando os dois chegaram ali para treinar.

— MATE, Vaca
Aterrorizante, MATE! — dizia Perna-de-peixe à dragoa, que estava calmamente empoleirada em seu ombro. — Você devia engolir aquela Gaivota Preta de café da manhã, ela tem



metade de seu tamanho. Honestamente, Solução, eu desisto, não sei como vou passar pelo teste de caça, Vaca Aterrorizante não tem instinto assassino Ela nunca sobreviveria na vida selvagem.

Solução riu com ironia.

— Você acha que VOCÊ tem problemas?

Banguela e eu não conseguimos acertar desde que começamos: os comandos básicos de obediência, a repreensão, os exercícios obrigatórios, a caçada, a coisa toda.

— Isso não pode ser assim *tão* ruim — disse Perna-de-peixe.

— Fique olhando — disse Solução.

Os meninos andaram um pouco pela praia, afastando-se das gaivotas.

Começaram a praticar o comando mais básico de todos: “Vá!”

Era para o dragão ficar de pé, com o corpo ereto, no braço do treinador, que então deveria berrar o próximo comando o mais alto possível, enquanto erguia o braço, lançando o dragão no ar. A criatura deveria levantar voo elegantemente quando o braço do treinador estivesse no alto.

Vaca Aterrorizante bocejou, coçou-se e suavemente voou para longe, murmurando algo.

Banguela foi ainda menos obediente.

— VÁ! — gritou Solução.

O garoto ergueu o braço. Banguela ficou parado.

— Eu disse VÁ! — repetiu Solução, frustrado.



— P-p-por quê í-í-ir? — perguntou Banguela, dando de ombros, prendendo-se com firmeza no braço do garoto.

— Vá! É só isso! VÁ VÁ VÁ VÁ!!! — gritou Soluço, balançando o braço enlouquecidamente, enquanto Banguela fazia de tudo para se manter agarrado.

O dragão conseguiu ficar.

— Banguela — disse Soluço da maneira mais

moderada possível —, por favor, obedeça. Se você não começar a fazer isso quando eu mandar, nós dois seremos exilados.

— Mas eu não q-q-quero ir — argumentou Banguela em tom igualmente razoável.

Perna-de-peixe ficou observando tudo o que acontecia, tomado de surpresa.

— Você tem problemas *mesmo* — ele disse com voz de espanto.

— É — falou Soluço.

Ele finalmente deu um jeito de desprender as garras de Banguela, que se soltou por um instante, e empurrou o dragão para longe. Banguela caiu na areia com um grito de indignação e imediatamente prendeu-se à perna de Soluço, as garras segurando com firmeza as sandálias do menino e as asas abraçadas à sua panturrilha.

— N-n-não vou — disse Banguela, teimoso.

— Não dá para ficar pior do que isso — disse Soluço. — Vou tentar uma nova estratégia.

Ele tirou do bolso a caderneta em que estivera fazendo anotações sobre dragões, na esperança de que isso pudesse ajudá-lo.

— MOTIVAÇÃO DE DRAGÃO... — Soluço leu em voz alta. — 1. GRATIDÃO, — Soluço suspirou. — 2. MEDO. Isso funciona, mas não consigo fazer. 3, 4, 5. GULA, VAIDADE e VINGANÇA. Vale a pena tentar essas. 6. PIADAS E CHARADAS. Só se eu estiver desesperado.

— É um começo — disse Perna-de-peixe —, mas preciso concordar com Bocão Bonarroto. Por



Solução

MOTIVAÇÃO DE DRAGÃO

- ~~1. GRATIDÃO~~ Dragões NUNCA sentem gratidão. X
- ~~2. MEDO~~ Funciona, mas eu não sei amedrotar. X
- ~~3. GULA~~ Se eu o encher de comida ele vai conseguir voar? X
4. VAIDADE. É possível.
5. Vingança ??? vale tentar.
6. PIADAS E CHARADAS
↑
só se eu estiver desesperado.

O PESADELO MONSTRUOSO



O Pesadelo Monstruoso é o maior e mais assustador de todos os dragões domésticos. Demonstrando incrível capacidade de voar, são caçadores magníficos e guerreiros temíveis. Essas criaturas são selvagens e difíceis de treinar. Segundo uma Lei Viking não oficial, apenas o Chefe ou o filho do Chefe podem possuir um dragão desses.

~ ANÁLISE ~

CORES: Verde-esmeralda, vermelho-brilhante, roxo-escuro.

ARMADOS DE: Presas assustadoras, garras extralongas..... **9**

DEFESAS: Os Pesadelos não precisam de defesas..... **2**

RADAR: Nenhum..... **0**

VENENO: Sua mordida é ligeiramente venenosa..... **3**

HABILIDADE DE CAÇA:

Surpreendente..... **10**

VELOCIDADE: Rápidos..... **7**

FATOR MEDO E HABILIDADE DE COMBATE:
Muito, muito assustadores..... **10**

que você não grita só um pouquinho?

Soluço o ignorou.

— Tudo bem, Banguela — disse Soluço ao pequeno dragão, que fingia dormir enquanto se mantinha agarrado à perna do menino. — Para cada peixe que você pescar, eu lhe darei duas lagostas a mais quando chegarmos em casa.

Banguela arregalou os olhos.

— V-v-vivas? — ele perguntou ansioso. —

Banguela p-p-pode matá-las? P-p-por favor? Só dessa vez!

— Não, Banguela — disse Soluço com firmeza.

— Eu não lhe ensinei que não é gentil torturar as criaturas menores?

Banguela fechou os olhos novamente.

— Você é muito c-c-chato — ele disse, magoado.

— Você é um dragão tão esperto e rápido, Banguela! —

disse Soluço num tom bajulador. — Aposto que se quisesse poderia pescar mais peixes que qualquer outro dragão no Dia de Thor.

Banguela abriu os olhos para pensar no assunto.

— D-d-duas vezes mais — ele disse com modéstia.

— Mas eu não q-q-quero.

Era impossível argumentar. Soluço riscou a palavra VAIDADE de sua lista.

— Sabe aquela dragoa grande e vermelha, a Lagarta de Fogo, que foi grosseira com você? — perguntou Soluço.

Banguela cuspiu no chão, indignado.

— D-d-disse que eu era uma salamandra alada. D-d-disse que eu era um c-c-coelho com disenteria.

Banguela vai m-m-matá-la. Banguela vai a-a-arrancar o e-e-couro dela. B-b-banguela vai...

— Sim, sim, sim — disse Soluço apressadamente. — Aquela Lagarta de Fogo e seu dono, que parece um porco acham que ela vai pescar mais do que os outros nas comemorações do Dia de Thor. Imagine como ficarão com cara de bobos quando perceberem que foi VOCÊ quem ganhou o prêmio de Dragão Mais Promissor?

Banguela soltou a perna de Soluço.

— Vou P-P-PENSAR, nisso — disse Banguela.

O animal se afastou um pouco e ficou pensativo.

Cinco minutos depois, ainda refletia. Deixava escapar um ou outro gemido, mas toda vez que Soluço dizia “É então?”, ele simplesmente replicava:

— A-a-ainda estou pensando. Vá embora.

Suspirando, Soluço riscou a palavra VINGANÇA.

— Tudo bem — disse Perna-de-peixe olhando por sobre o ombro de Soluço —, você já tentou de tudo. Que tal PIADAS E CHARADAS? Imagino que esteja desesperado.

— Banguela — disse Soluço. — Se você pescar um bom arenque, será o dragão mais inteligente e rápido de Berk. E fará com que Lagarta de Fogo fique com cara de idiota. E ganhará todas as lagostas que quiser. E, quando chegar em casa, vou lhe contar uma boa piada. Banguela virou-se.

— B-b-banguela adora piada. — Ele voou de volta ao braço de Soluço. — Tudo bem. Banguela vai ajudar. M-m-mas NÃO porque sou b-b-bonzinho ou essas coisas meigas.

— Não, não — disse Soluço. — Claro que não.

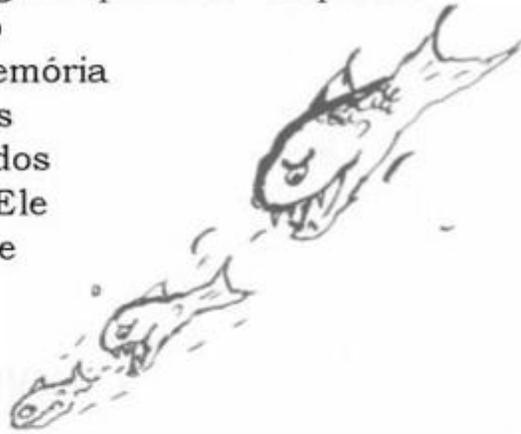
— Nós, os d-d-dragões, somos cruéis e malvados. Mas adoramos uma p-p-piada. Conte uma AGORA.

Soluço deu risadas.

— De jeito nenhum. Só DEPOIS que você pescar.

— Tudo bem, então — disse Banguela. Ele saltou do braço de Soluço e levantou voo.

Ver um dragão caçando é muito impressionante, mesmo um filhote pequeno como Banguela. Ele voou pela praia em seu jeito desengonçado e torto de sempre, soltando ao longo do caminho alguns guinchos de insulto aos pássaros menores que ele. Mas, assim que alcançou o mar, Banguela pareceu um pouco maior. O sal marinho despertou alguma memória ancestral dos grandes monstros caçadores dos quais ele descendia. Ele abriu as asas como se fosse uma pipa no céu e voou linda e suavemente sobre as ondas espumosas, mantendo o corpo e as asas firmes enquanto buscava sinais de peixes em movimento. Quando avistou algo, pairou em círculos até ficar tão alto que Soluço, inclinando a cabeça para trás, na praia, só conseguia ver um pontinho. Essa mancha ficou imóvel por um segundo, depois mergulhou no ar, as asas



fechadas, coladas ao corpo, despencando do céu feito uma pedra.

Banguela desapareceu na água e ficou um tempo sumido. Se quiserem, os dragões conseguem ficar submersos por cerca de cinco minutos, e Banguela ficou bastante distraído lá embaixo, perseguindo um peixe e depois outro, incapaz de decidir qual era o maior.

Soluço tinha se entediado e estava procurando lagostas quando Banguela saiu do mar triunfante, trazendo um pequeno arenque.

Ele largou o peixe aos pés de Soluço, deu três saltos e empoleirou-se na cabeça do garoto. Banguela emitiu o grito de triunfo dos dragões, que parece um pouco com o canto de um galo, só que é mais alto e cheio de satisfação.

Depois ele se inclinou e de cabeça para baixo fitou os olhos de Soluço.

— Agora c-c-conte uma piada — disse.

— Com a graça de Odín! — exclamou Soluço. — Ele conseguiu. Ele conseguiu.

— C-c-conte uma PIADA — disse Banguela de novo.

— O que é que fica totalmente preto, branco e vermelho? — perguntou Soluço.

Banguela não soube responder.

— Um piuzúim queimado do sol — replicou Soluço. Era uma piada muito, muito antiga, mas aparentemente não tinha chegado até o Rochedo do Dragão Selvagem. Banguela a achou histericamente engraçada.

Ele saiu voando para apanhar mais peixes e

ouvir mais piadas.

Foi uma tarde agradável. A chuva parou, o sol brilhou, e Banguela não fez feio na caçada. Ele apanhou alguns peixes e, lá pelas tantas, saiu atrás de coelhos nos rochedos. E, finalmente, voltou ao chamado de Solução. Depois de poucas horas já tinha pescado seis arenques médios e um cação.



De modo geral, Solução ficou muito satisfeito.

— Afinal — disse ele a Perna-de-peixe —, não é que eu queira ganhar o prêmio de Dragão Mais Promissor nem nada. Só quero mostrar que Banguela está sob meu controle e fazê-lo pescar alguns peixes. Ficaremos com cara de bobos comparados com Melequento e sua feroz Caçadora Lendária, mas pelo menos teremos passado na Iniciação.

E, para completar, quando Banguela deixou cair o último peixe na pilha diante de Solução, Perna-de-peixe reparou em algo pontudo que brilhava na mandíbula inferior do dragão.

— O primeiro dente de Banguela começou a nascer! — disse Perna-de-peixe.

Aquilo parecia ser um bom presságio.

*** * ***

Ao voltar para casa, eles passaram por Velho Enrugado, que gastara as duas últimas horas sentado numa rocha observando os meninos.



— Muito impressionante — sibilou o Velho quando os meninos lhe mostraram os peixes embrulhados na túnica de Soluço.

— Achamos que Soluço realmente vai conseguir passar no Teste Final de Iniciação no Dia de Thor — disse Perna-de-peixe todo animado.

— Então você ainda está preocupado com aquele Testezinho de nada, Soluço? — indagou Velho Enrugado. — Existem problemas maiores, você sabe. Há uma tempestade gigantesca a caminho, por exemplo. Ela chegará daqui a uns três dias.

— Testezinho? — disse Perna-de-peixe indignado.

— O que quer dizer com Testezinho? O

Festival do Dia de Thor é o maior evento do ano. TODO MUNDO que é ALGUÉM estará por lá, todos os membros da Tribo dos Hooligans Cabeludos E também os Cabeças-ocas. Além disso, pode não ser importante para VOCÊ, mas qualquer pessoa que falhe no Testezinho é exilado, para acabar comido por canibais ou algo igualmente horrível.

— Eu vou passar a me chamar SOLUÇO, O ÚTIL, e meu dragão será o CHEIO DE DENTES — disse o garoto, radiante. — Pensei nisso agora e estou realmente contente com a ideia. É forte, confiável, não é muito exagerado e nem cria expectativas demais.

— Esse réptil enfim conseguiu dar certo e pegar alguns peixes — disse Perna-de-peixe apontando para Banguela, que estava tirando meleca do nariz com a garra. — Por mais inacreditável que possa parecer, Solução pode passar no Teste, afinal.

— Ah, acho que é quase certo — disse Velho Enrugado olhando para Banguela, que então tentava envesgar os olhos e perdera o equilíbrio ao fazer isso. — Quase — repetiu Velho, pensativo.

E os garotos voltaram para casa, com Banguela no encalço deles dizendo:

— AH, C-C-CARREGUE-ME, C-C-CARREGUE-ME... não é j-j-justo... minhas asas estão doloridas...





10. QUINTA-FEIRA, DIA DE THOR

As celebrações do Dia de Thor eram realmente uma ocasião espetacular. Os grandes rivais da Tribo dos Hooligans Cabeludos, os Cabeças-ocas, que vinham das ilhas próximas, velejavam pelo Oceano Interno até a Ilha de Berk para comparecer à grande reunião.

Os visitantes montaram acampamento na Baía do Coração Negro, que, do dia para a noite, transformou-se de um deserto que ecoava o som das gaivotas num acampamento tumultuado, repleto de cabanas feitas com tecido de velas que já tinham remendos demais para continuarem a ser usadas nos barcos.

Na manhã seguinte, a Praia Longa estava lotada de barracas, malabaristas e adivinhos. Havia uma bagunça animada de vikings que reencontravam velhos amigos, lutavam com espadas, gritavam mandando os filhos pararem de brigar, AGORINHA, pelo amor de Thor, ESTOU FALANDO A SÉRIO... ou... ou... OU ENTÃO...

BEM-VINDOS À COMEMORAÇÃO DA QUINTA-FEIRA, DIA DE THOR!

Programação de eventos

9h **Arremesso de martelos apenas para participantes acima de 60 anos**



Ponto de encontro na Rocha do Corsário.

Traga seu próprio martelo ou o de um amigo.
(É exigido que os espectadores usem capacete.)

10h30 **Quantos Ovos de Gaivota Você
Consegue Engolir em 1 Minuto?**



Barrigão Caído de Cerveja é o
campeão invicto desse concurso
altamente disputado.



11h30 **Concurso do Bebê Mais Feio**



12h30 **Demonstração de Luta com Machados**
Admire a delicada arte do combate com essas armas.

14h **Teste Final de Iniciação dos Jovens Heróis**
Assista à competição dos Heróis do Futuro. Qual
terá o dragão mais obediente, e qual animal vai
capturar mais peixes? Sangue, dentes, gritaria,
esse esporte é tudo de bom!

15h30 **Grande Rifa e Cerimônia de Encerramento**

Grandes homens vikings sentavam-se em rochas desconfortáveis gargalhando alto, como gigantesco leões-marinhos em férias. Mulheres vikings, impressionantes de tão imensas, formavam grupinhos, tagarelando como gaivotas e engolindo canecas de chá com um só gole.

Apesar das previsões sinistras de Velho Enrugado, de que haveria terríveis tempestades e tufões, fazia um glorioso dia quente de verão, sem sinal algum de nuvem no horizonte.

O Teste Final de Iniciação dos Jovens Heróis não teria início antes das duas horas da tarde, então Solução passou a manhã ouvindo com ingenuidade os contadores de histórias repetirem lendas malucas sobre navegantes temíveis e princesas piratas.

Ele estava morto de nervosismo, por isso era difícil aproveitar a comemoração como nos anos anteriores.



Até mesmo Bocão, que vomitara bem no meio da competição *Quantos Ovos de Gaivota Você Consegue Engolir em 1 Minuto?*, não tirou mais do que um leve sorriso do rosto pálido e tenso de Solução.

A família de Solução fez um piquenique de almoço enquanto assistia à Demonstração de Luta com Machados. O garoto nada conseguia comer e, mais estranho ainda: o mesmo acontecia com

Banguela, que estava de mau humor e torceu o nariz para o sanduíche de atum que Valhalarama lhe oferecera.

— Melhor guardar seu apetite de dragão para o jogo — aconselhou Stoico, o Imenso, que estava de ótimo humor.

Ele vencera Garganta-de-sapo numa aposta durante o Concurso do Bebê Mais Feio e não via a hora de assistir à excelente atuação de seu filho no Teste de Iniciação.

Conforme o dia foi passando, um vento quente começou a soprar, vindo não se sabe de onde. Ainda estava muito abafado, mas nuvens escuras começaram a se formar no horizonte. Havia no ar um esquisito rugir de trovões.

Talvez Velho Enrugado estivesse certo, pensou Solução quando olhou para cima: como já era costume, Thor, o Deus do Trovão ia, *sim*, comparecer às comemorações de seu dia.

— ATENÇÃO! Todos os jovens a serem iniciados às Tribos este ano, por favor, tomem seus lugares no terreno à esquerda da praia.

Solução engoliu em seco, afagou Banguela e ficou de pé. Era agora ou nunca.

* * *

Solução foi um dos últimos jovens a descer ao local, que era um grande espaço de areia molhada na beira do oceano. Os meninos da Tribo já estavam reunidos, com seus dragões pairando sobre suas cabeças. Todos conversavam agitados, e até

mesmo Melequento parecia nervoso.

Os meninos da Tribo dos Cabeças-ocas e seus respectivos dragões pareciam gigantescos, bravos, muito mais fortes que os Hooligans Cabeludos.

Um deles, em especial, era um garoto valentão e grosseiro, que parecia ter pelo menos uns 15 anos.



Soluço imaginou que aquele deveria ser Impiedoso, o filho do Chefe Morgadão, da Tribo dos Cabeças-ocas, porque ele tinha um dragão do tipo Pesadelo Monstruoso cinza e prata empoleirado no ombro. A criatura olhava para Lagarta de Fogo como se fosse um cão Rottweiler com as piores intenções.

Lagarta de Fogo não deu a menor bola.

— Um aristocrata nunca ruçe — disse Lagarta de Fogo, suavemente. — Ele deve ser um Pesadelo Monstruoso mestiço. Nós, de sangue verde puro, descendentes do grande Garra Mortal, nunca sonharíamos em fazer algo tão mundano.

O rugido do Pesadelo Monstruoso cinza ficou mais alto.

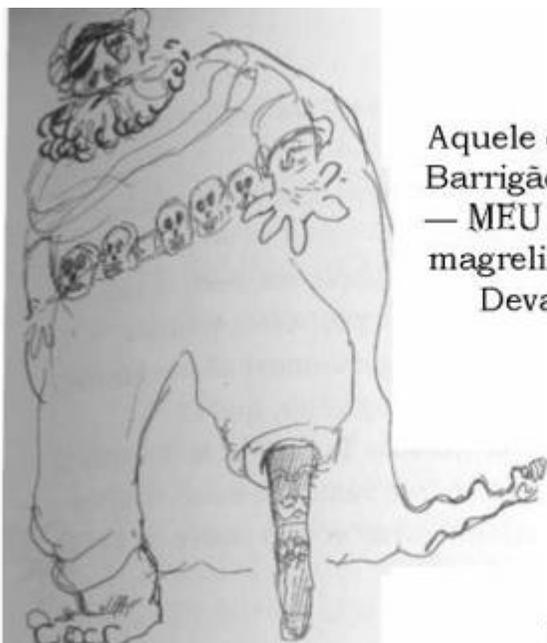
A multidão se reunia na largada. Soluço evitou reparar em Stoico, o Imenso, abrindo caminho e gritando coisas do tipo “Saíam da frente, eu sou um CHEFE!”

— APOSTO DEZ CONTRA UM QUE MEU FILHO VAI PEGAR MAIS PEIXES QUE O SEU! — Stoico berrou, dando uma boa cutucada na barriga de seu velho inimigo, Morgadão, o Cabeça-oca.

O Chefe Cabeça-oca estreitou os olhos e ficou pensando se daria ou não um soco em Stoico. Talvez DEPOIS do Teste.

— E qual deles é o seu filho? — indagou Morgadão, o Cabeça-oca. — Aquele alto, com cara de porco e tatuagens de caveira, que está com o Pesadelo Monstruoso vermelho?

— Não — respondeu Stoico, animado. —



Aquele é o filho de meu irmão,
Barrigão Caído de Cerveja.

— MEU FILHO é aquele
magrelinho com o dragão
Devaneio Banguela.

Morgadão, o
Cabeça-oca abriu
um grande
sorriso.

Ele deu um
tapa nas costas de
Stoico e berrou:
— ACEITO E DOBRO
SUA APOSTA!

— FECHADO! — gritou Stoico, e os dois grandes
chefes apertaram as mãos e bateram com as
barrigas para selar a aposta.

Bocão Bonarroto comandava esse último estágio
do Teste de Iniciação. Ele ainda estava com a
cara um pouco esverdeada depois da experiência
desagradável no concurso Quantos Ovos de
Gaiivota Você Consegue Engolir em 1 Minuto?, e
isso não contribuía muito para seu humor.

— TUDO BEM, GENTE HORRENDA! — gritou
Bocão. — Chegou a hora de descobrir se vocês têm
fibra de heróis. Se sairão da arena como membros
das nobres Tribos dos Hooligans Cabeludos e dos
Impiedosos Cabeças-ocas OU se serão expulsos
para sempre das Ilhas Internas. Então vamos ver

como será!

Ele deu um sorriso maldoso para os vinte garotos de pé à sua frente.

— Começarei com uma inspeção em vocês e em seus animais, verificando se são guerreiros prontos para entrar em combate. Eu os apresentarei aos membros das Tribos nas quais esperam ingressar, que os observarão. Depois, terá início o Teste. Vocês deverão demonstrar como impuseram sua vontade a essas criaturas selvagens e as dominaram apenas com o poder de sua Personalidade Heroica.

Ele continuou:

— Vocês começarão mostrando os comandos básicos de “vá”, “pare” e “pegue”. E terminarão ordenando a seu réptil que capture os peixes para vocês, como faziam seus ancestrais.

Solução engoliu em seco, nervoso.

— O menino e o dragão que mais impressionarem o juiz, quero dizer, A MIM — Bocão exibiu os dentes cinicamente —, terão a glória extra de ser chamados de Herói dos Heróis e Dragão Mais Promissor. Os garotos e dragões que FALHAREM nesse Teste dirão adeus às suas famílias para sempre e deverão deixar a Tribo e partir; para onde, não interessa.

Bocão fez uma pausa.

— Que poético... — murmurou Perna-de-peixe, em voz alta o suficiente para que Bocão o ouvisse.

O viking encarou o menino.

— **HERÓIS OU EXILADOS!** — berrou Bocão.

— HERÓIS OU EXILADOS! — gritaram em resposta dezoito meninos fanáticos.

— HERÓIS OU EXILADOS! — urraram os membros das Tribos dos Hooligans Cabeludos e dos Cabeças-ocas.

“Por favor, que eu possa ser um pouco heroico, pelo menos desta vez”, pensaram Solução e Perna-de-peixe. “Não preciso de nada muito espetacular ou coisa assim, só quero passar no Teste.”

— TOMEM SUAS POSIÇÕES, COM OS DRAGÕES NO BRAÇO DIREITO! — gritou Bocão.

Ele inspecionou a fileira de meninos.

— Que beleza! — Bocão cumprimentou Impiedoso, o Cabeça-oca, e seu dragão Pesadelo Monstruoso chamado Matador, que abriu as asas brilhantes com uma envergadura de quase dois metros.

Bocão parou abruptamente quando alcançou Solução.

— E, em nome de Thor, que RAI0 de bicho é ESSE? — perguntou Bocão, empalidecendo.

— E um Devaneio Banguela, senhor — murmurou Solução.

— Pequeno, mas feroz — acrescentou Perna-de-peixe, solícito.

— Devaneio Banguela??? — ironizou Bocão. — Esse é o menor Dragão Comum ou de Jardim que já vi. Acha que sou um idiota, por acaso?

— Não, não, senhor — Perna-de-peixe murmurou com convicção. — O senhor só é um pouquinho lento.

Bocão o fuzilou com o olhar.

— Um Devaneio Banguela — explicou Solução — tem a aparência exata de um Dragão Comum ou de Jardim, exceto pela verruga característica na ponta do focinho.

— SILÊNCIO! — disse Bocão, sussurrando com veemência. — Ou então eu os atiro longe. E ESPERO que esse dragão seja melhor caçador do que aparenta. Você e seu amigo peixe-morto são os piores candidatos em Iniciação que já tive o desprazer de ensinar. Mas você é o futuro desta Tribo, Solução, e se nos envergonhar diante dos Cabeças-ocas, eu, pessoalmente, nunca o perderei. Você entendeu?

Solução fez que sim com a cabeça.

Então, cada garoto se adiantou para fazer o cumprimento e erguer seu dragão, de modo a receber os aplausos da plateia.

Os aplausos para Malvado Melequento e sua dragoa, Lagarta de Fogo, foram intensos. Eles só perderam para Impiedoso, o Cabeça-oca, e seu dragão, Matador.

— Eu apresento agora, finalmente — Bocão estava tentando aparentar entusiasmo em seu berro o temível... o terrível... filho único de Stoico, o Imenso — SOLUÇÃO, O ÚTIL, E SEU DRAGÃO, CHEIO DE DENTES!

Solução deu um passo adiante e ergueu Banguela o mais alto que conseguiu, para fazer com que ele parecesse maior.

Seguiu-se um silêncio perplexo.

As pessoas já tinham visto dragões pequenos antes, claro, normalmente caçando ratos nos campos, mas NUNCA no papel de um nobre dragão de caça em uma competição de Iniciação.

— TAMANHO NÃO É TUDO! — berrou Stoico, tão alto que sua voz foi ouvida a várias praias de distância, e bateu as mãos para puxar os aplausos.

Todos tinham pavor do terrível temperamento de Stoico, então o acompanharam com educada animação.

Banguela ainda estava mal-humorado, mas ficou felicíssimo por ser o centro das atrações. Estufou o peito e curvou-se, compenetrado, num cumprimento para a esquerda e para a direita.

Alguns membros dos Cabeças-ocas deram risadinhas.

“Mudei de ideia”, pensou Solução, fechando os olhos. “ESTE é o pior momento de toda minha vida.”

— Vamos lá, Banguela — ele cochichou no ouvido do pequeno dragão. — Esta é nossa Grande Chance. Pegue muitos peixes aqui e eu lhe contarei mais piadas do que você já ouviu a vida inteira. E isso deixará a grande dragoa Lagarta de Fogo realmente furiosa.

Banguela olhou para Lagarta de Fogo pelo canto do olho. Ela estava afiando as unhas no capacete de Melequento, com certeza absoluta de que receberia o título de Dragão Mais Promissor.

— ATENÇÃO!

Teve início o Teste.

* * *

Banguela não fez feio nos exercícios básicos de obediência, embora ele nitidamente os considerasse extremamente chatos. Chovia muito, e Banguela odiava chuva. Ele queria ir para casa relaxar na frente da lareira.

Lagarta de Fogo e Matador iam e vinham, exatamente como comandavam Melequento e Impiedoso, ambos mergulhando e soltando fogo só para se exhibir. Lagarta de Fogo executou algumas acrobacias elaboradas, e a plateia gritou e bateu os pés.

— QUE A CAÇADA SE INICIE! — gritou Bocão.

Todos os dragões, com exceção de Banguela, voaram para o mar.

— B-b-banguela está com d-d-dor de barriga — ele se queixou.

Soluço evitou encarar seu pai, que olhava para os lados, surpreso. Evitou reparar na multidão que sussurrava: “Aquele lá é o filho do Stoico. Não, não é o garoto alto com tatuagens de caveiras, aquele que parece um porco, é o miudinho, aquele menino que não consegue controlar seu dragão minúsculo.”

— Não se esqueça, Banguela — disse Soluço de dentes cerrados —, do PEIXE. Eu vou lhe contar piadas que você nunca ouviu antes, lembra?

— C-c-conte AGORA — disse Banguela.

A ajuda veio de um canto inesperado.

Melequento estava gritando:

— MATE, LAGARTA DE FOGO, MATE! — Então

ele parou, inclinando-se e dando uma risadinha perto de Soluço. — O que é que você **ESTA** fazendo, Soluço? Você não está **FALANDO** com essa salamandra alada, não é mesmo? Falar com um dragão é contra as regras, foi proibido por Stoico, o Imenso, seu pai tontão...

— S-s-salamandra alada? — repetiu Banguela.

— S-S-SALAMANDRA ALADA???

— Você não é uma salamandra alada, certo, Banguela? — perguntou Soluço. — Você é o melhor caçador do mundo, não é mesmo?

— Sou **MESMO!** — disse Banguela, mal-humorado.

— **MOSTRE** a Melequento e sua dragoa esnobe o que um **VERDADEIRO** caçador é capaz de fazer — disse Soluço em tom de urgência.

— O.K., então — concordou Banguela.

Soluço soltou um suspiro profundo quando Banguela saiu voando de um jeito extravagante rumo ao mar.

— Isso é bom demais para ser verdade — Soluço disse a si mesmo dez minutos depois, quando Banguela regressou de uma segunda jornada, nitidamente entediado, mas trazendo os peixes e largando-os aos pés do dono. — Dentro de meia hora, mais ou menos, eu, Soluço, serei um perfeito membro da Tribo dos Hooligans Cabeludos.

Era bom demais para ser verdade. Lagarta de Fogo voava de volta para Melequento, trazendo seu vigésimo peixe. Os olhos verdes, felinos, brilhavam

triunfantes quando Banguela disse em voz alta:

— Sua e-e-esnobe medíocre.

Lagarta de Fogo pairou no ar. A cabeça girou, os olhos estreitaram-se.

— O QUE foi que você disse? — sibilou ela.

— Ah, não — disse Soluço. — Não, Banguela, não faça isso...

— Sua e-e-esnobe medíocre — zombou Banguela. —



— Isso é o melhor que consegue fazer? É p-p-patético.
Sem chances. I-I-Inútil. Vocês, P-P-Pesadelos, pensam que são
muito cruéis, mas não passam de moluscos m-m-mediócras.

— VOCÊ — sibilou Lagarta de Fogo, as orelhas
ameaçadoramente para trás enquanto ela se
esgueirava no ar como um leopardo se preparando
para dar o bote. — Você é um MENTIROSO minúsculo.

— E V-V-VOCÊ — disse Banguela calmamente
—, você tem a coragem de um c-c-coelho, o cérebro de uma
m-m-minhoca marinha, e é uma comedora de c-c-caramujos
ESNOBE.

Lagarta de Fogo arremessou-se contra o
dragão.

Banguela desviou-se do golpe, rápido como
um raio, e as mandíbulas fortes de Lagarta de Fogo
fizeram um ruído quando morderam o ar.

Foi um caos.

Lagarta de Fogo perdeu totalmente o controle.
Ela mergulhou loucamente no ar, as garras
estendidas, mordendo qualquer coisa que se
movesse, soltando grandes jatos de fogo.

Infelizmente, no meio da confusão ela sem
querer arranhou Matador, um dragão com o pavio
curto. Ele começou então a atacar qualquer dragão
da Tribo dos Hooligans que estivesse por perto.

Em um minuto todos os dragões estavam
envolvidos numa batalha imensa, feroz. Os donos
corriam à volta deles berrando que parassem,
tentando separá-los sem serem mortos. Os dragões
não lhes davam a menor atenção, não importava o
que fizessem, nem quanto gritassem — Impiedoso

e Melequento estavam com o rosto extremamente vermelho depois da impressionante gritaria.

Bocão correu feito um louco para as laterais.

— POR ACASO ALGUÉM PODE MEDIZER PELA
O AMOR DE THOROQUE ESTÁ ACONTECENDO?

Banguela adorava esse tipo de caos, desviando tranquilamente dos ataques de Lagarta de Fogo, dando mordidas em Croco-tigre de vez em quando, unhas em Garra Brilhante aqui e ali, obviamente adorando a briga.

Até mesmo Vaca Aterrorizante demonstrou muita ferocidade para uma dragoa supostamente vegetariana. Ela deu um jeito de lascar uma mordida impressionante em Lagarta de Fogo, que rolava no ar com Matador, um arrancando pedaços do outro.

Bocão Bonarroto entrou na confusão, agarrando a cauda de Lagarta de Fogo. A dragoa soltou um uivo de ódio, girou e ateou fogo à barba de Bocão. Com uma de suas mãos imensas Bocão apagou o fogo e com a outra prendeu as mandíbulas de Lagarta de Fogo para que ela não conseguisse morder ou queimar nada. Ele enfiou a dragoa furiosa debaixo do braço, ainda prendendo sua boca.

— PAAREEE!!!! — disse Bocão com um berro de arrepiar a pele e os cabelos, um grito para matar qualquer um de susto, que reverberou pelos rochedos, foi de encontro ao mar e produziu ecos que puderam ser ouvidos até no continente.



Brigade de dragões
entre Matador e Lagarta de Fogo

Os meninos pararam com sua gritaria inútil.
Os dragões pairaram no mesmo lugar, imóveis.
Seguiu-se um silêncio horrendo.
Até mesmo a multidão que os observava
calou-se.



Isso nunca tinha acontecido. Todos os vinte meninos demonstraram total falta de controle sobre seus dragões no Teste de Iniciação.

Tecnicamente, isso significava que todos eles seriam exilados de suas Tribos. E exílio, naquele clima horrível, significava a morte. A comida era pouca, o mar, perigoso e havia certas Tribos selvagens nas ilhas que tinham fama de ser canibais.

Bocão Bonarroto ficou parado, sem palavras, com a barba ainda fumegante.

Quando finalmente falou, sua voz estava grave, repleta de horror diante da situação:

— Preciso falar com os Anciões das Tribos — foi tudo o que ele disse. O viking derrubou Lagarta de Fogo no chão. Ela recuperara o controle e agora

deslizava na direção de Melequento, a cauda entre as pernas.

Os Anciões das Tribos eram Morgadão e Stoico, o próprio Bocão, alguns outros guerreiros temíveis, como o Terrível Cabeçadura, os Gêmeos do Mal e o Bibliotecário Cabelo Assustado, da Biblioteca Pública da Vila dos Cabeças-ocas. A multidão e os meninos ficaram absolutamente imóveis enquanto os Anciões se reuniam na Rodinha dos Anciões.

Enquanto isso, a tempestade piorava. Trovões tremendos explodiam no céu, a chuva era torrencial, e eles não podiam ficar mais encharcados, a menos que mergulhassem no mar.

Os Anciões levaram muito tempo confabulando na rodinha. Lá pelas tantas, Morgadão ficou bravo e ergueu o punho para Cabeçadura. Um dos gêmeos segurou seu braço até que ele se acalmasse novamente. No final, Stoico saiu da rodinha e ficou parado diante dos meninos, que estavam de cabeça baixa, de vergonha, os dragões a seus pés.

Se Solução tivesse tido coragem de olhar para o pai, teria percebido que Stoico não estava animado e violento como de costume. Ele realmente parecia solene.

— Calouros das Tribos — gritou ele, com a voz triste —, isso tudo foi péssimo para todos. Todos vocês **FALHARAM** no Teste Final do Programa de Iniciação. Pela estrita Lei das Ilhas Internas, isso significa que deveriam ser expulsos da Tribo, em



exílio ETERNO. Não quero que isso aconteça, não só porque meu filho está entre vocês, mas também porque isso significará que toda uma geração de guerreiros será perdida. Mas não podemos ignorar a Lei. Apenas os mais fortes podem permanecer, caso contrário, o sangue Tribal enfraquecerá. Só os Heróis podem se tornar Hooligans e Cabeças-ocas.
Stoico ergueu um dedo gorducho aos céus.

— Além disso — ele prosseguiu —, o deus Thor está realmente bravo. Este não é o momento para enfraquecer nossas Leis.

Thor soltou um trovão enorme, como se quisesse enfatizar o discurso.

— Sob circunstâncias normais — disse Stoico —, a cerimônia do exílio deveria começar agora. Acontece que ser lançado ao mar num tempo desses é morte certa. Como ato de misericórdia, permitirei que permaneçam mais uma noite sob nosso teto, e assim que amanhecer vocês deverão partir para o continente para viver por conta própria. Deste momento em diante, todos estão banidos e não podem mais dirigir a palavra a outros membros da Tribo.

Um trovão estourou ao redor dos meninos enquanto eles continuavam de pé, de cabeça baixa, debaixo de chuva.

— Que Thor tenha piedade de mim, mas essa é a coisa mais triste que fiz na vida, banir meu próprio filho — disse Stoico, melancólico.

A multidão murmurou com compaixão e aplaudiu a nobreza de seu Líder.

— Um Chefe não pode viver como as outras pessoas — disse Stoico, olhando para Solução como se implorasse perdão. — Ele precisa optar pelo que é bom para a Tribo.

De repente, Solução ficou muito bravo.

— Bem, não espere que EU tenha pena do senhor! — disse o garoto. — Que tipo de pai pensa que sua Leis estúpidas podem ser mais

importantes que o próprio filho? E que tipo de Tribo estúpida é essa, que não pode abrigar gente normal?

Stoico ficou olhando para o filho, surpreso e em choque por um momento. Depois, ele se virou e partiu. As Tribos já deixavam a praia e subiam as colinas em busca de abrigo na Vila. Relâmpagos caíam ao redor.

— Eu vou matar você — sussurrou Melequento a Solução, enquanto Lagarta de Fogo, no ombro do menino, rosnava de modo ameaçador. — A primeira coisa que farei depois de ser banido vai ser matar você — ele falou e saiu correndo atrás dos outros.

— Perdí meu d-d-dente — queixou-se Banguela, chorando. — C-C-Caiu quando eu mordí aquela L-L-Lagarta de Fogo.

Solução nem sequer prestou atenção. Ele olhou para o céu, louco da vida, enquanto o vento sacudia a água do mar, criando marolas que espirravam em seu rosto.

— SÓ DESTA VEZ — gritou Solução —, porque você não me deixa ser um herói? SÓ DESTA VEZ? Eu não queria fazer nada de extraordinário, só passar naquele TESTE ESTÚPIDO para me tornar um verdadeiro viking como todo mundo.

O trovão de Thor rugiu e fez um estouro no céu.

— AH, TÁ! — gritou Solução. — ACERTE-ME com seu raio estúpido. Faça algo para mostrar que você pensa pelo menos UM POUCO em mim.

ram raios na
o. Thor realmente
portante a
: resposta. A
eslocou para o





11. THOR ESTÁ IRADO

A tempestade desabou durante a noite inteira. Soluço não conseguiu dormir enquanto o vento batia nas paredes como se cinquenta dragões tentassem entrar na casa. “Deixem-nos passar, deixem-nos passar”, zunia o vento. “Estamos muito, muito famintos.”

Na escuridão mais profunda, lá longe, no mar, a tempestade era tão violenta e as ondas tão gigantescas que acabaram realmente perturbando o sono de dois Dragões do Mar ancestrais.

O primeiro dragão era imenso, do tamanho de um rochedo.

O segundo dragão era maior do que se pode imaginar.

Foi ele o Monstro mencionado anteriormente nesta história, a grande Besta que caíra no sono depois de um piquenique de soldados romanos, seis séculos antes, o mesmo que, recentemente, vinha passando a um sono mais leve.

A poderosa tempestade ergueu os dois dragões gentilmente do leito marinho, como se eles fossem bebês adormecidos, e uma onda indescritivelmente enorme carregou-os para a Praia Longa, nos limites da vila de Soluço.

E então ali eles ficaram, dormindo em paz, enquanto ao redor o vento urrava descontrolado

feito fantasmas vikings festejando em Valhala, até que a tempestade cessou e o sol nasceu na praia agora ocupada pelos dragões e quase nada mais.

O primeiro dragão faria qualquer um ter pesadelos horríveis.

O segundo faria até um pesadelo ter pesadelos horríveis.

Imagine um animal vinte vezes maior que um Tiranossauro Rex. Uma criatura que mais parecia uma montanha do que um ser vivo — uma montanha imensa, reluzente e maligna. Ele era tão coberto de cracas que dava a impressão de estar usando uma armadura de joias. Nos pontos em que os pequenos crustáceos e os corais não se firmavam, como nas juntas e nas rachaduras do corpo, era possível ver a cor verdadeira de sua pele.

Era um verde-escuro glorioso, a mesma cor do fundo do oceano.

Agora ele estava desperto e tinha tossido a última coisa que devorara: o Estandarte da 8ª Legião Romana, com suas fitas patéticas ainda sacudindo corajosamente pelo ar. Ele o estava usando como um palito de dentes, e a águia no topo vinha sendo muito útil para tirar os irritantes pedacinhos de carne que ficam presos entre aqueles enormes dentes posteriores.



* * *

A primeira pessoa a descobrir o dragão foi Bafofedido, o Rude, que acordara muito cedo para ver se suas redes tinham sobrevivido à tempestade.

Ele deu uma olhada na praia, correu até a casa do Chefe e o acordou.

— Temos um problema — disse Bafofedido.

— Como assim, UM PROBLEMA? — quis saber Stoico, o Imenso.

Stoico não tinha dormido. Ele ficara acordado, preocupado. Que tipo de pai *era* ele, que colocava suas preciosas Leis acima da vida de seu filho? Mas também que tipo de filho descumpriria as preciosas Leis que seu pai tinha respeitado e obedecido a vida toda?

Pela manhã, Stoico tomou a espantosa decisão de reverter o pronunciamento solene que fizera na praia e anular o banimento de Solução e dos outros meninos.

— Isso é uma FRAQUEZA minha, uma FRAQUEZA — dizia a si mesmo, melancolicamente. — Cara-de-lula, o Terrível, teria banido o filho num piscar de olhos. Gritalhão, o Cínico, teria até gostado de fazer isso. Qual é o meu *problema*? Eu deveria ter banido a mim mesmo, e não resta dúvida de que é isso que Morgadão, o Cabeça-oca, vai sugerir.

Definitivamente, Stoico não estava em condições de lidar com mais problemas.

— Dois dragões descomunais apareceram na Praia Longa — disse Bafofedido.

— Mande-os embora — respondeu Stoico.

— Mande *você* — disse Bafofedido.

Stoico saiu batendo os pés até a praia.

Quando voltou, parecia muito preocupado.

— Você os espantou? — indagou Bafofedido.

— ELE me espantou — disse Stoico. — O dragão maior comeu o menor. Eu não quis interromper. Acho que devo convocar um Conselho de Guerra.

*** * ***

Os Hooligans Cabeludos e os Cabeças-ocas despertaram naquela manhã com o terrível som dos Grandes Tambores convocando-os para o Conselho de Guerra, um recurso que só era usado em crises gravíssimas.

Soluço acordou sobressaltado. Ele dormira muito mal. Banguela, que tinha subido em sua cama na noite anterior, não estava em lugar algum e, como sua cama estava fria, era óbvio que ele partira havia algum tempo.

Soluço enfiou as roupas rapidamente. Elas tinham secado durante a noite e estavam tão duras de sal que era como se ele estivesse vestindo uma camisa e uma calça de madeira. Ele não tinha certeza sobre o que deveria fazer, pois aquela seria a manhã do exílio. Soluço seguiu todos os outros em direção ao Grande Salão. Os Cabeças-ocas tinham passado a noite ali mesmo, porque o tempo estava ruim demais para acampar.

No caminho, Soluço deu de cara com Perna-

de-peixe, que dava a impressão de ter dormido tão mal quanto o amigo. Seus óculos estavam tortos.

— O que está acontecendo? — indagou Solução. Perna-de-peixe encolheu os ombros.

— E onde está Vaca Aterrorizante? Perna-de-peixe encolheu os ombros outra vez. Solução olhou ao redor, para o empurra-empurra da multidão em direção ao Grande Salão, e reparou que não havia um único dragão doméstico por perto. Normalmente, eles ficavam junto a seus Mestres, nos ombros ou atrás deles, grunhindo e rosnando uns para os outros. Havia algo levemente sinistro nessa ausência...

Ninguém mais reparou nisso. Havia um tremendo murmurinho de agitação, e eram tantos vikings, tão enormes, que nem todo mundo conseguiu entrar no Grande Salão — uma baita confusão de bárbaros gritando e se acotovelando formou-se do lado de fora.

Stoico pediu silêncio.

— Eu os chamei aqui hoje — berrou Stoico — porque temos um problema a resolver. Um dragão gigante está sentado na Praia Longa.

A multidão não ficou nada impressionada. Eles esperavam por uma crise bem séria.

Morgadão deu voz à desaprovação geral.

— Os Grandes Tambores só são usados em caso de perigo mortal — disse Morgadão, espantado. — Você nos reuniu aqui, a essa hora da madrugada só por causa de um DRAGÃO? — Morgadão não tinha dormido bem, deitado no chão

de pedra do Grande Salão e só com o capacete de viking como travesseiro. — Espero que você não esteja perdendo o jeito, Stoico — ele zombou, desejando exatamente isso.

— Não se trata de um dragão qualquer — disse Stoico. — É uma criatura ENORME, Imensa. Monstruosamente grande. Nunca vi nada igual. Parece mais uma montanha que um dragão.

Como não tinham *visto* o dragão-montanha, os vikings continuaram céticos. Eles estavam acostumados a mandar nos dragões.

— É claro que o bicho precisa ser deslocado. Mas é uma criatura imensa. O que podemos fazer, Velho Enrugado? Você é o sábio da Tribo.

— Você me envaidece, Stoico — disse Velho Enrugado, que parecia se divertir com a situação toda. — Trata-se de um *Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus*, e um espécime particularmente grande, eu diria. Muito cruel, muito inteligente, de apetite voraz. Mas meu campo é a Poesia Irlandesa Primitiva, não sou especialista em répteis de grande porte. O Professor Traste é quem pesquisa dragões. Talvez vocês devessem consultar o livro dele a respeito do tema.

— Claro! — disse Stoico. — *Como treinar o seu dragão*, não é mesmo? Creio que Bocão roubou esse livro da Biblioteca Pública da Vila dos Cabeças-ocas. Ele lançou um olhar malicioso a Morgadão, o Cabeça-oca.

— Isso é um insulto! — berrou Morgadão. — O

livro é propriedade dos Cabeças-ocas... Exijo esse exemplar de volta imediatamente ou declaro guerra aqui mesmo.

— Ah, baixe a bola, Morgadão — disse Stoico.
— Com bibliotecários molengas como o seu, o que você esperava?

O Bibliotecário Cabelo Assustado ficou com a cara levemente corada e tremeu nas bases — ou melhor, nos pesões, tamanho 46.

— Barrigão, pegue o livro na lareira — berrou Stoico.

Barrigão Caído de Cerveja esticou seu braço, que era longo como um tentáculo de polvo, e retirou o livro da prateleira. Ele lançou o livro por cima da multidão, e Stoico o apanhou, sob muitos aplausos. A moral de todos estava em alta. Stoico curvou-se a seu público e entregou o livro a Bocão.

— BO-CÃO, BO-CÃO, BO-CÃO — berrava a multidão.

Era o momento de triunfo de Bocão. Toda crise precisa de um Herói, e ele sabia que seria o homem certo para o serviço. Seu peito inflou-se de convencimento.

— Ah, não foi nada, realmente... — ele berrou modestamente. — Um pouco de Roubo Básico, vocês sabem, só para não perder a prática...

— Pssiuuu... — sussurrou a multidão, como se fosse um bando de serpentes marinhas, quando Bocão pigarreou para limpar a garganta.

— Como treinar o seu dragão — anunciou Bocão solenemente.

Ele fez uma pausa e leu:

— GRITE COM ELE. Outra pausa.

— E...? — indagou Stoico. — Grite com o dragão e...?

— É isso — disse Bocão. — GRITE COM ELE.

— Não tem nada no livro a respeito dos Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus em especial?

Bocão verificou novamente no livro.

— Isso, não — disse ele. — Só fala sobre berrar, mesmo.

— Hmmm — disse Stoico. — É conciso, não é mesmo? Eu nunca tinha reparado nisso antes, mas é conciso... Conciso, porém exato — ele acrescentou rapidamente, — como nós, os vikings. Graças a Thor temos nossos peritos. Agora — disse Stoico, assumindo modos de líder —, como se trata de um dragão grande...

— Imenso — interrompeu Velho Enrugado, alegremente. — Gigantesco, estupendamente enorme. Cinco vezes maior que a grande Baleia-azul.

— Sim, obrigado, Velho Enrugado — disse Stoico. — Já que ele é isso, realmente, uma criatura gigante, vamos precisar de um grito gigante. Quero que todos se reúnam no rochedo para gritar ao mesmo tempo.

— O que devemos gritar? — indagou Barrigão Caído de Cerveja.

— Algo curto e direto ao ponto: VÁ EMBORA — disse Stoico.

* * *

As Tribos dos Cabeças-ocas e dos Hooligans Cabeludos se reuniram no alto dos rochedos na Praia Longa e olharam para baixo, onde o réptil incrivelmente imenso estava esticado na areia, lambendo os beiços enquanto devorava os restos de seu pobre companheiro. O bicho era tão colossal que nem dava a impressão de estar vivo, até que você o via se movendo — o que parecia mais um terremoto ou uma miragem.

“É, algumas vezes tamanho é documento”, pensou Soluço. “Esta é uma delas.”

Dragões são vaidosos, cruéis e amorais, como eu já disse. Isso não faz muita diferença quando eles são muito menores que você. Mas quando a péssima natureza de um dragão é multiplicada até ficar do tamanho de uma colina, o que a gente faz?

Bocão Bonarroto deu um passo adiante para liderar a gritaria, na qualidade de Berrador mais respeitado do grupo. Seu peito inflou-se de orgulho.

— Um... dois... três...

Quatrocentas vozes vikings gritaram juntas:

— VÁ EMBORA! — e acrescentaram o Urro de Guerra Viking.

A intenção do Urro Viking é fazer os inimigos gelarem no início da batalha. Um berro horrível, eletrizante, que começa pela imitação do guincho de um predador, depois se transforma no grito de puro terror da vítima e termina com uma imitação terrivelmente realista de grunhido mortal de



alguém se afogando no próprio sangue. Na maioria das vezes, o Urro é mesmo um barulho assustador, mas centenas de bárbaros urrando juntos às oito da manhã fariam até o próprio Thor largar seu martelo e chorar feito um bebê.

Seguiu-se um silêncio pesado.

Depois, o portentoso dragão virou sua portentosa cabeça na direção deles.

Quatrocentos suspiros sobressaltados cortaram o ar quando aqueles olhos malignos, amarelados, do tamanho de seis homens altos, estreitaram-se.

O dragão abriu a boca e soltou um som tão alto e aterrorizante que quatro ou cinco gaivotas que passavam caíram mortas de medo na mesma hora. Era um barulho que fazia o Urro de Guerra dos Vikings parecer um chorinho de recém-nascido. Era um som terrível, de outro mundo, que prometia MORTE IMPIEDOSA com DIREITO A TUDO DE MAL,

Seguiu-se outro silêncio pesado.

Com um movimento delicado de sua garra o dragão rasgou a túnica e as calças de Bocão de cirna baixo, como se estivesse descascando uma fruta Bocão soltou um grito nada heroico de constrangimento O dragão colocou a garra diante do viking e, como se ele fosse uma bolinha de papel, com um peteleco jogou-o longe, bem longe, por cima da cabeça na multidão e para dentro das muralhas fortificadas da vila.

O dragão ergueu a velha pata enorme e

rachada até os lábios reptilianos e jogou um beijo de fogo para os vikings. O beijo rasgou os céus e caiu diretamente nas embarcações de Stoico e de Morgadão, que tinham sobrevivido à tempestade e estavam em segurança no Porto dos Hooligans. Todos os cinquenta barcos pegaram fogo na mesma hora.



Os vikings saíram correndo do rochedo tão depressa quanto aquelas oitocentas pernas conseguiram levá-los.

Bocão Bonarroto teve a sorte de cair no telhado de sua casa, feito de densas camadas capim enlameado que ampararam sua queda. Ele atravessou o telhado e terminou sentado, nu, na própria cadeira, diante do fogo. Atordoadado, mas ileso.

— TUDO BEM, então — disse Stoico aos quatrocentos vikings que, depois disso, pareciam sentir medo, mas continuavam descontroladamente agitados —, Berrar não adianta.

Eles estavam reunidos no centro da vila.

— E, como nossas barcos foram destruídos, não há como escapar da ilha — continuou Stoico. — Agora — ele tentava dar a impressão de ter tudo sob controle —, precisamos de alguém que vá lá e pergunte ao monstro se ele veio em PAZ ou se quer GUERRA.

— Eu vou... — Bocão, que nesse momento se juntava a eles, apresentou-se como voluntário, ainda determinado a ser o herói.

Ele estava tentando falar de um jeito nobre e digno, mas é muito difícil ser realmente honrado quando seu cabelo está cheio de grama e você está usando o vestido de sua prima Ágata, que foi o único traje que Bocão encontrou na casa.

— Você fala dragonês, Bocão? — indagou Stoico, surpreso.

— Ah, não — admitiu o outro. — Ninguém aqui fala dragonês. O idioma é proibido por ordem de Stoico, o Imenso, O Nome Que Faz Tremer, Ah, Ah... Dragões são criaturas inferiores e devemos berrar com eles. Dragões podem ficar muito convencidos se conversarmos com eles. Dragões são criaturas traiçoeiras e precisam ser postas em seu devido lugar.

— Soluçõ sabe falar com dragões — sussurrou Perna-de-peixe, bem baixinho, do meio da multidão.

— Psiiu, Perna-de-peixe — sussurrou Soluçõ, cutucando desesperadamente o amigo.

— Mas você sabe — disse Perna-de-peixe decididamente. — Não percebe? Esta é sua chance de se tornar um herói. E, de qualquer modo, nós todos vamos morrer, então você bem que pode tentar... — continuou Perna-de-peixe, teimando. — Soluçõ sabe falar com os dragões! — berrou ele, bem alto mesmo.

— Soluçõ? — disse Bocão Bonarroto.

— SOLUÇO? — disse Stoico, o Imenso.

— E, Soluçõ — disse Velho Enrugado. — O garoto pequeno, de cabelo vermelho, sardas, o mesmo que você queria mandar para o exílio hoje de manhã. — Velho Enrugado ficou sério. — Para que o sangue das Tribos não enfraquecesse, lembra? Seu filho, Soluçõ.

— Eu sei quem é Soluçõ, obrigado, Velho



BOCÃO
tentando
parecer
corajoso, mesmo
com o vestido
da prima
Agata...

Enrugado — disse Stoico, o Imenso, sentindo-se desconfortável. — Será que alguém sabe *onde* ele foi parar? SOLUÇO! Apresente-se!

— Parece que você vai ser útil, finalmente...

— Velho Enrugado falava sozinho.

— Aqui está ele! — gritou Perna-de-peixe, dando um tapinha nas costas de Soluço.

O garoto começou a ziguezaguear entre a multidão até alguém reparar nele e erguê-lo, e ele foi passado de mão em mão, por cima da cabeça de todos, até chegar diante de Stoico e ser posto no chão.

— Soluço — disse Stoico. — É verdade que você consegue falar com dragões?

Soluço fez que sim com a cabeça. Stoico tossiu, sem jeito.

— Esta situação é constrangedora. Eu sei que estávamos prestes a bani-lo da Tribo. Entretanto, se você fizer o que vou pedir, e tenho certeza de que falo em nome de todos, pode se considerar “desbanido”. Estamos diante de um perigo imenso, e ninguém aqui sabe



Você iria até o monstro pa
io em PAZ ou se deseja GU
la disse.

iu outra vez.

de falar comigo — disse St
m seu banimento.

io agora o exílio não vale, r
ou Solução. — Se eu for lá
falar com aquela Besta do
do suficientemente heroico
dos Hooligans?

a mais constrangido do qu
smo — disse ele.

STÁ BEM, farei isso.

12. MORTE VERDE

Uma coisa é se aproximar de um pesadelo ancestral junto a uma multidão de quatrocentas pessoas. Outra é fazer isso sem ninguém. Solução precisou de muito esforço para colocar um pé na frente do outro.

Stoico ofereceu-se para enviar uma comitiva com seus melhores soldados, mas Solução preferiu ir sozinho.

— Assim haverá menos chances de alguém tentar qualquer atitude heroica e estúpida — ele disse.

Embora essa seja a parte da história que os bardos gostam de narrar como sendo o grande momento de heroísmo de Solução, eu não concordo. É mais fácil ser corajoso quando você não tem alternativas. Solução sabia, no fundo do coração, que no fim das contas o Monstro pretendia matar todos eles. Então ele não tinha muito a perder.

Mesmo assim, ele suava frio quando espiou à beira do abismo. Lá embaixo estava o dragão, inacreditavelmente grande, tomando a praia inteira.

Parecia estar adormecido, mas um cantarolar esquisito vinha bem da direção de seu estômago. A canção dizia mais ou menos assim:

*Veja bem, Grande Predador,
enquanto almoço um instantes,
Baleias-assassinas são tão apetitosas,
por causa dos ossos crocantes.
Tubarões-brancos são saborosos,
mas uma dica eu vou lhe dar:
Tome cuidado com os dentes pontudos,
porque eles podem machucar.*



“Que coisa estranha”, pensou Solução, “ele consegue cantar de boca fechada.”

Solução quase saltou das calças quando o dragão abriu os olhos de crocodilo e falou-lhe diretamente:

— Por que isso é estranho? — disse o dragão, que parecia se divertir. — Um dragão de olhos fechados não está necessariamente adormecido, assim como um dragão de boca fechada não está necessariamente cantando. Nada é o que parece ser. Esse ruído que você escuta não sou eu quem faz. ISSO, meu herói, é o ruído de um jantar cantante.

— Jantar cantante? — repetiu Solução, lembrando rapidamente que você nunca, nunca mesmo, deve olhar nos olhos de um dragão enorme e maligno como aquele. Então, ele fixou o olhar firmemente numa das garras do bichano.

O que foi um erro, pois Solução de repente percebeu que o dragão estava segurando um rebanho de ovelhas que se debatiam pateticamente sob sua garra imensa. Ele fingiu ter deixado uma delas escapar. Então esperou que o pobre animal

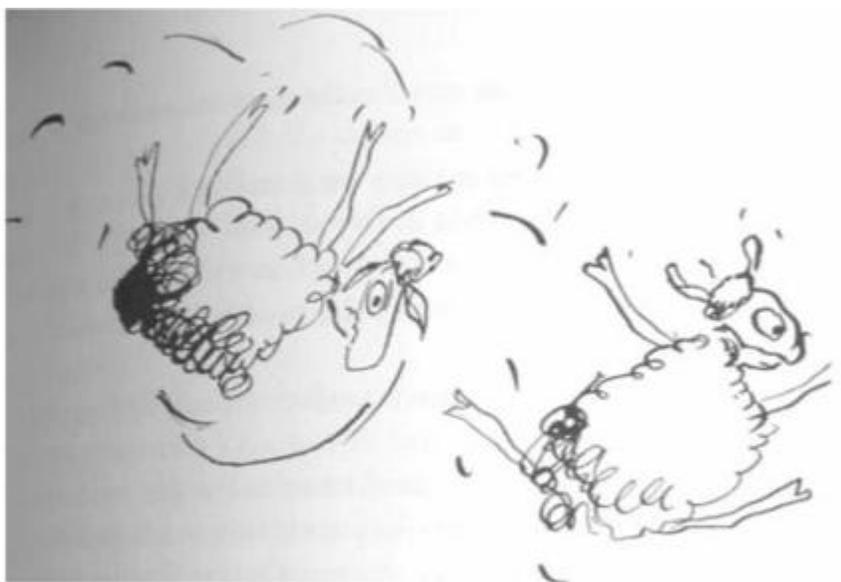
se aproximasse das rochas, onde estaria em segurança, só para pinçá-lo com suas garras e jogá-lo para o alto.

Era um truque que o próprio Soluço sempre fazia, mas com amoras. O dragão então pôs para trás a enorme cabeça e a bolinha peluda caiu entre suas mandíbulas terríveis, que se fecharam fazendo um barulho horrível. Seguiu-se o ruído de algo sendo esmagado enquanto ele mastigava e engolia a pobre ovelha.

O dragão viu que Soluço o observava com fascínio e horror e chegou a cabeça ridiculamente grande bem perto do garoto. Soluço quase desmaiou com o bafo do dragão, um vapor amarelo-esverdeado e fedorento. Era o cheiro da própria MORTE — um odor de matéria decadente, tão forte que provocava até tontura, de cabeças podres de peixe morto e suor de baleia, de cadáveres de tubarões e almas desesperadas. O vapor foi ser erguendo numa espiral morna ao redor do menino até alcançar seu nariz, e ele tossiu.

— Certas pessoas dizem que é melhor desossar a ovelha antes de comê-la — disse o dragão em tom de confiança, com um risinho. — Mas eu acho que o osso dá um toque crocante à refeição, que senão ia parecer papinha de carne...

O dragão arrotou um perfeito círculo de fogo que subiu no ar como um anel de fumaça e aterrissou ao redor de Soluço, incendiando o solo. Por um momento, ele ficou bem no centro de um



círculo de labaredas esverdeadas e brilhantes. A grama estava úmida, mas mesmo assim a chama brilhou por alguns minutos antes de se extinguir.

— O-o-opa — disse o dragão, rindo maldosamente. — Perdão. É só uma brincadeirinha que uso para entreter os amigos —

Então ele pousou uma garra gigantesca na base do penhasco onde Soluço estava parado.

— Já no caso dos seres humanos — continuou o dragão, pensativo —, é melhor desossá-los. A coluna, em especial, pode fazer muitas cócegas quando desce pela garganta...

Enquanto falava, o dragão mostrava suas garras, as unhas emergiam lentamente das patas até parecer imensas navalhas, de quase dois metros de largura e seis de comprimento, com pontas que lembravam um bisturi cirúrgico.

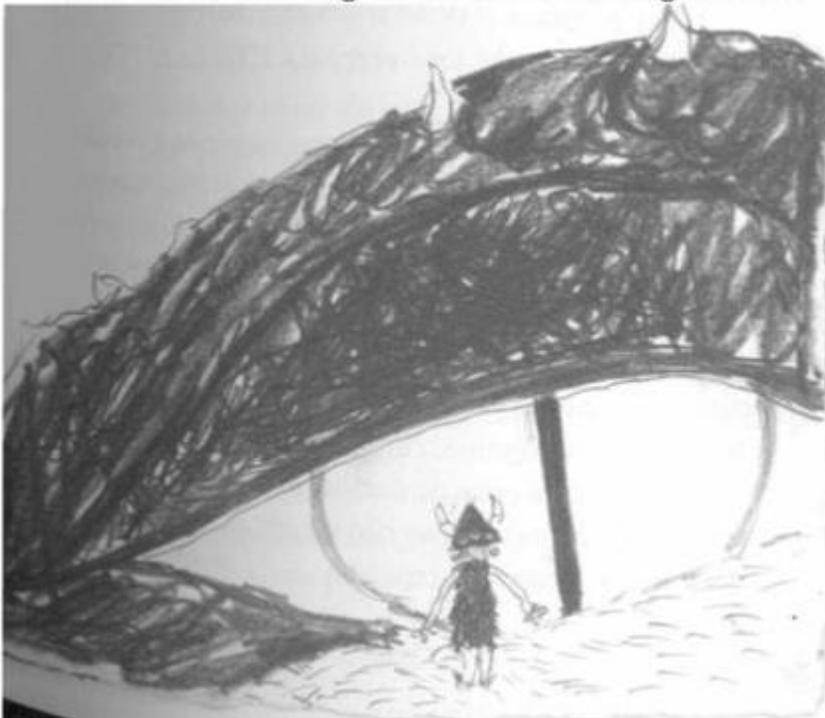
— A remoção dos ossos das costas humanas é um trabalho

delicado — sibilou o dragão de um jeito nojento —, mas se trata de uma tarefa na qual sou exímio... uma pequena incisão na parte de trás da nuca. — Ele fez um gesto na direção do pescoço de Solução. — Um leve toque para baixo e depois é só puxar... É praticamente indolor... para MIM..

Os olhos do dragão iluminaram-se com o mais puro prazer.

Solução estava pensando realmente rápido. Nada melhor que encarar a Morte de frente para acelerar os pensamentos. O que será que ele sabia sobre dragões que poderia funcionar contra um Monstro Invencível como aquele?

Ele conseguia ver mentalmente a página com suas anotações sobre Motivar um dragão. **GRATIDÃO:** os dragões nunca sentem gratidão.



MEDO: não funciona comigo. GUIA: não era uma boa ideia àquela altura do campeonato. VAIDADE e VINGANÇA: poderiam ser úteis, mas Solução não sabia como despertar tais sentimentos. Restavam as PIADAS e as CHARADAS, mas o dragão dava a impressão de estar um pouco exaltado para elas. Entretanto, pela maneira como falava, ele nitidamente se considerava um tipo filosófico. Talvez Solução conseguisse ganhar um pouco de tempo se começasse uma conversa interessante...

— Eu já ouvi falar de jantar dançante — disse Solução —, mas o que é exatamente um jantar cantante?

— Boa pergunta — disse o dragão, surpreso. — Na verdade, trata-se de uma pergunta EXCELENTE, mesmo.

Ele recolheu as garras, e Solução suspirou aliviado.

— Já faz muito tempo desde que uma refeição minha demonstrou alguma inteligência. Geralmente, todos estão muito preocupados em salvar sua pequena vida para se preocupar com as Questões Realmente Importantes. Agora deixe-me raciocinar — disse o dragão, e, enquanto refletia, garfou com a ponta da unha uma ovelha que estava reclamando e mastigou-a, compenetrado.

Solução sentiu pena da ovelha, mas ficou profundamente aliviado por não ser *ele* quem desaparecia pela gigantesca garganta reptiliana.

— Como posso colocar a questão para um cérebro tão menor e menos inteligente que o meu... O problema é que todos, de um jeito ou de outro, somos o jantar. Comida que caminha, fala, respira, é isso o que somos. Veja você, por

exemplo. VOCÊ está prestes a ser devorado por MIM, então é uma refeição. Isso é óbvio. Mas até mesmo um carnívoro assassino como eu será jantado por vermes um dia. Estamos todos roubando momentos preciosos das pacíficas mandíbulas do tempo — disse o dragão descontraidamente.

Ele continuou:

— É por isso que é tão importante — ele continuou — que o jantar cante da maneira mais bela possível.

Ele fez um gesto na direção do estômago, de onde se ouvia uma canção, embora ela estivesse ficando cada vez mais fraca.

*Seres humanos nunca têm gosto,
mas se você temperar um tantinho
Terá um bom almoço
jogando neles um salzinho.*

— Esse jantar em PARTICULAR — disse o dragão — que você está ouvindo cantar agora era um dragão menor que eu, mas muito convencido. Eu o devorei há meia hora.

— Isso não é canibalismo? — indagou Solução.

— É delicioso, isso sim — disse o dragão. —

Além disso, não se pode chamar um ARTISTA como eu de CÂNIBAL. — Ele agora parecia bem exasperado.

— Você é muito rude para uma criatura tão pequenina. O que você quer, Jantarzinho?

— Eu vim — disse Solução — descobrir se você veio em PAZ ou se quer GUERRA.

— Ah, em paz, eu acho — disse o dragão. — Mas eu vou matar vocês — ele acrescentou.

— Todos nós? — indagou Solução.

— Primeiro você — disse o dragão educadamente.
— É em seguida todos os outros, mas depois que eu tirar uma
soneca e ficar com fome de novo. Leva um tempo para se
despertar completamente de um Coma por Adormecimento.

— Mas isso é tão injusto — disse Soluço. — Por que
VOCÊ pode sair jantando todo mundo, só porque é o maior de
todos?

— O mundo é assim — disse o dragão. — Além disso,
você vai entender meu ponto de vista depois que estiver dentro
de mim — Essa é a parte boa da digestão... Mas onde foi parar
minha educação? Primeiro, eu preciso me apresentar. Sou
Morte Verde. Como você se chama, Jantarzinho?

— Soluço Spantosicus Strondus Terceiro — disse
ele. Então aconteceu o fato mais extraordinário.
Quando Soluço pronunciou seu nome, Morte

Verde estremeceu, como se um vento súbito
tivesse provocado nele um calafrio. Nem ele nem
Soluço repararam nisso.

— Hum — disse Morte Verde. — Tenho certeza de
que ouvi esse nome antes. Mas é um nome muito longo, então
vou chamá-lo apenas de Jantarzinho. Agora, antes que eu o
devore, diga qual é seu problema.

— Meu problema? — indagou Soluço.

— Isso mesmo — disse o dragão. — Algo do tipo
“Por que eu não sou mais parecido com meu pai?”, ou “Por
que é tão duro ser um herói?”, ou “Melequento seria um Chefe
melhor que eu?” Eu já resolvi problemas de muitas de minhas
refeições. De algum modo, quando o jantar depara com um
Problema Realmente Gigantesco como eu, as outras questões
adquirem a proporção certa.

— Deixe eu entender isso direito — disse Soluço. —

Você sabe tudo sobre meu pai, sobre eu não ser exatamente um herói e tudo o mais?

— Posso enxergar esse tipo de coisa — disse Morte Verde com modéstia.

— É você quer que eu lhe conte meus problemas para depois me devorar?

— Voltamos ao início novamente — suspirou Morte Verde. — Todos nós seremos devorados UM DIA. Você pode ganhar tempo extra se for espertinho. Se me der uns pedacinhos seus para que eu vá fritando.”

Morte Verde bocejou.

— De repente fiquei muito cansado — disse ele. — Você é um aperitivo esperto, poderia me prender por ANOS numa conversa... — E o dragão bocejou outra vez. — Estou muito fatigado para comê-lo agora, volte daqui a algumas horas... então vou lhe dizer como lidar com seu problema. Tenho a impressão de que posso ajudá-lo...

E dessa vez o terrível monstro *realmente* adormeceu, roncando bem alto. Suas garras enormes relaxaram se abriram, e as ovelhas que restavam, tremendo de terror, fugiram das unhas e dispararam pelo caminho do rochedo.

Solução ficou olhando o dragão por um minuto pensativo, depois caminhou lentamente pela trilha que conduzia à vila.

Todos o cumprimentaram quando ele atravessou o portão. Ele foi carregado nos ombros e colocado diante de seu pai.

— Bem, meu filho — disse Stoico. — A besta veio em PAZ ou deseja GUERRA?

— Ele disse que veio em paz — afirmou

Solução. Todos aclamaram e bateram os pés. Solução ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Mas assim mesmo ele vai nos matar.



13. QUANDO A GRITARIA NÃO FUNCIONA

O dragão dormia enquanto o Conselho de Guerra discutia qual seria o próximo passo.

— Vou escrever uma carta cheia de palavrões para o Professor Traste — disse Stoico, o Imenso. — Esse livro precisa de muito mais PALAVRAS que digam o que fazer quando a gritaria não funciona.

Isso revela o quanto Stoico estava bravo — se dependesse dele, nunca escreveria uma carta.

Stoico, na verdade, estava muitíssimo abalado, pela primeira vez na vida.

“É isso que acontece quando não se segue a Lei”, disse a si mesmo. “Se eu tivesse banido os meninos na noite passada, como deveria ter feito, eles não estariam aqui para morrer com o restante de nós. Eu deveria ter confiado em Thor.”

Morgadão, o Cabeça-oca, ainda não tinha percebido a gravidade da situação. Ele achava que se tratava de uma questão de construir um aparelho, algo como um megafone, para conseguir um Grito ainda mais alto.

— Um dragão gigante só precisa de um Grito gigante — disse ele.

— Nós já TENTAMOS isso, seu Cabeça de Plâncton — rebateu Stoico.

— QUEM É QUE VOCÊ ESTÁ CHAMANDO DE CABEÇA DE PLÂNCTON? — indagou Morgadão, e eles ficaram cara a cara feito dois leões-marinhos furiosos.

Soluço suspirou e saiu caminhando da vila.

Ele estava com a sensação de que os adultos não encontrariam nenhum stratagema astuto.

Para surpresa de Soluço, ele foi seguido; não só por Perna-de-peixe, mas por todos os Calouros das duas Tribos, os Hooligans Cabeludos E os Cabeças-ocas.

Eles formaram um semicírculo ao redor de Soluço.

— Então, Soluço — disse Impiedoso, o Cabeça-oca. — O que faremos agora?

— Por que é que você está perguntando isso a SOLUÇO? — indagou Melequento, irado. — Você não vai perguntar ao INÚTIL como tirar a gente dessa confusão, não é? Ele, sozinho, nos eliminou do Teste Final de Iniciação. Estávamos prestes a ser banidos e comidos por canibais, tudo por causa DELE. O cara nem consegue controlar um dragão do tamanho de uma lacraia.

— VOCÊ consegue conversar com dragões, Melequento? — perguntou Perna-de-peixe.

— Tenho orgulho em dizer que não — disse Melequento, com dignidade.

— Bem, cale a boca, então — disse Perna-de-peixe. Melequento pegou o braço de Perna-de-peixe e começou a torcê-lo.

— Ninguém, mas NINGUÉM mesmo, manda

MALVADO MELEQUENTO calar a boca.

— *Eu mando* — retrucou Impiedoso, o Cabeça-oca. Ele agarrou Melequento pela camisa e o levantou do chão. — SEU dragão provocou nosso fracasso tanto quanto o DELE. Eu não vi o dragão de *ninguém* aqui sentado, dando uma de bonzinho no meio da briga. VOCÊ cale a boca ou vou arrancar todos os seus membros e atirá-los às gaivotas, seu coração enrugado, cérebro de alga, PORCO engolidor de lula.

Melequento fitou os olhos pequenos e firmes de Impiedoso.

E calou a boca.

Impiedoso o derrubou no chão e limpou as mãos na túnica, com ar de desprezo.

— De qualquer modo — disse Impiedoso —, MEU pai também estava naquele estúpido Conselho de Anciões. Estou com Soluço. Que tipo de pai coloca suas Leis idiotas acima da vida do filho? Que tipo de Teste estúpido era aquele, afinal? Se salvarmos todas essas pessoas burras de um dragão DE VERDADE, como o que está lá na praia, talvez eles nos deixem fazer parte dessa Tribo estúpida, no final.

“BOM, BOM, BOM”, pensou Soluço. “Essa é uma reviravolta do destino. Talvez o dragão esteja certo, ele vai me ajudar nessa história de como me tornar um herói. Antes de me devorar, é claro.”

Bastou um único encontro com Morte Verde, e lá estavam dezenove jovens bárbaros, a maioria deles maior, mais forte e mais corajosa que



VOCÊ cale a boca ou vou arrancar todos
os seus membros e atirá-los às gaiotas,
seu coração entugado, cérebro de alga,
PORCO engolidor de lula.

Soluço, todos olhando o menino com expectativa, esperando que ele lhes dissesse o que fazer.

Soluço ficou na ponta dos pés e tentou fazer cara de herói.

— O.K. — disse. — Preciso de um tempo para pensar.

— ABRAM ESPAÇO PRO GAROTO AQUI! — berrou Impiedoso, empurrando todos os outros. Ele puxou uma pedra para Soluço se sentar.

— Pense o tempo que quiser, cara — disse Impiedoso. — Trata-se de uma situação que exige muita reflexão, e tenho a impressão de que você é o único aqui que sabe refletir. Qualquer pessoa que consegue conversar com um tubarão alado do tamanho de um planeta por vinte minutos e sair com vida é um pensador melhor que eu.

Soluço percebeu que começava a simpatizar com Impiedoso, o Cabeça-oca.

— QUIETOS! — gritou Impiedoso. — SOLUÇO ESTÁ PENSANDO.

Soluço pensou. E pensou.

*** * ***

Depois de mais ou menos meia hora, Impiedoso disse:

— Seja lá o que você estiver pensando para se livrar daquele dragão, precisa servir para o outro também.

— Tem OUTRO dragão? — indagou Soluço. Impiedoso fez que sim com a cabeça.

— Fui até o Ponto Culminante e o avistei

enquanto você conversava com o Monstro Verde.

— TUDO BEM — disse Solução. — Na verdade, essa é uma boa notícia. Vamos dar uma olhada no novo Horror.

O caminho até o Ponto Culminante estava imundo com conchas e ossadas de golfinhos espalhadas pela tempestade gigante. Enquanto andavam, eles chegaram a passar diante até mesmo dos destroços de uma das embarcações preferidas de Stoico, o *Pura Aventura*, que tinha naufragado havia sete anos e agora estava empoleirado de um jeito esquisito numa rocha a mais de meio caminho da colina mais alta de Berk.

Lá do topo era possível ver quase toda a costa de Berk e o mar ao redor. Do outro lado da ilha, um dragão ocupava todo o espaço da Caverna Oculta e ainda sobrava para os lados.

O queixo enorme e maligno descansava apoiando no rochedo como se fosse um travesseiro. Colunas imensas de fumaça violeta escapavam de suas narinas roncantes.

Era outro *Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus*, de uma cor púrpura gloriosa, e era um pouco maior que o dragão na Praia Longa.

— Acho que deve se chamar Morte Púrpura — sussurrou Solução, tremendo. — É disso que precisamos. Você tem certeza de que não existem outros dragões?

Impiedoso riu, um pouco histérico.

— Acho que são só essas duas máquinas de matar, pesadelos mesmo. Dois não são o bastante para você?

* * *

De volta ao Ponto Culminante, Solução delineou seu Plano de Ação.

Era Diabolicamente Astuto, e um pouco desesperado.

— Não somos grandes o bastante para lutar contra esses dragões — disse Solução —, mas eles *podem* lutar UM CONTRA O OUTRO. Precisamos fazê-los ficar *realmente* bravos um com o outro. Nós, Hooligans Cabeludos, concentraremos nossos esforços no Morte Verde, e vocês, Cabeças-ocas, no Morte Púrpura. E só vamos precisar de nossos dragões, que parecem ter sumido, então é melhor começar a chamá-los.

Eles saíram gritando pelos dragões, o mais alto possível, e mesmo quando gritaram mais alto que o normal não houve resposta.

Os vinte dragões que pertenciam aos calouros não estavam, na realidade, muito longe. Eles tinham feito as pazes depois da briga de dragões e agora se escondiam num pântano assustador a alguns quilômetros do lugar onde os meninos ficaram, perto do Ponto Culminante. Estavam agachados como se fossem gatos gigantes, entre as folhagens, os olhos malevolentes brilhando. Tinham uma cor tão parecida com a do pântano que estavam perfeitamente camuflados no lamaçal. Se você fosse um coelho ou um veado, não perceberia nada até sentir a garra nas costas ou o fogo quente na nuca.

Vinham seguindo os meninos havia algum tempo.

— Então — sussurrou Lagarta de Fogo, a língua cintilando, ameaçadora —, o que vamos fazer agora?

O poder está mudando de mãos nesta ilha. Os Mestres não serão os mesmos. Eles estão aprisionados, feito lagostas no pote. Nós, não. Podemos voar sempre que quisermos. Vamos obedecer ou desertar?

Um dragão não é o tipo de criatura que gosta de ajudar perdedores.

— Seja qual for a atitude — murmurou Garra Brilhante —, vamos tomá-la **RAPIDAMENTE**, porque minhas asas estão congelando.

— Podemos matar os meninos agora e levá-los como oferenda ao Novo Mestre — sugeriu Lesma

Marinha, com um grunhido de prazer.

— Quem, o grande Demônio verde que está na praia? — disse Vaca Aterrorizante calmamente. — Não gosto do olhar dele. Ele tem fome demais. Vamos acabar sendo a próxima oferenda.



— Vamos voar, então — disse Garra Brilhante, e os outros murmuraram, concordando.

— S-s-silêncio — sibilou Lagarta de Fogo. — Essas ilhas são perigosas — ela disse com desdém. — Podemos voar para escapar de um perigo e cair em outro. Acho que devemos obedecê-los até termos certeza de que foram derrotados. Quando chegar a hora, eu darei o sinal para desertar.

E assim, como se saídos de lugar nenhum, Lagarta de Fogo, Lesma Marinha, Vaca Aterrorizante, Matador, Garra Brilhante, Crocotigre e todos os outros dragões voaram de seus esconderijos e subiram devagar, traçando círculos



inante, de
garoto.

ela, reclam

luço.

Diabolicam

14. O PLANO DIABOLICAMENTE ASTUTO



Os dragões protestaram um pouco, mas os meninos berraram para que eles fizessem fila.

Todos com exceção de Banguela, que se recusou terminantemente a obedecer.

— V-v-vocês devem estar b-b-brincando — debochou o pequeno dragão. — Eu me recuso a ir a qualquer lugar P-P-PERTO de um D-D-Dragonismarinus Gigantescus M-M-Maximus. Aquelas coisas são p-p-perigosas. Vou ficar aqui, observando vocês.

Solução lhe deu uma bronca, depois fez chantagem e ainda o ameaçou, tudo em vão.

— Estão vendo? — disse Melequento. — O Inútil não consegue convencer nem seu próprio dragão a participar de seu plano patético. E é NESSA pessoa que vocês confiam para nos tirar da confusão?

— Humpf! — resmungou Bafoca de Maluquício.

— AH, CALABOCA, Melequento! — disseram os outros meninos em coro.

Solução deu um suspiro e desistiu.

— Tudo bem, então. Banguela, você fica sentado aqui e perde todo o açúcar! Agora, quero que todos desçam até o Recanto do Ninho de Gaivota e recolham todas as penas de pássaros que conseguirem. Vamos fazer bombas de penas...

— Penas de pássaros! — desdenhou Melequento. — Esse imbecil acha que pode enfrentar uma criatura DAQUELA com penas! O aço frio de uma espada é a única língua que esse tipo de bicho vai compreender.

— Os dragões têm tendência a asma — explicou Solução. — Por causa de tanto soltar fogo. A fumaça entra nos pulmões.

— Então você acha que o monstro vai morrer ali, de asma, por causa de umas poucas BOMBAS DE PENAS? Porque você não o alimenta só com peixe frito para ver se ele cai morto com um ataque cardíaco daqui a uns vinte anos? — ironizou Melequento.

— Não — disse Solução, com paciência —, as bombas de penas só vão deixá-lo desnortado, assim ele não sai matando ninguém. Melequento, Impiedoso, vou precisar orientar Lagarta de Fogo e Matador quanto ao que deverão dizer — continuou Solução.

— Eu não vou arriscar *meu* dragão nesse plano maluco — disse Melequento.

— AH, VAI SIM! — sussurrou Impiedoso, os dentes rangendo, o punho brandindo contra Melequento. — Esse cara é um CHATO, Solução. Não sei como você consegue aguentá-lo. Ouça,

Cheio de Meleca, por algum milagre você capturou um dragão razoável. Trate de MANDAR seu bicho obedecer ao Soluço ou eu, PESSOALMENTE, terei o prazer de chutar você até a praia, e depois de lá para cá.

— O.k. — disse Melequento, irritado. — Mas não me culpe se todos nós virarmos churrasquinho por causa da péssima ideia desse Inútil.

* * *

Soluço supervisionou a confecção das bombas de pena.

Os meninos recolheram grandes braçadas de penas do Recanto do Ninho das Gaivotas.

Depois, eles roubaram todo o material que conseguiram encontrar lá: os babadores de Garganta-de-sapo, os pijamas de Bocão, a tenda de Morgadão, o Cabeça-oca, o sutiã de Valhalarama — quaisquer objetos que encontrassem. Os adultos estavam ocupados demais trocando ideias para reparar nisso.

Melequento ficou um pouco mais animado por poder exibir seu impressionante talento para o Roubo. Ele conseguiu afanar a cueca de Barrigão Caído de Cerveja enquanto ele estava de pé no meio da bagunça na qual se discutia um Plano-de Ação. O homem não reparou, nem sequer quando estendeu a mão peluda, distraidamente, para coçar a barrigona — ele estava muito ocupado falando de Métodos para Gritar Melhor e Mais Alto.

Os meninos então embrulharam as penas



Sutiã extrafirme para treinamento
pesado de Valhalahama



Cuecas felpudas de
BARRIGÃO CAÍDO
DE CERVEJA

com o material que conseguiram, de modo que se espalhassem no ar quando as bombas fossem lançadas.

Cada time de dez meninos estava armado com uma centena dessas bombas de penas, guardadas em um enorme saco feito de uma antiga vela de barco.

Soluço liderou os Hooligans na direção da Praia Longa, enquanto Impiedoso conduzia os Cabeças-ocas até a Caverna Oculta.

A fileira de meninos conversava animada enquanto seguia Soluço; Espinha-de-porco e Perdido, na retaguarda, arrastavam a vela, e os dragões voavam em círculos e davam rasantes um pouco acima de suas cabeças. Vikings são destemidos, criados para serem soldados, então até mesmo Soluço e Perna-de-peixe ficaram animados em pensar na batalha que estavam prestes a travar.

Mas, assim que o monstro surgiu, os garotos e seus dragões instantaneamente ficaram agitados, com o coração disparado.

Era impossível que UMA CRIATURA fosse TÃO grande.

Soluço os levou até o mais próximo que pôde da beira do precipício que dava para a Praia Longa.

Eles olharam para baixo e viram a terrível criatura roncando bem à frente. Só as narinas já tinham o tamanho de seis portas, e o fedor que saía delas dificultava a respiração dos meninos.

Espinha-de-porco, que sempre teve problemas

de estômago, vomitou no arbusto, de um jeito nojento.

Soluço, Perna-de-peixe e Perdido desamarraram as bombas de penas e as deram aos meninos. Os garotos chamaram seus dragões, baixinho, e cada um colocou uma bomba na boca de seu animal.

Então, eles ficaram de pé na beira do penhasco com os dragões pousados em seus braços esticados.



Essa atitude exigia quase a mesma coragem que você precisaria ter para saltar de uma montanha de trezentos metros de altura. Mesmo com o monstro profundamente adormecido, a reação natural dos garotos teria sido ir se esconder no pântano.

Soluço prendeu a respiração.

Ergueu o braço em sinal de comando.

— Voe — sussurrou Soluço.

— VOEM! — gritaram os meninos, e dez dragões começaram a voar em volta da cabeça adormecida do monstro.

Assim que Morte Verde inspirou, Soluço gritou “AGORA!”, e os dragões lançaram as bombas de penas.

Morte Verde inspirou ar e penas. Ele despertou com um espirro gigante, tremeu e tossiu. Lagarta de Fogo, que estava pairando perto de seu ouvido direito, fez um discurso que era mais ou menos assim, embora bem mais irritante:

— Saudações, Dragonusinarínhus Pusílanímus Mínímus, da farte de meu pai, o Terror dos Mares. Ele está com vontade de comer os bárbaros e, se tentar impedi-lo, ele vai devorar é VOCÊ. Nade para longe, sua enguiaazinha, e estará a salvo. Se ficar na ilha, sentirá como as unhas dele são afiadas e como é forte seu bafô de fogo.

O monstro gigante tentou rir sarcasticamente e tossir ao mesmo tempo, mas isso é praticamente impossível. Uma pena fez o caminho errado e provocou ainda mais tosse.

Então Lagarta de Fogo mordeu seu focinho.



Lagarta de Fogo lidera a
Operação Ataque de Corisa.
Sutiã de Valhalarama virou uma bomba
dupla com grande poder de ação.

Deve ter sido como receber uma mordida de pulga, mas mesmo assim o Monstro se ofendeu.

Com os olhos lacrimejando, Morte Verde deu um golpe na dragoa-pulga e errou. Uma das garras gigantes acabou arrancando parte da encosta do penhasco.

Os nove dragões restantes, àquela altura, regressavam para pegar mais bombas de penas com os garotos nos rochedos.

— AGORA! — gritou Solução, e numa fração de segundo eles soltaram as bombas. Elas atingiram o alvo, que eram as narinas de Morte Verde, e ele entrou em colapso de tanto tossir.

— Você não pode vencer, seu verme maldito — gritou Lagarta de Fogo. — Volte ao mar, onde é seu lugar, e deixe que meu Mestre se sirva de seu jantar.

Agora Morte Verde estava *realmente* bravo. Ele lançou-se para o lado, na direção de Lagarta de Fogo, tentando apanhar o átomo irritante de dragoa com as garras.

Mas capturar Lagarta de Fogo era tão difícil para Morte Verde quanto seria para você pegar uma mosca com as próprias mãos. Os Dragões têm mais habilidades que os humanos nesse tipo de jogo, mas Morte Verde não acertava o outro dragão porque seus olhos lacrimejavam muito.

— Errou de novo! — zombava Lagarta de Fogo, divertindo-se imensamente enquanto escapulia das garras de Morte Verde.

Morte Verde, por sua vez, saltou na direção dela, mas Lagarta de Fogo sobrevoou o canto do

rochedo, desviando em direção à Caverna Oculta.

Soluço e os meninos correram atrás deles o mais rápido que conseguiram, mas era impossível alcançá-los. Correr no mato não é muito diferente de correr com lama até o joelho, e eles ficavam afundando no atoleiro do pântano.

À medida que Lagarta de Fogo e o Monstro se afastavam numa corrida pela costa, levava cada vez mais tempo para que os outros dragões voassem até os meninos e regressassem com mais bombas de penas.

Os comandantes militares entre vocês reconhecerão o tipo de problema que ocorre quando a linha de suprimentos não consegue mais alcançar as forças no fronte.

Finalmente, estava levando tanto tempo para chegar a munição que houve uma hora em que não havia mais penas fazendo cócegas nas narinas de Morte Verde. Seus olhos pararam de lacrimejar e, de repente, ele conseguiu enxergar nitidamente Lagarta de Fogo...

Num reflexo rápido como um relâmpago, Morte Verde pegou a dragoa vermelha com sua garra gigantesca.

Foi muita sorte de Lagarta de Fogo que naquele exato momento Morte Púrpura estivesse vindo do outro lado e golpeasse Morte Verde diretamente no estômago. O dragão soltou Lagarta de Fogo por um segundo, e ela conseguiu fugir, aliviada.

Morte Verde sentou-se pesadamente no solo marinho e tentou recuperar o fôlego.
Morte Púrpura fez o mesmo.



15. A BATALHA MORTAL NO PROMONTÓRIO DA MORTE

Enquanto Solução e sua equipe irritavam Morte Verde, Impiedoso e o grupo dele enfureciam Morte Púrpura.

Os dois monstros se pegaram a golpes quando se encontraram na esquina do Promontório da Morte.

Uma das asas de Lagarta de Fogo fora quebrada em dois lugares depois de ser atingida por Morte Verde, mas ela se defendera corajosamente e ainda fizera o discurso final no ouvido do monstro, quando ele se sentou, tentando recuperar o fôlego.

— Aqui está ele — gritou Lagarta de Fogo. — Meu Mestre, o Horror Púrpura, que vai arrancar cada membro de seu corpo e cuspir suas unhas!

E Lagarta de Fogo saiu voando em círculos o mais rápido possível, com uma asa pendurada.

Morte Verde estava num péssimo dia.

Um *Dragonusmarinhus Giantescus Maximus* jamais sonharia em atacar outro animal da mesma

espécie. Eles evitam lutar uns contra os outros porque sabem que são fortemente armados e a batalha pode acabar na morte de ambos.

Contudo, Morte Verde tinha sido atacado, tinha escutado zombarias da parte de criaturas minúsculas que feriram e ultrajaram sua vaidade. Essa criatura, que parecia pensar que era mais forte que Morte Verde, o golpeara fortemente no peito.

Morte Verde não pensou duas vezes.

Ele saltou sobre Morte Púrpura com as garras estendidas, soltando grandes bolas de fogo que iluminaram a paisagem ao redor como se fossem raios.

A terra e o mar chocalhavam como em um grande terremoto à medida que os dois monstros gigantes se enfrentavam loucamente, gritando as piores maldições em dragonês.

Morte Verde destruiu completamente o Recife dos Naufragados com um único golpe da pata.

As asas de Morte Púrpura provocaram grandes deslizamentos nos rochedos do Promontório da Morte.

Agora que seu trabalho havia terminado, os meninos vikings estavam correndo o mais rapidamente possível, os olhos esbugalhados de terror, temendo que um dos dragões sobrevivesse à luta. De vez em quando, eles olhavam para trás, tentando descobrir como estava indo a batalha.

Gritos horríveis, temíveis cortavam o ar enquanto os dragões arrancavam pedaços uns dos outros.

O Dragão do Mar é a criatura com mais defesas que já viveu neste planeta. Em alguns pontos, sua pele chega a ter um metro de espessura, coberta de conchas e crustáceos que funcionam quase como uma armadura.

É também a criatura mais bem armada que já viveu neste planeta, com garras de navalha e dentes que conseguem rasgar a couraça de sua própria espécie com se fosse uma folha de papel...

Agora, ambos os dragões tinham ferimentos horríveis, e o sangue verde deles jorrava.

Morte Verde agarrou Morte Púrpura pelo pescoço, tentando enforcá-lo.

Morte Púrpura tentou sufocar Morte Verde com um abraço de urso.

Nenhum dos dois soltava o outro — e a pegada de um dragão é algo horrível. Eles lembravam Solução do desenho em um dos escudos de seu pai: dois dragões formando um círculo perfeito enquanto se devoravam, cada um com a cauda do outro na boca.

Os dragões lutavam com selvageria na arrebentação, tossindo e engasgando, os olhos esbugalhados, as caudas criando ondas imensas que ensopavam os meninos, embora eles estivessem fugindo dali o mais depressa que podiam.

Finalmente, com derradeiros tremores e ruídos mortais, as duas bestas imensas ficaram imóveis na água. Reinou o silêncio.

Os meninos pararam de correr. Eles ficaram

recuperando o fôlego, observando com medo os monstros imóveis. Os dragões dos meninos, que voavam um pouco adiante dos donos, também se viraram, ainda pairando no ar.

As Criaturas Terríveis não se moveram.

Os meninos aguardaram por dois longos minutos, enquanto as ondas batiam gentilmente contra aqueles corpos imensos e imóveis.

— Eles estão mortos — disse Impiedoso, finalmente. Os meninos começaram a rir histericamente, agora que o terror tinha passado.

— Muito bem, Soluço! — Impiedoso deu um tapinha nas costas do menino.

Mas Soluço parecia preocupado. Ele estreitava os olhos, esforçando-se para escutar alguma som.

— Não consigo ouvir nada — disse Soluço, ansioso.

— Você não pode ouvir nada, porque eles estão MORTOS — disse Impiedoso alegremente. — Três arras para Soluço!

No meio das celebrações, Lagarta de Fogo soltou um grito terrível.

— DESERTEM! — ela berrou. — DESERTEM, Desertem, desertem, desertem, desertem!

A cabeça do cadáver de Morte Verde ergueu-se lentamente e virou-se em sua direção.

— Ih, caramba... — disse Soluço.



Ih, caramba...

16. O PLANO DIABOLICAMENTE ASTUTO DÁ ERRADO

Soluço esperava ouvir o Canto de Morte do Dragão Verde, mas ele ainda não tinha começado.

Morte Verde estava morrendo, mas ainda não estava morto.

E estava *muito*, mas muito bravo, de verdade.

De sua boca sangrenta saía um sibilo fraco.

— Onde ele está?

Ele se ergueu e sibilou com mais força:

— ONDE ele está? Onde ESTÁ o Jantarzinho? Eu sabia que o havia reconhecido, ele é minha maldição, não há dúvida. O Jantarzinho ME transformou em jantar. Eu, Morte Verde!

Enquanto o dragão falava, ele ia se inclinando muito lenta e dolorosamente, os olhos fixos no topo do rochedo, onde podia ver os pequenos seres humanos que começavam a correr pela ilha de novo.

O dragão atirou para trás a cabeça e soltou um GRITO aterrorizante de VINGANÇA, horrível e tortuoso.

— VOU devorar o JANTARZINHO antes de partir, vou mesmo — disse o dragão e deu um salto adiante.

— CORRAM! — gritou Soluço, mas todos já estavam correndo o mais rápido que conseguiam.

A distância, Soluço conseguia ver os quatrocentos guerreiros das Tribos dos Hooligans

Cabeludos e dos Cabeças-ocas vindo do Ponto Culminante na direção deles. Devem ter se preocupado com o sumiço dos meninos e saído para procurá-los.

“Mas eles não chegarão aqui a tempo”, pensou Soluço, “e, mesmo que isso aconteça, o que poderão fazer?”

Bem nessa hora, o dragão pousou no alto do rochedo, fazendo um barulho enorme, e, de repente, o sol estava escondido.

Vinte meninos correram em busca de refúgio sob as plantas.

O dragão pegou com uma garra o menino que estava mais próximo e o virou de barriga para cima.

Era Bafoca. Quando o dragão o pôs de lado, murmurando “Você não...”, os outros meninos já haviam desaparecido no pântano.

O dragão estava muito ferido, mas ria levemente.

— Vocês não estão a salvo aí. Porque, embora eu não possa vê-los, posso matá-los usando meu... FOGO!

O pântano foi incendiado com o primeiro sopro de fogo do dragão, e os meninos saíram correndo como loucos.

Soluço ficou um pouco mais, porque sabia que o monstro o aguardava.

Finalmente, o calor se tornou insuportável, e ele respirou fundo, fechou os olhos e correu no descampado.

tinha percorrido alguns poucos metros segurando duas garras do dragão por cima do orno dele e o levantaram. Ele ficou lá até que os outros meninos pudessem chegar lá embaixo.

Ele segurou Solução diante de si. *OS DOIS* somos refeições, Jantaram e colocou Solução para o alto.

Solução dava a segunda cambalota. “Agora, realmente, *ESTE É* o fim da minha vida.”

Ele caiu.

Ele caiu para baixo. Lá estava a boca do orno como se fosse um túnel grande e escuro. Ele ia cair ali dentro.



17. NA BOCA DO DRAGÃO

Soluço caiu na boca do dragão, e os dentes do bicho se fecharam como se fossem portas de prisão.

Ele estava despencando na mais completa escuridão cercado por um cheiro tão horrível que era sufocante.

De repente, a queda foi interrompida por um solavanco — a camisa do menino se enganchara em algo e ele ficou pendurado.

Soluço permaneceu ali, na escuridão, balançando suavemente. Por um golpe de sorte sua camiseta ficara presa em uma lança que estava fincada na garganta do dragão desde o banquete Romano. O pé de Soluço tocou a parede do que ele achava ser a garganta do dragão. Os sucos digestórios da fera queimavam feito ácido, e ele afastou o pé.

Acima de sua cabeça, Soluço podia ouvir a grande língua do dragão lambendo e cutucando a boca, procurando-o para mastigá-lo até a morte... A fera não tinha a intenção de engoli-lo de uma vez só.

Um rio de gosma verde e nojenta desceu pela garganta avermelhada e inchada do dragão. No lado oposto ao que Soluço estava pendurado, dois pequenos buracos na parede viscosa emanavam um vapor amarelo-esverdeado. E vez ou outra uma pequena explosão ali dentro fazia escapar uma labareda.



“Que interessante”, pensou Solução, que estava estranhamente calmo, porque não conseguia acreditar que aquilo estivesse de fato acontecendo. “Esses buracos devem ser a passagem do fogo.”

Havia anos biólogos vikings pesquisavam de onde vinha o fogo dos dragões. Alguns alegavam que saía dos pulmões; outros, do estômago. Solução

foi o primeiro a descobrir os buracos de passagem do fogo, que, em um dragão de tamanho normal, são pequeninos demais para serem vistos a olho nu.

Lá embaixo, Solução podia ouvir a distante cantoria da refeição anterior do dragão. “Um *Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus* obviamente leva muito tempo para digerir”, pensou o menino.

O barulho ainda estava bem alto:

*Seres humanos nunca têm gosto,
mas se você temperar um tantinho
Terá um bom almoço
jogando neles um salzinho.*

A lança lentamente se curvava com o peso de Solução. Era só uma questão de tempo até que ela quebrasse e ele caísse, para se juntar ao alegre otimista que o esperava lá embaixo.

E o que era pior: a fumaça, o calor e o fedor estavam começando a deixar Solução confuso, de modo que ele nem sequer se *IMPORTAVA* mais. O barulho horrível do batimento cardíaco do dragão adentrara o peito de Solução, e seu próprio coração se vira forçado a seguir aquele ritmo.

“Afinal, um dragão precisa viver”, ele começou a pensar. E depois ele se lembrou das palavras do dragão quando estava no alto do rochedo: “Você pensará como eu, quando estiver dentro de mim...”

“Ah! Não!”, pensou Soluço. “A digestão do dragão! Já começou!”

— Eu preciso viver! Preciso viver! — ele repetia para si mesmo sem parar, tentando desesperadamente bloquear os pensamentos do dragão.

Seguiu-se um barulho horroroso de algo quebrando: era a lança Romana, que começava a se partir em duas...



18. A CORAGEM EXTRAORDINÁRIA DE BANGUELA

E esse teria sido o fim de Solução, não fosse pela bravura extraordinária de um certo Devaneio Banguela.

Banguela, se você lembra, tinha se recusado a participar da batalha no Promontório da Morte. Ele pretendia voar para bem longe da costa e ficar escondido até se sentir a salvo outra vez, mas acabou demorando um pouco no Ponto Culminante, assustando pássaros e coelhos.

Ele devia estar se divertido muito, pois não ouviu a aproximação de Stoico e das Tribos inteiras dos Hooligans e dos Cabeças-ocas, até que Stoico o agarrou pelo pescoço.

— ONDE ESTÁ O MEU FILHO? — indagou Stoico.

Banguela deu de ombros de um jeito malcriado.

— ONDE ESTÁ O MEU FILHO??? — gritou Stoico tão alto que os ouvidos de Banguela estremeceram.

Banguela apontou para o Promontório da Morte.

— MOSTRE PARA MIM — disse Stoico, sério. Sob o olhar duro de Stoico, Banguela voou, com relutância, até o local, seguido pelas duas Tribos.

Eles chegaram a tempo de ver o monstro terrível atirar Solução pelos ares e apanhá-lo com a boca como um petisco.

“Fim do Plano Diabolicamente Astuto”, pensou Banguela.

Ele ia aproveitar o momento de distração de Stoico para escapar até um lugar seguro quando algo o deteve.

Ninguém sabe o que foi que aconteceu.

Chegou o momento que mudaria toda a visão de mundo da Tribo dos Hooligans. Durante séculos, acreditamos que era impossível que os dragões tivessem pensamentos altruístas ou atos de generosidade. Mas o que Banguela fez em seguida jamais poderia ser explicado como algo que correspondesse a seus interesses naquele momento.

Todos os seus colegas, os dragões de estimação, sobrevoavam o Oceano Interno. Assim que ouviram o grito de Lagarta de Fogo dizendo que “desertem”, os que estavam escondidos nas cavernas, ou nas fendas, ou agachados debaixo de plantas, levantaram voo juntos, como em um enxame, e abandonaram o antigos Mestres, fugindo até onde suas asas os levavam.

Aqueles do Rochedo do Dragão Selvagem já tinham partido havia horas.

Mas algo impediu Banguela de acompanhá-los — talvez tenha sido o grito de sofrimento e impotência de Stoico, aquele “NÃO!!!”, que o comovera. Ou talvez, em algum lugar de seu coração verde de dragão egoísta, ele realmente gostasse de Soluço e sentisse gratidão pelas horas que passaram juntos, a atenção, as piadas, o fato de que ele nunca berrava, ou porque a lagosta que ele lhe dera era a maior e mais gostosa de todas.



— Dragões são E-E-EGOÍSTAS! — Banguela disse a si mesmo. — Dragões são d-d-desalmados e ímpiedosos. É isso que nos t-t-torna s-s-sobreviventes.

Mesmo assim, ALGO fez com que ele voltasse, ALGO fez com que ele juntasse as asas ao corpo e voasse feito uma flecha de dragão na direção do Grande Monstro no topo do rochedo. Uma atitude que *de fato não* era do maior interesse de Banguela, como disse antes.

O pequeno dragão voou direto para dentro da narina esquerda do Monstro e começou a se mover para cima e para baixo dentro do nariz, provocando cócegas com suas asas.

O Dragonusmarinhus respirou e fungou, enrugando o nariz feito um louco:

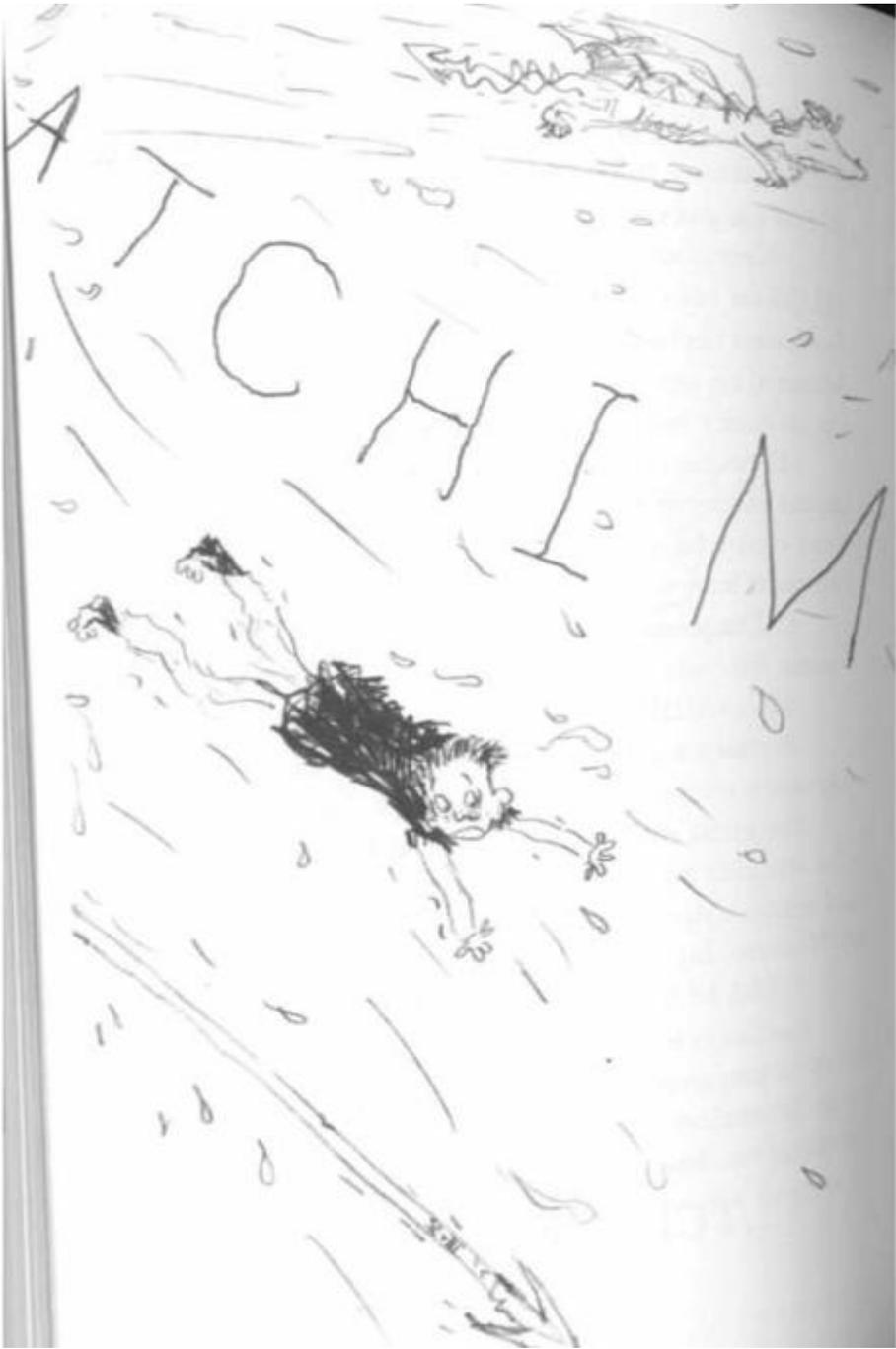
AAAAAHHHHH...

A criatura enfiou a garra no nariz, num gesto nojento, e tentou arrancar a mosca que o irritava.

Banguela não conseguiu desviar da garra a tempo e foi atingido no peito. Mas ele estava tão animado que mal sentiu a dor do ferimento, continuou a fazer cócegas no Monstro, fugindo da garra que queria pegá-lo.

— AAAAAAAHHHHBHHHHHH... — fez o dragão. Enquanto isso, Soluço era atirado de um lado para o outro na garganta do animal, que balançava a cabeça sem parar. O menino tentava desesperadamente se manter pendurado na lança, que podia cair a qualquer momento.

— ...TCHIIIMMM!!!



O dragão finalmente espirrou Soluço, a lança e Banguela, e muita caca de nariz se espalhou na paisagem.

Banguela lembrou-se, no meio do ar, que meninos não voam.

Ele dobrou as asas e mergulhou em direção a Soluço, que caía com velocidade rumo ao chão.

O dragão agarrou o garoto pelo braço e tentou suportar seu peso. As garras de um dragão são extraordinariamente fortes e, ainda que não tenha conseguido impedir a queda de Soluço, Banguela amorteceu bastante o impacto dele no chão.

Stoico atravessou o gramado como um louco.

Ele apanhou o filho e encarou o Monstro, mantendo o escudo sobre o corpo do menino desacordado.

Banguela escondeu-se atrás de Stoico.

Morte Verde tinha se recuperado do ataque de espirro. Ele avançou, sangrando horrivelmente por causa dos ferimentos fatais no peito e na garganta. Abaixou sua cabeça terrível até alcançar o nível do rochedo, e seus olhos amarelos fitaram Stoico diretamente.

— A hora da morte chegou para todos nós — disse Morte Verde. — Você não pode salvar a vida dele agora, sabe disso. Está muito, muito impotente. Meu FOGO vai derreter seu escudo feito manteiga...

Morte Verde abriu a boca e respirou fundo, devagar. Stoico tentou agarrar-se aos arbustos para evitar que fossem levados, mas ele, Soluço e Banguela agora eram sugados lenta e firmemente

na direção do túnel negro e gigantesco formado pelas mandíbulas abertas do Monstro.

Morte Verde fez uma pausa momentânea antes de respirar novamente, divertindo-se em aterrorizá-los.

— É isso o que *a-a-acontece* quando não se respeita a Lei dos Dragões... — guinchou Banguela, horrorizado, enquanto espiava por trás da túnica de Stoico.

O monstro inflou as bochechas, e Stoico e Banguela ficaram esperando o jato de fogo.

Mas não saiu fogo algum.

Morte Verde pareceu surpreso. Inflou as bochechas e soprou com mais força.

E, novamente, nada de fogo.

Ele tentou mais uma vez, e agora sua cabeça parecia estar ficando de uma cor roxa estranha, tanto era seu esforço de soprar, e ele dava a impressão de estar inchando, tornando-se cada vez maior, como se estivesse sendo inflado.

O monstro não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Ele balançou a cabeça vigorosamente, os olhos se arregalando mais e mais, até que houve um ruído tão alto que se reverberou por muitos quilômetros...

...e Morte Verde explodiu bem diante dos olhos de todos.

Isso pode até parecer um milagre, ou intervenção dos deuses. Mas, na realidade, havia uma explicação lógica. Quando Solução estava pendurado na garganta do Dragão do Mar, repetindo desesperadamente “Preciso viver, preciso

viver”, ele tirou o capacete e encaixou os chifres nos buracos que davam passagem para o fogo. Coube direitinho.

Então, quando o dragão tentou expelir fogo, o bloqueio gerou uma pressão crescente, tão grande que Morte Verde simplesmente explodiu.

Agora, havia pedaços de dragão voando em todas as direções. Stoico e Banguela tiveram uma sorte incrível, pois não foram atingidos por nada, mesmo estando tão perto da explosão.

Mas um único dente do dragão em chamas, de uns dois metros e meio (um dos menores), explodiu bem na direção de Solução. O menino tinha sido arrastado de debaixo do escudo de Stoico quando o monstro inspirou, e estava deitado na grama perto do pai e de Banguela, completamente exposto.

Stoico percebeu pelo canto do olho o movimento do dente do dragão e mergulhou na frente dele com escudo. Só um viking seria tão rápido. Caçar aves com arco e flexa ajuda a desenvolver esses reflexos tão instantâneos.

Assim, o escudo de Stoico *realmente* salvou a vida de Solução, no final. Se não fosse por isso, o dente teria atravessado o menino como a um churrasquinho no espeto. Mas o dente caiu e enterrou-se profundamente no centro do escudo de bronze, e lá ficou, ardendo com as labaredas esverdeadas do fogo do dragão.

Stoico ergueu o escudo, aterrorizado com a possibilidade de que o dente tivesse perfurado o corpo do filho. Mas Solução estava a salvo. De olhos

prestava atenção a algo. Ouvia u
e parecia sair do próprio dente. I
ma cantoria trêmula, cheia de e
o atravessando cavernas de cora
uis ou menos isso:

Grande Baleia-azul
go sua vida terminará,
a cauda virar ao sul
e apagará e a lua desaparecerá.
rísas estremecerão
o começar meu rugido.
s ondas balançarão
o a praia ouvir meu gemido...

tem — disse Soluço, feliz, antes
· O jantar está cantando.



19. SOLUÇO, O ÚTIL

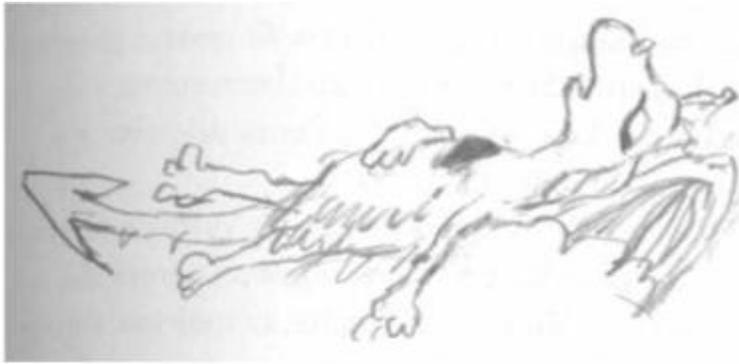
Os quatrocentos vikings que agora se reuniam no topo do rochedo celebraram a vitória de Solução e Banguela.

Era uma cena estranha, bárbara, todos estavam cobertos com gosma verde, e mesmo assim gritavam e pulavam de alegria por aqueles que tinham escapado da Morte Certa.

Ao redor deles, a luta terrível que acabara de acontecer havia devastado a paisagem. Uma fumaça sufocante, verde-acinzentada, pairava por toda parte, dificultando a visão. Grande parte do Promontório da Morte havia sido atingida durante a luta. Avalanches lançaram rochas à praia. O corpo montanhoso e terrível de Morte Púrpura estava afundando nas águas. Pedacos das entranhas e os seus ossos de Morte Verde espalhavam-se por todo canto, e grandes áreas de grama e plantas ainda estavam em chamas.

Contudo, por um milagre extraordinário, quase todos os vikings e seus dragões haviam sobrevivido àquela batalha temível.

Eu digo “quase todos”, porque quando Banguela se adiantou para lambar o rosto de seu Mestre com sua língua bifurcada e brilhante, Stoico reparou numa ferida horrível no peito do pequeno dragão, que derramava sangue verde brilhante. A garra de Morte.



Verde ferira o pequenino bem no coração — que, supostamente, ele não deveria ter.

Banguela acompanhou o olhar de Stoico e olhou para baixo pela primeira vez. Ele soltou um guincho de terror e desmaiou na hora.



Dois dias depois Solução acordou, sentindo o corpo dolorido e muita fome. Era tarde da noite. Ele estava deitado na grande cama de Stoico. O quarto parecia lotado de gente. Stoico estava ali, bem como Valhalarama, Velho Enrugado, Perna-de-peixe e a maioria dos Anciões da Tribo.

Havia também dragões: Bafo de Verme e Garra de Gancho, golpeando-se e mordiscando as pernas de Stoico, além de Vaca Aterrorizante, empoleirada no pé da cama. (Os dragões tinha voado de volta quando ouviram a explosão e perceberam que os Mestres de Berk eram novamente os Líderes. Como eram dragões, eles não deram explicações sobre seu desaparecimento, mas fizeram o favor de se comportar um pouco melhor.)

— Ele está vivo! — gritou Stoico triunfante, e todos começaram a celebrar.

Valhalarama deu um soco no ombro de Solução, o que para a mãe viking equivale a um abraço caloroso.

— Estamos todos aqui! — disse Valhalarama — Torcendo que você acordasse.

Solução sentou-se na cama, subitamente bem desperto.

— Mas não estão *todos* aqui — ele disse. — Onde está Banguela?

Todos olharam para baixo, e ninguém conseguia encarar o menino. Stoico limpou a garganta, sem jeito.

— Sinto muito, meu filho, mas Banguela não conseguiu sobreviver. Ele morreu há algumas horas.

O restante da Tribo está preparando um Funeral de Herói neste momento. É uma grande honra. — Stoico prosseguiu, apressadamente: — Ele será o primeiro dragão a receber o enterro de um viking.

— Como soube que ele estava morto? — indagou Solução.

Stoico pareceu surpreso.

— Bem, você sabe, o de sempre: sem pulso, sem respiração, a pele fria. Ele estava nitidamente morto, infelizmente.

— Ah, Pai, PELO AMOR DE THOR! — disse Solução, muito irritado. — O senhor não sabe NADA sobre dragões? Isso pode ser um COMA POR ADORMECIMENTO, é um BOM SINAL, provavelmente ele está se curando.

— Ah, pelas barbas de Thor — disse Perna-de-peixe. — Eles deram início ao funeral há meia hora...

— Precisamos detê-los — gritou Solução. — Os dragões não são totalmente resistentes ao fogo. Vão queimá-lo vivo!

Solução saltou da cama com uma energia surpreendente para as circunstâncias. Correu para fora do quarto e da casa, seguido por Perna-de-peixe e por Vaca Aterrorizante.

*** * ***

No Porto dos Hooligans Cabeludos, a cerimônia impressionante do Funeral Militar Viking estava quase terminando.

Era uma visão inacreditável, se Soluço estivesse no clima para apreciá-la.

O céu estava cravejado de estrelas. O mar, liso como vidro. As Tribos inteiras dos Hooligans e dos Cabeças-ocas estavam reunidas, imóveis, sobre as rochas, e cada membro carregava uma tocha acesa.

Até mesmo Melequento estava no funeral, tentando parecer solene, com o capacete fora da cabeça em sinal de respeito e o cabelo bem penteado.

— Vá com Thor, salamandra alada — ele sussurrou discretamente para Bafoca de Maluquício, que deu uma risadinha.

— Quem mandou quebrar a Lei. Ele mereceu — zombou Lagarta de Fogo para Lesma-marinha, que limpava o focinho no ombro de Bafoca.

A réplica de um barco viking fora lançada ao mar e se afastava lentamente da Ilha de Berk, seguindo a trilha do reflexo da lua para além dos vultos assustadores da frota destruída de Stoico e de Morgadão.

Soluço conseguia enxergar o pequeno corpo de Banguela esticado na embarcação. Ao lado dele, repousava o escudo de Stoico, o Dente de Dragão ainda cravado nele como se fosse uma estranha espada alienígena.

Bocão fez soar em seu chifre o toque de luto. Ele agora já estava completamente recuperado daquele voo inesperado.

— AAATENÇÃO!!!

Vinte e seis dos melhores arqueiros de Stoico, que aguardavam do lado direito do Porto, ergueram seus arcos. Cada arco estava munido de uma flecha em chamas.

— N-N-NÃÃ0000! — Solução soltou o berro mais alto de sua vida.



Mas era tarde demais.

As flechas reluzentes rasgaram o ar. Caíram no barco e o incendiaram. Algumas pessoas no meio da multidão viraram-se para olhar para cima, imaginando quem estaria perturbando um ritual tão solene. — SOLUÇÃO! — gritou Impiedoso, o Cabeça-oca, quando reconheceu com alegria a figura no horizonte. Seguiu-se um murmúrio de admiração entre as pessoas, que sussurravam: “É o Solução?” e depois gritavam e celebravam, repetindo o nome do menino cada vez mais alto.

Melequento ficou de queixo caído. Parecia decepcionado de ver Solução são e salvo. Ele já estava quase suportando a ideia de Solução transformado em herói morto, mas um Solução herói e *vivinho da silva* ia ser muito difícil de engolir...

Solução observava a embarcação em chamas, as lágrimas escorrendo por seu rosto.

O barco empinou, e o escudo de Stoico e o Dente afundaram na água. Assim que a última ponta do barco estava para submergir nas ondas,

quase consumida por fogo e água, as chamas se elevaram no céu. E, escapando do fogo, as asas abertas como as de uma Fênix, deixando uma trilha de cometa, surgiu... Banguela.

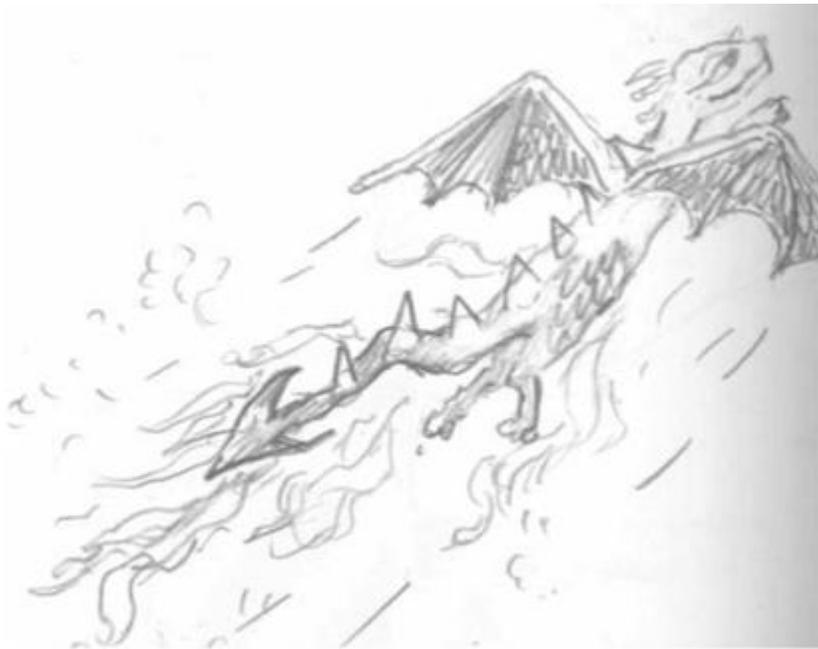
Ele alçou voo bem alto, até as estrelas, traçando um caminho de fogo enquanto se deslocava. Depois mergulhou bem baixo, na direção do mar, e desviou no último momento, diante dos gritos de admiração dos espectadores. Solução estava preocupado, temendo que Banguela estivesse sentindo dor, até que este sobrevoou a cabeça de Solução, que ouviu o grito de triunfo do dragão.

Por mais bobagens que Banguela tivesse cometido, era impossível deixar de admirar seu talento para se aproveitar da ocasião. Dragões Comuns ou de Jardim não são normalmente conhecidos por suas habilidades de voo espetaculares, mas até mesmo um deles é capaz de dar um show quando está em chamas.

Banguela riscou o céu noturno como se fosse fogos de artifícios, exibindo-se em saltos ornamentais, arabescos aéreos. A multidão, que um minuto antes pensava que iria chorar a morte de Banguela e de Solução, agora delirava de alegria ao lado deles, celebrando histericamente enquanto o dragãozinho arrasava.

Finalmente, quando o fogo ficou quente demais, Banguela mergulhou no mar para apagá-lo, voltou à superfície e pousou no ombro de Solução. Ali, ele agradeceu os intensos aplausos





com algumas reverências para a direita e para a esquerda e soltou um guincho de autoelogio tão esquisito que quase arranhou sua imagem.

Stoico sinalizou para que a multidão silenciasse e deu início ao seguinte discurso:

— Hooligans e Cabeças-ocas! Terror dos Mares, Filhos de Thor e temíveis Mestres de Dragões! Sinto-me honrado por presenteá-los com o mais recente membro da Tribo dos Hooligans Cabeludos. Eu lhes apresento meu filho: **SOLUÇO, O ÚTIL!**

E as palavras “Soluço, o Útil” ecoaram nas colinas, espalharam-se entre a alegre multidão e foram carregadas pela brisa noturna, até que o mundo inteiro parecia dizer a Soluço que, no fim das contas, ele tinha, sim, alguma utilidade.

E essa, meus amigos, *essa* é a maneira mais difícil de se tornar um herói.

Ilha de Berc,
Idade das Trevas

CARO PROFESSOR Traste,
Escrevo para me queixar
muito de seu livro Como
treinar o seu dragão.

O senhor, por acaso, já
tentou bertar com um daqueles
Dragões Marinhos Monstruosos?

Venha a Berc e eu vou lhe
mostrar do que estou falando.

Não muito cordialmente,

Stoico o Imenso

Stoico o Imenso

Epílogo do autor, Solução Spantosicus Strondus III, o último Herói Viking

A história não para aqui, é claro.

Os dezenove meninos que fizeram a Iniciação comigo há tantos anos ingressaram nas Tribos dos Hooligans Cabeludos e dos Cabeças-ocas devido a seus Atos Heroicos na derrota dos dois Dragonusmarinhus Giantescus Maximus em um único dia. A Batalha no Promontório da Morte se transformou numa lenda viking e será cantada pelos bardos enquanto eles existirem.

Claro, hoje em dia restam poucos bardos. E, além disso, ninguém nunca mais viu um Dragonusmarinhus Giantescus Maximus, por isso as pessoas já estão parando de acreditar que tal criatura tenha vivido na Terra. Especialistas escreveram artigos sugerindo que essa história simplesmente não se sustenta. Os dragões que seriam a prova voltaram para o mar, onde seres humanos não conseguem alcançá-los, e agora que o heroísmo saiu tanto de moda ninguém vai acreditar na palavra de um herói como eu.

Mas, quando se trata de dragões — e sou uma pessoa que os *conhece* bem —, eles podem muito

bem estar apenas *adormecidos* nas profundezas das trevas. Podem existir inúmeros dragões, todos em Coma por Adormecimento, com peixes desprevenidos entrando e saindo por entre suas patas, escondendo-se no meio de suas garras, botando ovos em suas orelhas.

Um dia chegará a hora em que heróis voltarão a ser necessários.

Um dia chegará a hora em que os dragões voltarão.

Quando isso acontecer, os seres humanos desejarão aprender a treiná-los e a enfrentá-los, e espero que este livro tenha mais utilidade para os Heróis do Futuro do que um certo livro com o mesmo título teve para MIM há muitos anos.

É fácil esquecer que Monstros assim existiram.

Eu mesmo me esqueço disso, de vez em quando, mas quando olho para o alto, como faço agora, vejo em minha mente um escudo, estranhamente incrustado de cracas que parecem joias e de corais de águas geladas, com um dente imenso cravado no centro. Toco a ponta desse dente, que ainda está bem afiada após todos esses anos — basta um leve roçar dos dedos para que um fio de sangue escorra por essas páginas. E inclino a cabeça, sem me aproximar muito, para ter certeza de que ainda ouço o canto bem, bem distante:

no mar

forte,

assombrar

Morte,

ção, antes de virar refe

e ao regular, o fim poe

a canta.

DRAGÕES ~~NUNCA~~ são gratos
↑
quase nunca

I-I-Issso
é um gg-grande
p-p-ponto final...



... o que em dragões significa ...

FIM